



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL  
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

MÁRCIO CAIRES CHAVES

**PEDAGOGIA GRIÔ E O ENCANTADO DO GRIÔ APRENDIZ:** caminhada de iniciação  
de um educador, contador de histórias e mediador político

FEIRA DE SANTANA  
2021

MÁRCIO CAIRES CHAVES

**PEDAGOGIA GRIÔ E O ENCANTADO DO GRIÔ APRENDIZ:** caminhada de iniciação  
de um educador, contador de histórias e mediador político

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), do Departamento de Ciências Exatas, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências Ambientais.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marjorie Nolasco  
**Coorientador:** Prof. Dr. Sérgio Bairon

FEIRA DE SANTANA  
2021

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Chaves, Márcio Caires

C439p Pedagogia Griô e o encantado do griô aprendiz: caminhada de iniciação de um educador, contador de histórias e mediador político . / Márcio Caires Chaves . – 2021. 138 f.; il.

Orientadora: Marjorie Nolasco

Co-orientador: Sérgio Bairon

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana.

Departamento de Ciências Exatas, Programa, de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Feira de Santana, 2021.

1.Oralidade. 2.Ancestralidade indígena. 3.Pedagogia Griô. 4.Alteridade. I.Nolasco, Marjorie, orient. II. Bairon, Sérgio, co-orient. III.Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU: 574:37

Maria de Fátima de Jesus Moreira - Bibliotecária - CRB-5/1120

MÁRCIO CAIRES CHAVES

**PEDAGOGIA GRIÔ E O ENCANTADO DO GRIÔ APRENDIZ:** caminhada de iniciação  
de um educador, contador de histórias e mediador político

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, do Departamento de Ciências Exatas – UEFS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências Ambientais.

Aprovada em: 30/Junho/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marjorie Csekö Nolasco  
**Orientadora**

---

Prof. Dr. Sérgio Bairon  
**Coorientador**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Nunes Maciel  
**Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Solange Aparecida do Nascimento  
**Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Librandi Rocha  
**Examinadora**

Dedico este trabalho à grande rede de famílias Griôs das aldeias indígenas, dos quilombos, dos assentamentos, das periferias, de Dom Basílio (BA), de Lençóis (BA), de Pindorama, da grande Abya Yala e do Mali (África).

## AGRADECIMENTOS

À minha companheira de vida, minha amada parteira pedagógica Líllian Pacheco.

Aos meus filhos pela inspiração, Ciro e Tainã.

À minha mãe Lilia e ao meu pai João pelo colo, amorosidade e apoio incondicional às minhas escolhas.

Aos mestres e mestras Griôs que me guiaram nesta grande caminhada de iniciação, aqui na representação do Vêi Dunga (em memória), Doci dos Anjos, Alcides de Lima, Mãe Rosa, Lina e Pedrina.

Ao meu parente Morubixaba (Cacique) Ramon Ytajibá Tupinambá, pelas aprendizagens da luta dos povos originários, cantos e ensinamentos da língua mãe tupi.

À minha parente Nádia Akawã Tupinambá, pelos cantos, orientações e proteções.

À minha parente Márcia Mura, pela escuta sensível, revisão cuidadosa, orientações e proteções.

À Professora Marjorie Nalasko e ao Professor Sergio Bairon, pela parceria e reconhecimento da Pedagogia Griô no meio acadêmico.

À Mah Kouyaté, Djelimory Diabaté, Djibril Diabaté e Yaya Konatê pelas iniciações e guianças pelo universo da tradição Griot do Mali, África.

À Griô Aprendiz, biblioteconomista e documentalista Vânia Machado, pela escuta de minhas histórias e também pelo cuidado com as referências do texto.

À minha família, minha terra e ao meu povo de Dom Basílio, BA!

**Kwekatu ete!**

**Íasy, Kwarasy, Yby sy, Eaangeté, Tetama**

## RESUMO

Peço permissão às mais velhas e aos mais velhos da minha ancestralidade pra tecer estas palavras, fios de renda de bilro ou costura de colcha de retalhos, e contar, na forma de memorial, a história de iniciação do lugar educacional, social e político do Griô Aprendiz, a partir dos saberes e fazeres de tradição oral, compreendendo o poder de ressignificação da tradição escrita por meio da linguagem da oralidade.

*Vem cá Iya Iya, vem ver  
A pancada do pilão bater  
Ô a pancada do pilão bater  
Vem cá Iya Iya, vem ver*

Ouvi esta canção de *Mãe Rosa* quando ela pilava o pilão do quintal da sua casa, sentado com ela na calçada da rua, acompanhando as suas bençãos pra comunidade, “*Deus que te dê boa sorte!*”, na comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia, nas escolas da sede e comunidades rurais, numa viagem a São Paulo pra participar de um festival internacional, fumando cachimbo, rindo, rindo, rindo, rindo..., com quem cresci aprendendo, inclusive este canto às mais velhas Iya Iya. Pela minha história de vida, associo o vínculo com a ancestralidade e a expressão da identidade na construção do lugar de educador, contador de histórias e mediador político, tecendo a palavra escrita, gerada e vivenciada pelo sagrado da oralidade, e me alinhando ao compromisso de várias lideranças de comunidades que lutam pela afirmação do lugar da tradição oral no espaço acadêmico. O Griô Aprendiz é um dos conceitos fundantes da Pedagogia Griô, criada pela educadora Lillian Pacheco e por mim em coautoria, e surgiu de minha longa caminhada de convívio e iniciação com mais velhas e mais velhos de tradição oral, em diversas comunidades e ambientes de escolas públicas. Reconheço a responsabilidade de contar esta aprendizagem oralmente, garantindo a transmissão oral de geração em geração, e também o compromisso de compartilhar no universo da tradição escrita, resguardando as perdas simbólicas e vivenciais desta passagem.

Trago como fruto a história da iniciação do Encantado do Griô Aprendiz, que é a própria sistematização da dissertação, e uma Aula Espetáculo Griô, prática da Pedagogia Griô, que inclui oralmente o que se perde na escrita: o processo vivencial com histórias, cantos, danças, louvações e outras linguagens de tradição oral.

Destaco que o que escrevo tem uma autoria coletiva de onde venho e me sinto pertencente, reflete uma longa caminhada de aprendizagens pela vasta rede de saberes e fazeres de tradição oral.

*Ô vamos vamos minha gente, que uma noite não é nada  
Ô quem chegou tupinambá, foi no rompê da madrugada  
Ô vamos ver se nós acaba com o resto da empreitada*

Aprendi este canto indígena com Nádia Akawã Tupinambá e com o Cacique Ramon Ytajibá Tupinambá, da Aldeia Tucum, Território Indígena Tupinambá de Olivença, Bahia: AIENTÊN! AWÊRE! GWÊ!

**Palavras-Chave:** Tradição Oral; Ancestralidade; Oralidade; História Oral; Identidade; Pedagogia Griô; Ancestralidade Indígena, Pertencimento Étnico-Cultural, Alteridade.

## ABSTRACT

I ask permission to the eldest women and men of my ancestry to weave these words, bobbin lace threads or patchwork, and tell, in the form of a memorial, the initiation story of the Apprentice Griot's educational, social and political place, from the knowledge and practices of oral tradition, comprehending the power of resignifying written tradition through the language of orality.

*Come here Iya Iya, come see  
The blow of the pestle hit  
Oh the blow of the pestle hit  
Come here Iya Iya, come see*

I heard this song from *Mother Rosa* when she was hammering the mortar in her backyard, sitting with her on the sidewalk, accompanying her blessings to the community, "May God give you good luck!", in the *quilombola* community of Remanso, Lençóis, Bahia, in the schools and rural communities, on a trip to São Paulo to participate in an international festival, smoking a pipe, laughing, laughing, laughing, laughing..., with whom I grew up learning, including this song to the eldest Iya Iyas. From my life story, I associate the link between ancestry and identity expression in building the place of educator, storyteller and political mediator, weaving the written word, generated and experienced by the sacredness of orality, and aligning myself with the commitment of several community leaders who struggle to affirm the place of oral tradition in the academic space. The Apprentice Griot is one of the founding concepts of Griot Pedagogy, created by the educator Lillian Pacheco and myself as co-author, which emerged from my long journey of interaction and initiation with the eldest women and men from the oral tradition, in different communities and public school environments. I recognize the responsibility of telling orally this learning, ensuring oral transmission from generation to generation, and also the commitment to share in the universe of written tradition, safeguarding the symbolic and experiential losses of this passage.

I bring as fruit the initiation story of the Apprentice Griot's enchanted, which is the systematization of the Master's thesis, and a Griot Spectacle Class, practice of Griot Pedagogy, which includes orally what is lost in writing: the experiential process with stories, songs, dances, praises and other languages from oral tradition.

I emphasize that my writing has a collective authorship by where I come from and feel belonging, it reflects a long journey of learning through the vast network of knowledge and practices of oral tradition.

*Oh come on folks, for one night is nothing  
Oh who arrived tupinambá, at the break of dawn  
Oh let's see if we finish the rest of the endeavor*

I learned this indigenous song from Nádia Akawã Tupinambá and Chief Ramon Ytajibá Tupinambá, from Village Tucum, Tupinambá Indigenous Territory of Olivença, Bahia: AIENTÊN! AWÊRE! GWÊ!

**Keywords:** Oral Tradition; Ancestry; Orality; Oral History; Identity; Griot Pedagogy; Indigenous Ancestry, Ethnic-Cultural Belonging, Otherness.

## MUMIRÍÇAWA

Aruré xiariçawa tuyuwé açuí waimĩ piri çuí çe kuxiĩmaçawa yara piri ateçeri kuá nhêëgaçawa-eta, rêda numũ bilri yara ã kouxa ritalhu, açuí kūtari, memuriaçawa rupiawa kuá yupirũpawa mbêbeuçawa rêdawa edukasiunawa, çusiawa açuí pulitiku Griô Aprendiz yara. Kuauçawa çuí açuí rikuçawa urawa çuí akũpiriêderi risiginifikaçãu murú rikuçawa kuatariwara yara uralidadi nhêëgaçawa rupí.

*E-yuri Iya Iya, e-yuri remaã*

*Íduá pó ututukari*

*E-çêdu íduá pó ututukari*

*E-yuri Iya, Iya, e-yuri remaã*

Açêdu'ana kuá Mãya Ruça yêgaçawa mairamê ututukari wera íduá pe ne kídara upé. Ixe apitá kuera ae irũmu kauçada apémira upé, airũmu aiku kuera i bêçãu kumuniçawa çupé, "Tupana umêê waa sorti purãga", Remãsu tawa tapayuna upé, Lençóis, Bahia upé. Sedi yũbueçawa ruka upé açuí kumuniçawa rurawa, yepe putaçêna São Paulo kití piri partisipari dabukuri amũretãmawara upé, upitima uiku tawari, puká...puká...ae irũmu amuaçú ayumuakuau, raĩki kuá yêgaçawa waimĩ-eta Iya Iya çupé.

Çe mbêbeuçawa rikueçawawara reçé, açusiari yumutiriçawa yãne muxiĩwaraçawa açuí idêtidadi xipereçãu edukaçara rêdawa munhãgawa upé, marãduwa miakũtaçara açuí mediacara pulitiku, ateçeri nhêëgaçawa kuatiera munhãwa açuí aikueara uraliçawa tupanawara rupi açuí çemutubika puraĩgawa upé manaka apeyara yara ulutari waa rikuçawa urawa rêdawa reçé akadêmiku rêdawa upé. Griô Aprendiz ae Pesagogia kũçeu imutara. I munhãwa Lilian Pacheco edukadura recé açuí ixé reçé maye koauturia. Yawa uyupirũ çe wataçawa pukú rikueçawa reçewara açuí yupirútawa kuxiĩma-eta irũ rikyçawa urawa recewara manaka kumuniçawa upé açuí yũbueçawa ruka pubilika ãbiêti upé. Akuau respũçabiliçawa piri akũtari kuá mukuauçawa urawarupi, kuayé ugarãtiri muçaçawa urawa yeraçau açuí yeraçau yara, açuí yiiri puraĩgawa piri amũ rikuçawa kuatiera universo upé

Aruri mayé iwá Griô Aprendiz yupirũpawa mbêbeuçawa, kuá tenhé diçertaçãu sistêmaçawa, açuí yepe yubueçawa xipetakulu Griô, pedagogia Griô puruçawa, waa umburipuri mãã ukanhêmu kuatiaracawa upé: yemunhãgawa rikuewara maye: marãduwa, yêgaçawa, purasiçawa, tupanayêgacawa açuí amũ nhêëga-eta rikuçawa urawa yara.

Adestakari mãã akuatiari urikú yepé munhãgapawa ayuri, mamê çuí ayuri açuí mamê çuí ayuçãã çuiyara, umuturi yepé watácawa pukú yũbueçawa recewara puça kuaucawa açú rupí açuí munhãgawa rikuçawa urawa reçewara

*Yasó, yasó çe anama, kuá pituna ãtimãã*

*Awá usika tupinãbá, umereçé arasi pukuçawa*

*Yasó yamaã si yamupawa kuá ayuri puera.*

Ayũbué'ana kuá yêgaçawa tapuya Nadia Akawã Tupinãbá çuí açuí Tuxawa Ramon Ytajibá Tupunãbá, tawa Tukũ yara, Tupinãba Olivença yara retãma, Bahia: AIENTÊN! AWÊRE! GWÊ!

**Nhêëgawa-xawi:** Rikuçawa urawa; Kuxiĩmaçawa; Urawaçawa; Mbêbeuçawa urawa; Idêtidadi; pedagogia Griô; Kuxiĩmaçawa tapuya; Pertêsiçawa etnu-rikuçawawara, Auteriçawa

(Resumo traduzido para a língua Nheengatu por Yaguarê Yamã, do povo indígena Maraguá, Amazônia. Ortografia do baixo Amazonas: povos mura, maragua e satere, municipios de Careiro da Varzea, Careiro Castanho, Autazes, Nova Olinda do Norte, Parintins, Barrerinha.)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Modelo de ação pedagógica da Pedagogia Griô .....	17
<b>Figura 2</b> – Renda de bilro sobre almofada .....	18
<b>Figura 3</b> – Anciã indígena .....	30
<b>Figura 4</b> – Dona Maria das Dores (Lia), mãe do autor.....	32
<b>Figura 5</b> – Praça Queiroz, Currálinho de Livramento, atual Dom Basílio/BA no início do século XX .....	39
<b>Figura 6</b> – Márcio com Coxini Karajá.....	57
<b>Figura 7</b> – Lina, Pedrina, Márcio e Mãe Rosa sentadas em um banco da comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia .....	67
<b>Figura 8</b> – Chegança Griô na comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia .....	93
<b>Figura 9</b> – Curva da Vivência da Pedagogia Griô.....	94
<b>Figura 10</b> – <i>Véi Griô</i> ao encontro de Lina e Mãe Rosa na comunidade da Ponte do Rio Utinga, Lençóis/BA.....	101
<b>Figura 11</b> – Chegança Griô em na Comunidade Rural Estiva.....	105
<b>Figura 12</b> – Abraço do Velho Griô com o presidente Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) durante a Ação Griô Nacional .....	111
<b>Figura 13</b> – Márcio Caires com o Ministro da Cultura da Bolívia Pablo Cesar Canedo .....	126
<b>Figura 14</b> – Márcio Caires em Medellín, Colômbia, num ritual de Contação de Histórias no Teatro da Corporación Nuestra Gente .....	128

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CEC	Conselho Estadual de Cultura da Bahia
ConEcta	Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura do Brasil
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MinC	Ministério da Cultura do Brasil
MOC	Movimento de Organização Comunitária
MST	Movimento Sem Terra/ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 TAMÝÏPAGWAMA .....</b>	<b>28</b>
2.1 A BENÇA, DINHA!.....	28
2.2 MINHA ARYÏA EM SONHO .....	29
2.3 MEU <i>PAYA ARAÚYA</i> DESCENDO A SERRA DESCALÇO.....	30
2.4 “PITAR UM CACHIMBIM!” .....	33
<b>3 XE TEKOBÉ.....</b>	<b>34</b>
<b>4 APIRAMÕ OIEPÉ XE TEKOBÉ PUPÉ.....</b>	<b>37</b>
4.1 TABARÉU DA ROÇA .....	39
4.2 O PODER DA PALAVRA E O PALETÓ .....	43
<b>5 BURURÉ .....</b>	<b>52</b>
<b>6 “MARÉ ENCHEU” .....</b>	<b>58</b>
<b>7 QUANDO VIM DE <i>KUMBARA GRANDE</i> .....</b>	<b>60</b>
7.1 ESTRELA GUIA.....	71
<b>8 VÉI DUNGA .....</b>	<b>86</b>
<b>9 O GRIÔ VEIO ANTES.....</b>	<b>89</b>
<b>10 VÉI GRIÔ .....</b>	<b>91</b>
10.1 O PALHAÇO .....	95
10.2 CARETA, CADÊ VOCÊ?.....	95
10.3 PATU´Á.....	98
<b>11 GWATÁSARA.....</b>	<b>112</b>
<b>12 UM PÉ NO TERREIRO E OUTRO NA POLÍTICA .....</b>	<b>122</b>
<b>13 PASSAGEM DE CICLO: O CUME DA ONDA .....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
<b>LISTA DE REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>136</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No começo de tudo havia a palavra e sua linguagem. Esta dissertação-memorial, na primeira pessoa, que se inicia nas encantarias de um Griô Aprendiz, é uma contação de histórias que flui em língua e linguagem nas beiradas e mergulhos poéticos do universo da oralidade, com nomes de pessoas grifadas e referenciadas com apelidos, com os primeiros nomes de parentes ou das comunidades, povos e grupos culturais aos quais pertencem. Palavras que marcam aprendizagens centrais de tradição oral são reescritas em tupi. Esses *grifos* têm a intenção de refletir a beleza e a vitalidade de seus significados passados de geração a geração na formação de identidades e ancestralidades que se dão fora do ambiente formal e institucional.

Antes de partir para uma viagem ao Mali, África, em 2007, para uma vivência de iniciação em aldeias com famílias tradicionais griôs, pedi a benção e proteção a *Véi Dunga*, um reconhecido curador e raizeiro da comunidade da Ponte do Rio Utinga, zona rural de Lençóis, Bahia. Ele era a pessoa que, de forma mais próxima, me acompanhava, zelava e orientava cultural e espiritualmente no universo dos saberes e fazeres da tradição oral. Antes de pisar no terreiro da frente de sua casa, ao longe eu já cantava:

*Quando cheguei nesta casa e um bom dia me deram  
Com meu pandeiro na mão, rojão de sambar martelo*

Não demorava muito e de dentro da casa se ouvia o entoar de um canto de resposta:

*Feijão não dá na raiz  
Feijão só dá na fulor*

Ao que eu respondia com mais um jogo de verso:

*Um bom dia pessoal  
Que lagedo grande chegou*

Até cantarmos juntos:

*Ô Yaiá, ô Yaiá, lalalaiê, ô lalalaiê, ô lêa*

E lá vinham sorridentes o casal *Véi Dunga e Dona Tila* abrindo a porta da casa:

*Entra que a casa é sua meu fi!*

Esta cantiga de chegada foi ele mesmo quem me ensinou, junto com seu filho *Antônio Violeiro*, em outro momento nos nossos encontros.

Sua casa era de parede de taipa rebocada e pintada de azul, cheia de plantinhas na frente. Ao lado, o salão do santo ou aldeia, como ele chamava, espaço sagrado em que só entro com a permissão espiritual que peço aos guias da casa: Tupinambá e Boiadeiro.

Reconhecido como filho pelo casal, passei pela casa já em direção à cozinha, me

abaixando na passagem da porta do meio. Bebi água do pote de barro e esperava proseando o café preto ficar pronto no fogão à lenha. *Dona Tila* diz: “*O griô é feito índio. Come tudo diferente!*”.

Para a idade e visão de mundo de *Dona Tila*, o modo de vida relativo ao alimento lhe servia de identificação. Ela pegou uma chaleira e já adiantou também um chá de erva cidreira sem açúcar. Já estava acostumada com o meu gosto e se movimentava pra me cuidar. Pedia notícias de cada pessoa da família e em seguida falava da sua, da filha, *Adalzira*, dos filhos, *Antõe* e *Antonié*, todo mundo que eu já conhecia, enquanto espantava algumas vezes as galinhas que passavam da porta do quintal pra cozinha bicando restos de comida. Também reclamava se eu demorasse a vir à sua casa.

Café tomado e prosa em dia, saí com o *Véi Dunga* para o quintal. Pé de manga carregado, não dá pra deixar de subir! O próprio *Véi Dunga* aparava as mangas maduras que eu lançava de cima da mangueira. Em seguida, ele tirou o facão da cintura, cortamos duas varas de cana e ainda colhemos um cacho de banana da prata. Sentamos num toco de madeira pra descascar a cana e, enquanto eu saboreava a doçura de cada gomo, o velho adentrou novamente em casa até voltar com a sua viola envolta por um pano. Tirou cuidadosamente a capa e dedilhou para afinar. Era um momento mágico, encantador. A sua fama de violeiro corria a região. *Dona Tila* se achegou e se sentou por ali, afirmando seu lugar de voz e de conhecedora dos versos cantados pela família. *Antõe* e *Antonié* eram violeiros feito o pai, enquanto *Adalzira* cantava feito a mãe: *chula, batuque, paulista, martelo*; sabiam de tudo e mais um pouco. *Antonié* era um chefe de reis da região. Quando se juntavam era um *deus nos acuda!*

*Eu vou dar mais uma volta, que a viola mandou dá*

*E depois da volta dada, um batuque eu vou tirar...*

As ondas sonoras da melodia daquela viola ficaram ressoando em meu corpo durante toda a minha viagem de ida para o continente africano, como palavras de uma oração.

Depois de muita conversa, brincadeiras, piadas, palhaçadas e algumas chulas e batuques tocados, o *Véi* se *alevantou*, foi até a sala e retornou com a chave da aldeia: “*Vem meu fi!*”.

No salão do santo só entra descalço. E foi diante do seu altar que minha ancestralidade apontou o sentido da minha viagem. Quando me ajoelhei diante dos seus símbolos, a bacia de água com as imensas conchas, as imagens do Tupinambá e do Boiadeiro, para pedir proteção, nenhuma palavra veio, nenhum pensamento, nenhum pedido. Foi um completo esvaziamento. Senti mais forte meus batimentos cardíacos, meu pulso, minha respiração e um vazio serenamente profundo. Do meio do silêncio escuto as palavras do *Véi Dunga*: “*Vá meu fi: olha tudo que tem de olhar e fica no seu canto. A mesma luz que te leva é a mesma que te traz de volta*”.

Em seguida, já no terreiro de barro branco batido da frente da sua casa, ele orientou alguns cuidados espirituais e banhos com ervas colhidas no seu quintal para os dias que antecediam a viagem. Assim como foi a chegada em versos, foi também cantada a despedida:

*Eu vou me embora, eu não vou me embora não*

*Quando eu chegar em sua casa*

*Toma conta do meu peito, domina meu coração*

*Quando eu chegar em sua casa*

*Por favor manda eu entrar*

*Quero ir no meu sobrado*

*Café pra meus camaradas*

*Rede armada eu vou deitar*

Essa história de abertura diz muito sobre o meu reencontro com a sacralidade do tempo no universo da tradição oral: seus ensinamentos, mistérios, símbolos, cantos, danças, contações de histórias, ofícios, luta política e relação com a terra. Uma vivência que foi despertando em mim um Griô Aprendiz, com a linguagem própria e diversa da oralidade, que se manifestava nas escolas e comunidades com o encantado *Véi Griô*. Nesse processo, participei (com coautoria) da criação da Pedagogia Griô (PEDAGOGIA GRIÔ, 2015) e da fundação da Associação Grãos de Luz e Griô, em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia (GRÃOS DE LUZ E GRIÔ, 2017a).

Escrevo em forma de memorial para contar a história de iniciação do lugar social, político e educacional do Griô Aprendiz, a partir dos saberes e fazeres de tradição oral, e o seu poder de ressignificar a tradição escrita, relacionando-os à minha história de vida, além de associá-los ao vínculo com a ancestralidade e à expressão da identidade na construção do educador, contador de histórias e mediador político.

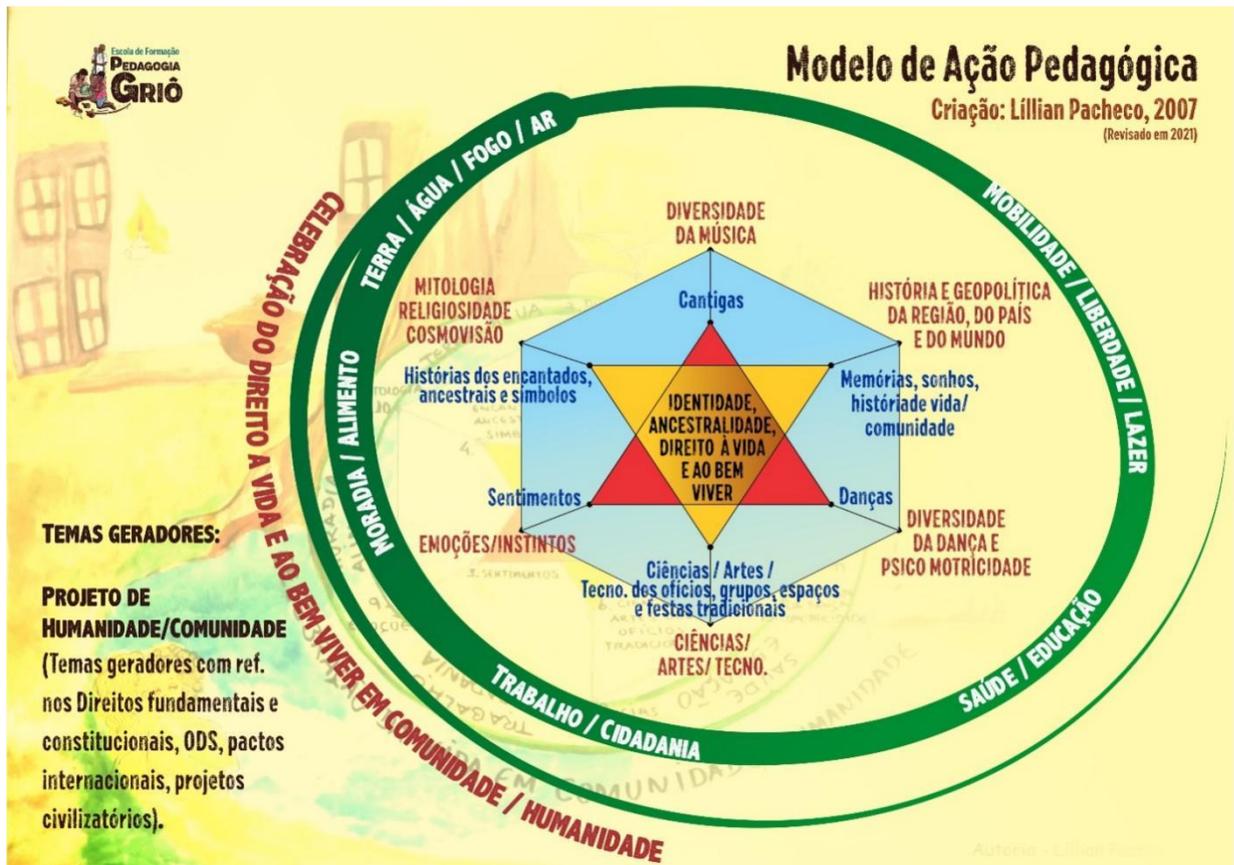
Desde o período inicial da criação da Associação Grãos de Luz e Griô, a sistematização escrita da Pedagogia Griô foi assumida por Lillian Pacheco, uma escritora, educadora popular e biocêntrica, nordestina, interiorana, poeta e facilitadora de biodança. Por um cuidado amoroso do universo, nos encontramos para uma parceria de vida e de luta pela educação, e geramos sonhos, casa, quintal, filhos e todos os projetos da Grãos de Luz e Griô na Chapada Diamantina, região onde nascemos. Enquanto o lugar dela se constituiu da sala de aula em direção à comunidade, por meio da linguagem escrita, o meu lugar se constituiu da vivência nas comunidades, imerso na oralidade, em direção à sala de aula. Assim, assumimos os dois polos de interação para a criação da Pedagogia Griô. Neste texto, conto o meu processo de aprendizagem num contexto da escrita acadêmica, tecendo as palavras que foram geradas e

vividas pelo sagrado da oralidade. E mais: dou conta de que o sujeito e o objeto não se distinguem.

Pela confiança nos sinais simbólicos da caminhada da vida, alinho-me ao compromisso de várias lideranças de comunidades que lutam pela afirmação do lugar da tradição oral no espaço acadêmico e me ponho aqui, como posso, simbolicamente, na tessitura de uma grande colcha de retalhos a referenciar a linguagem desta dissertação. Por isso, comecei a introdução contando uma história, acessando a memória pelo que foi vivenciado, buscando tecer a minha história, assim como propõe Lillian Pacheco (2021) no Modelo de Ação Pedagógica da Pedagogia Griô. O desenho do Modelo mostra uma tessitura estrelar com categorias do conhecimento que se dão na oralidade, depois, essas se tecem com categorias das artes e das ciências formando um hexágono (Figura 1), até surgir a espiral de temas geradores fundamentais da vida em projetos de comunidade e humanidade – a terra, a água, a moradia, a cidadania. A minha escrita será, pois, tecida por essas categorias para desenhar a espiral de minha vida a serviço do conhecimento. Ou melhor, o conhecimento a serviço da vida: pelos símbolos, histórias, ofícios, cantos, danças e emoções que marcaram a vivência de iniciação do Encantado do Griô Aprendiz, em interação com a história de minha comunidade e de meu povo.

Quando um pilão é colocado no centro da roda se torna um símbolo que nos conta de uma ação comunitária e de uma ciência que produz o alimento cantando, dançando e recontando histórias. Um pilão é passado de geração em geração como símbolo ancestral e sagrado de valor e poder. O valor e o poder da identidade de um povo, de celebração da vida em comunidade. Ele é ciência, arte e mito ao mesmo tempo. Se deslocamos a vivência do pilão com todos estes elementos para o centro da roda e do contexto da educação, reencantamos a pedagogia, reencantamos a identidade e a ancestralidade de um povo para o estudo e a transformação da vida comunitária em interação com as ciências sistematizadas. Evidente que não é qualquer música, cantiga, movimento, gesto, dança, brincadeira, rito, símbolo, mito, arquétipo, história de vida, artes e ofícios, saberes e fazeres. Todas estas categorias possuem critérios de seleção baseados no potencial de encantamento, vivência, diálogo e partilha para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade com foco na expressão da identidade, vínculo com a ancestralidade e celebração da vida. Os elementos do modelo são coerentemente aprendidos com mestras(es) griôs numa caminhada de valorização da rede de transmissão oral e sua genealogia de gente, comunidade, saberes e fazeres (PACHECO, 2021, n.p).

Figura 1 – Modelo de ação pedagógica da Pedagogia Griô



Fonte: PACHECO, 2021, n.p.

Quando penso durante a escrita sobre o porquê deste trabalho e o meu lugar de Griô Aprendiz diante de mestras(es) griôs de tradição oral, vem à memória o cantador, sambador, lavrador e reiseiro *João Picopeu* (ELUARD; ZIGGATTI, 2004), da comunidade do Tanquinho, zona rural de Lençóis. Eu costumava prosear com ele em seu rancho na roça, onde ele mais gostava de ficar, numa comunidade mais distante da sede, mata fechada (Comunidade do Seguro, Lençóis, BA). Um dia, cheguei no meio da tarde e *Picopeu* colhia mandioca. Assumi o papel de ensacar os montes já colhidos e depois levar mais próximo ao rancho. Quando o sol baixou guardamos as ferramentas e pegamos um pouco da lenha para acender o fogão de barro. Enquanto a água fervia, descascamos umas raízes de aipim e colocamos para cozinhar. No mesmo fogo do fogão à lenha, o couro do pandeiro era aquecido e a primeira *chula* ia nascendo:

*Cadê João Picopeu  
Que diz que é bom pra trovar  
Só tira a chula dos outros  
a dele não quer tirar...*

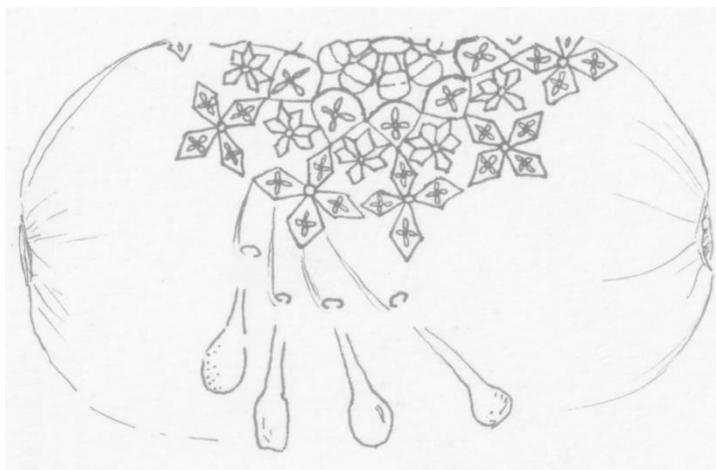
Cantamos e brincamos durante a fervura e o coar do café. Depois da comida, saímos para o terreiro sob o céu estrelado, noite clara de lua nova, deixando nascer uma prosa num ritmo sincronizado entre palavras e silêncios. Foi nesse instante que nasceu esse sábio dizer de *Picopeu*, uma resposta ao meu “porquê” deste trabalho:

*Quem não sabe não enxerga,  
e quem sabe tem que passar de pai pra filho  
e de filho pra neto*

A luta pela afirmação da oralidade também passa pela interação com a escrita, por isso nasceu a Pedagogia Griô e um de seus conceitos fundantes, o Encantado do Griô Aprendiz. Este conceito surgiu de uma longa caminhada em comunidades e escolas. Tenho a responsabilidade de contar esta aprendizagem, garantindo a transmissão oral de geração em geração, além de realizar uma partilha com o universo da tradição escrita.

Ouvi da minha mãe *Lia* que, quando criança, ela passava horas quieta diante da sua avó paterna *Tia Arlinda*, que tecia em sua almofada rendas de bilros (Figura 2), uma tradição herdada por algumas rendeiras mais velhas da região. Minha bisá era de poucas palavras e de muita determinação. As peças tecidas eram levadas num jegue pras entregas pelo seu marido, meu bisavô e tropeiro, *Teobaldo*. Além das rendas de bilro, a bisá também costurava colchas de pano em retalhos, que se transformavam em cobertas, toalhas de mesas e panos diversos para casa e cozinha. Num desses dias de silêncio e escuta, a matriarca *Arlinda*, enquanto pedalava a sua máquina de costura e guiava com seus dedos ágeis o pedaço de pano ao fiar da agulha, disse: “*A vida é assim minha filha, feito colcha de retalhos*”.

**Figura 2** – Renda de bilro sobre almofada



Fonte: Ilustração de Vânia Machado. Acervo pessoal, 2021.

*A tesourinha cortadeira*

*Rendeira no mar*

*Ela corta, recorta*

*Rendeira no mar*

A benção de *Mãe Rosa*, que me ensinou este canto de rendeira. As vivências e memórias ancestrais que marcam meu corpo vão sendo tecidas em cada palavra escrita neste texto, se afirmando como a minha fonte de expressão. É o referencial teórico proposto pela estrutura da academia – a tradição escrita – sendo ressignificado por meio da linguagem da oralidade, pelo símbolo de juntar pedaços de retalhos pra se construir uma colcha. Essa é uma aprendizagem da ancestralidade pela fala da minha mãe, que ouviu da sua avó, a minha bisa rendeira. O que escrevo tem uma autoria coletiva de onde venho e me sinto pertencente, reflete uma longa caminhada de aprendizagens pela vasta rede de saberes e fazeres de tradição oral.

Estes são os fios que teceram a iniciação do Griô Aprendiz e o seu lugar social, político e educacional.

O Griô Aprendiz tem um lugar social fundamental na missão da Pedagogia Griô de facilitar o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, entre tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais (PACHECO, 2015a, p. 72).

Assim, como aponta Lillian Pacheco (2015a), o Griô Aprendiz é antes de tudo um caminhante que vive nas fronteiras, nesse espaço entre as subjetividades de comunidades, grupos e tradições, onde o encantado nasce por processos cotidianos de iniciação afetiva, científica, ancestral:

Mas o Griô aprendiz é mais do que um lugar social e político de mediação. Ele é antes de tudo, um arquétipo, ou seja, um personagem mítico, um encantado de alguém que doa sua corporeidade como lugar de registro, biblioteca viva e transmissão dos saberes e fazeres de comunidades, grupos e povos de tradição oral, garantindo assim a continuidade da rede de transmissão oral (PACHECO, 2015b, p. 73).

A Pedagogia Griô foi sistematizada a partir de 1998 em Lençóis, Bahia, no âmbito da realização das atividades do Projeto Griô, em comunidades rurais e quilombolas.

A Pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais e de gênero, territórios de identidade, saberes ancestrais de tradição oral e as ciências, artes e tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida (PACHECO, 2020, p. 13).

Para fundamentar o conceito de “griô”, compartilho nesta introdução o reconhecimento que recebi da Associação dos Comunicadores Sociais, que envolve 11 países da África do Oeste (CAIRES, 2014). A viagem ao Mali aconteceu em 2006, quando estava em execução o Programa Ação Griô Nacional (PACHECO; CAIRES, 2009), idealizado e coordenado por Lillian Pacheco e por mim, em parceria com o Ministério da Cultura do Governo Federal, lançado no I Encontro Sul-Americano de Culturas Populares, em Brasília (GRÃOS, 2010). Nesse evento de lançamento, recitei em conjunto com o mestre repentista Bule Bule um cordel de minha autoria:

Pra começo de conversa  
 Peço a benção aos mais velhos  
 Que me dão sabedoria  
 Pra eu brincar com esses versos  
 E aos meus antepassados  
 Que deixo aos seus cuidados  
 Como guias do universo

Eu sou neto de sanfoneiro  
 E bisneto de rendeira  
 Está no fio a minha história  
 A ancestralidade brasileira  
 Em Dom Basílio fui gerado  
 À luz do candeeiro pegado  
 Pelas mãos de uma parteira

Este projeto que vos falo  
 Trata de uma reinvenção  
 Do Griô que veio da África  
 Do Brasil e da tradição  
 Dos que guardam na memória  
 Preservando a nossa história  
 Geração em geração

Um louvor a mães de santo  
 Curadores, congadeiros  
 Pajés e artesãs  
 Sambadoras, sanfoneiros

Repentistas e rendeiras  
 Foliões e capoeiras  
 Mestras e Mestres Griôs Brasileiros

“O mestre é a raiz  
 E o griô a sua rama”  
 Já dizia mestre dunga  
 Um sábio curador de fama  
 Tradição é uma vivência  
 Quando junta com a ciência  
 Cultura que se proclama

A Pedagogia Griô  
 Vem de um Ponto de Cultura  
 De Lençóis, lá na Bahia  
 Vida roda se mistura  
 Grãos de Luz e Griô  
 Criança, velha e professor  
 A criadora e a criatura

Todo Ponto de Cultura  
 Tem a sua pedagogia  
 Juntos todos numa roda  
 Vida roda se mistura  
 Programa Cultura Viva  
 Um Brasil que se cultiva  
 Colhendo sabedoria

Me despeço convidando  
 Com alegria e encanto  
 Mestras e Mestres e Griôs  
 Que protegem esses cantos  
 No Brasil são diversos  
 Tecendo com seus versos  
 Os Griôs de todo Ponto

(*Cordel Griô de todo canto*, Márcio Caires. In: PACHECO;  
 CAIRES, 2009, p. 15, adaptado)

Eu vivia um processo intenso de iniciação pelas tradições orais do território ancestral Pindorama e fui ao Mali em busca de uma vivência no berço do nascimento da tradição Griô na África e de uma compreensão do termo “griô” abrasileirado por Lillian no processo de criação da Pedagogia Griô desde 1998. Num formato de carta para a minha família, fui compartilhando aprendizagens que eu vivia com o mestre griô *Djeli Mory Diabaté* e a mestra griô *Mah Kouyatê*, seu filho e Aprendiz Griô *Djbril Diabaté*, guiado pelo africano *Yaya Konatê* e outros griôs no Mali.

Na garupa da moto de Yaya e disputando palmo a palmo o trânsito de Bamako, conheci o Griô Mamadou Ben Chérif Diabaté, presidente da Réseau Des Communicateurs Traditionnels Pour Le Développement au Mali et en Afrique Oeste (Rede de Comunicadores Tradicionais para o Desenvolvimento da África do Oeste), para quem apresentei a Pedagogia Griô, o trabalho do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e da Ação Griô Nacional com a tradição oral no Brasil, em parceria com organizações, escolas e com o Ministério da Cultura. Declarei ter vindo à África pra vivenciar a tradição Griô e pedir permissão para a tradução e uso do termo Griô no Brasil, que foi abasileirado desde 1998 nas caminhadas do Velho Griô em Lençóis, Bahia (CAIRES, 2014, p. 112).

A vivência na oralidade das famílias tradicionais griôs do Mali enraizou os conceitos que já havíamos adotados através das atividades do Grãos de Luz e Griô, reconhecendo também a abrangência e incorporação do abasileiramento do termo “Griot”. Os diálogos com as famílias griôs eram sempre mediados pelos saberes e fazeres de tradição oral que eu havia vivenciado no Brasil. Quando conheci *Mamadou*, por exemplo, cantei uma cantiga de chegada de reis que aprendi com *Mãe Rosa*, da comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia.

*Meu senhor dono da casa, deus lhe dê uma boa tarde*

*Deus lhe dê uma boa tarde*

*Boa tarde lhe dê deus e alegremente cantando*

*E alegremente cantando*

*Passarim quando avôou, nos ares bateu as asas*

*Nos ares bateu as asas*

*Foi voando e foi dizendo*

*Viva o dono desta casa*

*Viva a dona desta casa*

Dessa forma, o lugar de aprendiz da tradição oral era vivencialmente reconhecido. Em seguida, *Mamadou* contou uma história sobre o surgimento do Griot e compartilhou sobre o seu conceito:

Mamadou diz que a palavra griot passou a ser muito bem aceita pelas aldeias e por diversas etnias que constituíram o império Mali, mas a sua tradução é que não é completa quando se refere a um trovador, um músico ambulante. A tradição griot na África envolve uma prática de mediação, comunicação e genealogia que o significado de “trovador” e “músico ambulante” restringe somente ao sentido do músico, mesmo considerando que o trovador traz em seus cantos as histórias de vida do povo. Para Mamadou, djeli é um músico, genealogista, contador de histórias, um comunicador, um mediador social, um reconciliador, um mestre de cerimônia, um conselheiro, um chefe de protocolo

da família real, um educador da casa real, quem ensina as virtudes da sociedade (CAIRES, 2014, p. 115-116).

Vivi o processo de iniciação na vila de Kita e com famílias Griot de diversas aldeias daquela região:

Aprendi na oralidade dos Griôs africanos que o conceito de Griô é diverso e de acordo com cada etnia. Autores que escrevem sobre os Griôs têm suas nacionalidades e raízes étnicas, o que torna o conceito diverso e contraditório, portanto é importante contextualizar a vivência e o autor. Em Guiné-Bissau, Guiné, Senegal e Mali a maioria das etnias são Bambara, Bozo, Dogon, Songhai e Peul (mais conhecido como Fula). A oeste do Mali, na região de Kita, próximo à divisa com a Guiné, em Kangabá, há um consenso que foi naquela área que nasceu a tradição Griô, para depois se propagar para outros lugares. Os Griôs com quem convivi e também os outros da região cantam e contam que os Griôs surgiram antes do reinado do grande rei Sundjata Keita (séc. XIII) e que a primeira família foi a Kouyatê, na época do rei ferreiro Sumaguru Kante (séc. XII) (CAIRES, 2014, p. 118-119).

Na despedida das minhas conversas com *Mamadou*, ele fez uma louvação Griô ao nosso encontro, também conhecida como *SÔ* na língua bambara:

[...] você não é você enquanto pessoa individual, você é você enquanto uma pessoa em missão divina. Eu trato você com toda a seriedade, mas eu e você não somos nós, estamos nós dois juntos numa missão. Este nosso encontro é um encontro divino. Os seus antepassados fizeram uma oferenda aos deuses pedindo que um de seus descendentes pudesse voltar a pisar nesta terra, a fim de perpetuar a nossa cultura. E os deuses ouviram e aprovaram. Assim, nós dois nos encontramos hoje. E deste encontro, se Deus quiser, vai irradiar a luz sobre a cultura da oralidade. Por este tempo que estamos juntos, entendo que você, Márcio, já deveria se chamar de djeli. Mamadou Ben Chérif Diabaté é um djeli e filho de um conhecido e respeitado djeli da África, Kelemonzon Diabaté (CAIRES, 2014, p. 116-117).

Nas aldeias e troncos linguísticos dos povos originários também encontramos o lugar social dos mestres e mestras griôs, como, por exemplo, em tupi, Morãdugwéra, aquele(a) que conta as histórias. No Projeto de Lei Griô sistematizamos o conceito de Griô.

O chamado que propomos na Pedagogia Griô é interagir com a tradição oral com a própria linguagem de vínculo, elaboração de conhecimento e transmissão da oralidade, assumindo o lugar de aprendizes. Trazer a hierarquia das linguagens e instrumentos de tradição escrita sobre a oralidade é se afastar dos seus saberes e fazeres... Ninguém elege quem são mestras(es) griôs, só o tempo e a vida em comunidade que louva sua presença. Nesse sentido, na luta por políticas públicas de reconhecimento de mestras(es) griôs do Brasil, propus na Lei Griô um conceito que sintetiza a vivência da ação afetiva e cultural da Comissão Nacional de Mestras(es) Griôs e a coordenação da Rede

Ação Griô. Mestra(e) Griô é toda(o) cidadã(ão) que se reconheça e seja reconhecida(o) pela sua própria comunidade como herdeira(o) de saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo (PACHECO, 2021, p. 5).

Ainda na costura da colcha de retalhos, trago também para o diálogo lideranças femininas dos povos originários e de comunidades de terreiro que transitaram ou transitam pelo saber acadêmico. A escolha prioritária no campo acadêmico pelas vozes femininas e identitárias tem relação com as aprendizagens que me formam como aliado do lugar de resistência e afirmação no enfrentamento epistemológico diante do patriarcado e do racismo. Argumento também que a comunicação ancestral, na maioria com mulheres da minha família, foi determinante para esta aliança com os povos originários e afrodescendentes de minha ancestralidade durante a iniciação como Griô Aprendiz. Ao afirmar essas referências acadêmicas sinto a coerência ética com a história que vivi e também com o percurso da iniciação do Encantado do Griô Aprendiz, tema desta dissertação.

A benção e permissão da mais velha Iyalorixá *Mãe Stella de Oxóssi* (Maria Stella de Azevedo Santos), Odé Kayode, do tradicional Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, a primeira sacerdotisa de terreiro eleita para a Academia de Letras da Bahia, referência pela defesa e afirmação do povo negro no Brasil. Faleceu em 2018 e deixou livros, textos e artigos como um dos seus legados da tradição escrita, inclusive o livro que tenho como referência para esta dissertação, *Meu Tempo é Agora*:

Eu tenho transmitido conhecimento e recebido ensinamentos. A inspiração de escrever *Meu Tempo é Agora* nada mais é do que aquilo que diria a cada um em separado. O **Àse** está crescendo. Às vezes o vento leva o que se diz, havendo a necessidade de registros. E uma coisa é certa: aprendo mais a cada dia que ensino (SANTOS, 2010, p. 140, grifo nosso).

Sobre ancestralidade e o lugar da escrita a partir da oralidade, *Mãe Stella* diz:

Não adianta aprender apenas com leitura de livros, assim como roubar anotações de quem as tem, pois na prática do roubo se perde **Àse** e se ganha baixo-astral. É fundamental o conhecimento transmitido de maneira oral. E não é só pela manutenção da tradição, nem pelo guardar dos mistérios, mas, principalmente, porque o conhecimento passado por um mais velho está cheio de emoções, sentimentos e, conseqüentemente, **Àse** (SANTOS, 2010, p. 90, grifo nosso).

Para *Mãe Stella*, a fala é um lugar de cuidado para um iniciado na religião: “Por isso ele precisa falar pouco, a fim de concentrar a sua energia” (SANTOS, 2010, p. 92).

Na escolha para dialogar com representações dos povos originários reconhecidas no espaço acadêmico, consulte algumas lideranças femininas indígenas em um dos Encontros de Formação da Pedagogia Griô dos grupos de São Paulo, que realizamos em parceria com o Núcleo Diversitas – USP. Trouxe para participar do momento da prática de “Aula Espetáculo”, quando conto a minha história de vida, a indígena Anna Terra Yawalapiti, liderança no Território do Xingú, do Movimento das Mulheres Xinguanas. Ela compartilhou sobre os rituais de iniciação que ela tinha vivido junto ao seu povo. No dia seguinte, num espaço organizado por Érica Amaral, contramestra *Mariposa*, do grupo de formação da Pedagogia Griô, participei de uma roda sobre o movimento indígena, suas resistências e o protagonismo das mulheres indígenas no contexto atual com a presença de Anna Terra e Silmara Guajajara, uma professora indígena da rede pública de São Paulo. Foi Silmara Guajajara quem me apresentou a tese de doutorado de Márcia Mura (Márcia Nunes Maciel), do povo Mura, de origem às margens do Rio Madeira, Amazônia, e alguns meses depois a conheci pessoalmente quando se hospedava na casa de Eliene Aleixo, também participante do grupo de formação. Fiquei encantado já na leitura dos primeiros parágrafos da introdução da tese:

Desde o mestrado venho escrevendo sobre a minha própria história, por meio da História Oral com pessoas da minha família e as demais famílias da mesma comunidade, mas ainda assim meu olhar sobre as narrativas ainda era muito direcionado pelas teorias acadêmicas. No doutorado, me propus a vivenciar as experiências nos espaços de tradições e buscar a partir delas novos conceitos. Quis aprender com os mais velhos, entender os modos tradicionais da maneira como se aprendem as tradições: fazendo parte dela (MACIEL, 2016, p. 13).

Identifiquei-me também com as suas inquietações nas inversões de paradigmas em relação aos “conceitos clássicos da academia” (MACIEL, 2016, p. 14), a justificativa da escrita a partir da oralidade e do seu convívio com a comunidade. Quando ela compartilha que sentiu uma “necessidade de puxar o fiozinho da memória indígena, que estava com uma ponta solta, para ser novamente tecida” (MACIEL, 2016, p. 14), me veio novamente à memória a minha mãe *Lia* diante da sua avó, a minha bisá *Arlinda*, tecendo com as mãos em sua almofada de renda de bilro. Este gesto simbólico do tecer está no imaginário ancestral de diversos povos. Márcia Mura, por exemplo, reforça a escrita por meio do símbolo da costura, do tecer com as mãos: “Costurar com as mãos é uma tradução possível para a palavra escrita, que não existia antes do contato com os não indígenas, na língua wayoro ou ngwayoro do Povo Wajuru”

(MACIEL, 2016, p. 15). Ela compartilha ainda a sua aprendizagem sobre a tradução na língua wayoro da palavra “*escrever*”: “*mboiningã/mbo-i-ningã*”, que seria “mão-marca.de.objeto-tecer/costurar”, ou “a mão tece/costura”: “A escrita desta tese é uma *mboiningã: mbo-i-ningã* – um *escrever/tecer* com as mãos, os fios de memórias e as vivências das tradições nas aldeias e nos espaços resultantes dos seringais, é mesmo uma *escrevivência*” (MACIEL, 2016, p.16).

Saúdo também a liderança indígena Nádia Akawã Tupinambá, que me chama de *parente* e *índio véi*, com quem compartilhei e aprendi diversos saberes de tradição oral, inclusive me inspirando e estimulando no caminho da minha ancestralidade indígena Payaya e Maracá da Chapada Diamantina.

A escrita em forma de memorial e as contações de histórias, cantigas, cordéis, louvações e outras linguagens da tradição oral estarão presentes como método estrutural para apresentar as memórias do convívio no meu núcleo familiar, no ambiente onde nasci e vivi até os 15 anos de idade, região do município de Dom Basílio, interior da Bahia, sul da Chapada Diamantina.

Incluo também diálogos que realizei com crianças, educadoras(es), mestras e mestres griôs de tradição oral do município de Lençóis e outras cidades da região, vindo a se ampliar por diversos estados brasileiros durante a Ação Griô Nacional, quando inclusive ocupei o lugar de presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC, 2013) e do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura do Brasil (ConEcta) e levei as experiências de políticas culturais e pedagógicas como Griô Aprendiz em trabalhos realizados em outros países (Bolívia, Peru, Colômbia, Galícia/Espanha, Vaticano).

São esses e outros fios que vão tecendo as histórias de iniciação do lugar social, político e educacional do Griô Aprendiz na Pedagogia Griô, quais sejam: fios que vinculam a minha ancestralidade à identidade do educador, contador de histórias e mediador político; fios que reconhecem a relação da oralidade com a academia e com os espaços políticos; fios que ligam saberes institucionalizados a saberes da natureza interpretados pelos(as) mais velhos(as) nas diversas tradições orais de seus territórios de origem; e fios que me ligam a fios já tecidos por lideranças autoras femininas de povos indígenas e de terreiro.

Em sua tese de doutorado, Márcia Mura referencia os movimentos de observação da tradição oral como método de pesquisa:

A observação do movimento da água é importante para saber distinguir os seres que emergem do fundo dos rios e igarapés, ou as marcas deixadas no chão e no mato pelos animais para identificá-los, ou ainda a percepção do tempo para saber se vai chover. Esses movimentos de observações são relevantes para a pesquisa que se propõe a reconstruir a memória de ocupação indígena no Rio Madeira (MACIEL, 2016, p. 45-46).

Ao longo desta dissertação compartilho referências em produções audiovisuais, documentos, matérias em jornal, relatórios pedagógicos e institucionais que ilustram vivências e aprendizagens como Griô Aprendiz. Como tudo começa e termina na linguagem. Assim como apresentei em meu projeto de qualificação, é com a linguagem da tradição oral que apresento esta dissertação por meio de uma Aula Espetáculo Griô “O encantado do Griô Aprendiz”.

## 2 TAMÝÏPAGWAMA

Para contar a minha história, *xe aporãdubasãra* na língua tupi, peço permissão das minhas mais velhas e dos meus mais velhos para compartilhar quatro memórias ancestrais, fios que me ligam às minhas antepassadas e aos meus antepassados: TAMÝÏPAGWAMA. Desde sempre voltei à minha casa, nunca assumi ser um retirante de mim mesmo, conto aqui até onde cheguei nas tessituras de minha família, um ponto leva a outro ponto, a vida segue para frente, o tanto que segue para trás, assim caminho nos encantamentos de Griô Aprendiz.

### 2.1 A BENÇA, DINHA!

A parentada toda do meu pai sabe contar história da família até chegar à minha bisavó *Mãe Rosa*, mãe da minha avó *Dinha* ou *Dona Zinha*, diferente do que se sabe do meu bisavô Rodrigo Luiz, história conhecida até seu avô, bisavô e outros mais. Já “*Mãe Rosa*” era *Mãe Rosa*, ela mesma a maior referência. Conhecida por ser uma *mulher de respeito*, de *pulso firme*. *A sua bença, minha bisa!* A sua filha *Dona Julinda*, a minha tia-avó, foi liderança política e a primeira vereadora mulher do alto sertão e está entre as primeiras do estado da Bahia. Sustentava tudo em casa, até mesmo *a boemia* do seu marido. Uma matriarca como a sua irmã, a minha avó *Dinha*, mulher que defendia suas posições e muito respeitada no que dizia. Cresceu na roça plantando feijão, milho, aipim, abóbora e arroz, na fertilidade dos brejos das beiradas das lagoas, aprendendo com a sua mãe a fazer coalhada, queijo e requeijão. É sabida a sua autoridade diante do seu marido, o meu avô *Supinha*, um agricultor, negociante, músico da filarmônica local, sanfoneiro de *oitto baixo*. Na família se conta que ele até chegou a parar de tocar sanfona porque *Dinha* não gostava *das cara feia* que ele fazia quando puxava o fole. Até a minha adolescência, todo dia passava na sua casa pra pedir a *bença*. Ainda ficava circulando um tempo por ali e depois saía pra brincar na terra, nas árvores, no rio, em um monte de lugares. Cresci com o sentimento de conviver num território formado por uma rede comunitária de minha família. A casa da minha avó ficava diante do terreiro maior da comunidade. Era referência de nossas passagens, até mesmo pra comer as novidades do dia. Eu costumava acompanhar *Dinha* quando ela fazia o *escaldado* pra mim. Ela sabia que eu a amava, ela e a sua comida. Era simples: uma mistura de leite quente com farinha de mandioca, adoçada com rapadura. Só isso tudo! A farinha era misturada ao leite fervendo e o jeito de mexer era o que definia tudo. E as *pêta de tapioca*? nada neste mundo era mais importante. Era um estado de

encantamento puro! Quando eu vivia o meu primeiro ciclo de sete giros da terra pelo sol cheguei em sua casa pra receber a benção e não a encontrei. *Dinha foi pra roça!*, me disse alguém que estava na casa naquele momento, provavelmente uma tia. A minha visão era da altura das bocas do fogão e da pia. Com o sentimento do vazio daquela resposta, saí da casa determinado a encontrar com *Dinha* e me pus em direção ao caminho da roça. Naquela época, nenhuma criança passaria pela comunidade sem ser notada e acolhida por alguém, mas naquele dia passei. Segui o caminho em direção à roça e adentrei por uma trilha na mata, sem sentir medo ou dúvida, cabeça erguida, uma criança cheia de coragem e determinação, certo daquele propósito. Não sei exatamente quanto tempo durou a caminhada pela mata fechada, mas sentia que estava encoberto de proteção e segurança. Uma memória que permanece viva. Depois de um tempo imerso naquele espaço, cheguei num entroncamento com uma estrada que desce de uma pequena comunidade rural da serra e naquele exato momento um parente dirigindo um jipe parou diante de mim. Era *Dedé de Niní*, que surpreso me perguntou: “*O que tu tá fazendo aqui, menino?*” “*Vim atrás de Dinha!*”, respondi. *Dedé* me colocou no seu jipe e me levou de volta pra casa. Custei a entender o choro da minha mãe ao me encontrar. Aos poucos fui compreendendo que a família havia considerado que eu estava perdido na mata. *Dedé de Niní* tem hoje mais de oitenta giros da terra ao redor do sol e ainda guarda este momento em sua memória: “*Fiquei encabulado ao ver aquele menino saindo de dentro da mata!*”

Assim nasce um caminhante...

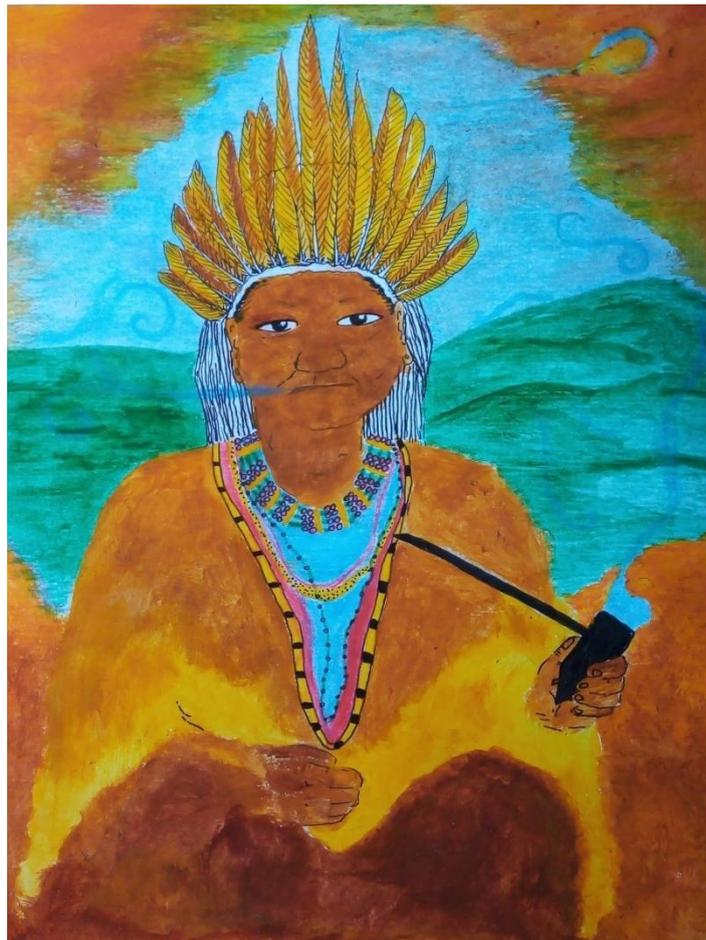
## 2.2 MINHA ARYÏA EM SONHO

*Dinha*, a minha avó, ou *aryÏa*, na língua mãe tupi, se despediu da gente quando eu já vivia por volta dos vinte giros da terra ao redor do sol. Ela não podia mais com as gorduras nas comidas, requeijão oleoso, mas não tinha jeito: ela comia e pronto. “*Quando ela amassava o bolinho de comida na mão pra comer dava até pra ver a gordura escorrer pelos dedos!*” Esse é um dizer da família. Em torno de dois anos depois da sua partida eu vivia em Salvador, ainda nas aprendizagens da cidade grande. Uma noite, *Dinha* me veio em sonho: estava sentada numa postura altiva, imersa numa névoa de fumaça de cachimbo. Seus cabelos escorriam pelo corpo, no pescoço colares de sementes vermelhas e em sua testa um cocar, símbolos de nossa ancestralidade indígena. Em poucas palavras, me pediu cuidado com o que tinha deixado em vida e se despediu. Acordei com a sensação da presença viva dela ao meu lado e com as suas palavras ainda ressoando em minha memória. Liguei no mesmo dia pro meu pai pra transmitir

o recado dado. Meu pai silenciou ao telefone, pois a família estava em várias conversas e combinações para fazer mudanças em espaços pessoais da casa dela. Depois desta minha comunicação, a família se reuniu novamente e decidiu por parar o que estava sendo feito em sua casa e replanejar tudo.

Assim renasce a comunicação com os encantamentos...

**Figura 3** – Anciã indígena



Fonte: Ilustração de Vânia Machado. Acervo pessoal, 2021.

### 2.3 MEU PAYA ARAÚYA DESCENDO A SERRA DESCALÇO

Meu irmão *Evandro* sempre era o indígena na hora de dividir os papéis das brincadeiras de criança no quintal, mas nunca ninguém perguntou de onde vinha isso. “*Puxou a família da mãe dele!*” “*Parecido até o fucim!*” “*Carne e osso a família dos Teobaldo!*” “*É a mãe Lia intirimzim!*” “*Cuspidos e lambidos!*” “*Puxou Lia sem tirar nem pôr!*” Nisso todo mundo achava, mas também se falava de traços indígenas de outras pessoas da família: “*A família de Dulce e*

*Ti Tõe nem se fala!*” “*Elaine mesmo não tem quem diga que não é uma índia!*” As conversas iam até este ponto das aparências físicas, mas nunca ouvi falar de alguém que buscasse a origem destes traços. O meu tio-avô *Ti Gonçalo* fazia questão de me contar histórias de *Arlinda* e *Teobaldo*, a mãe e o pai dele, minha bisavó e meu bisavô, no tupi *paya araiúya*, me guiando até a casa velha de adobe da família, ali mesmo no terreiro, que se tornou espaço de guardar ferramentas da roça e as colheitas de milho, cana, melancia e outras. Entrar naquela casa era retornar no tempo. No terreiro da frente ainda vive uma centenária figueira com um antigo carro de boi estacionado. Minha mãe já havia me contado histórias das colchas de retalhos e rendas de bilros da bisavó *Arlinda*, mas muito pouco ouvi sobre o meu *paya araiúya Teobaldo*. Sabia que além da roça também transportava alimento num jegue, inclusive as encomendas da bisavó. Um dia, já bem velhinho, com a voz baixa e bem fraquinho da saúde, em sua cama, *Ti Gonçalo* me disse pausadamente: *Seu bisavô, meu fi, desceu esta serra ainda menino, um índio, de pé descalço, corrido*. Me contou apontando os dedos para a grande Serra do Rio de Contas, onde a Serra do Espinhaço se encontra com a Chapada Diamantina.

Foi aos pés desta serra que se formou a comunidade que veio a se chamar de Curralinho, em seguida chamada pelo nome indígena de Ibirocaim, até se emancipar como município de Dom Basílio. Cresci acompanhando suas cachoeiras em épocas de chuva, brincando de montar esculturas com o barro do quintal que imitavam as montanhas. Cresci me banhando diariamente nas águas que escorriam de um rio que nascia no seu cume. Era assim que nutria meu imaginário. A fala de *Ti Gonçalo* me fez sentir o símbolo da serpente em renovação da pele, me ensinou a olhar de novo para aquela serra e assumir outros sentidos. A completude do tempo em poucas palavras, tudo dito numa pequena frase – a imagem viva do meu *paya araiúya Teobaldo* descendo a serra, o meu ancestral indígena mais próximo. Essa imagem me religou à criança que brincava no quintal, reconhecendo em meu irmão Evandro e em mim o nosso povo originário. *Ti Gonçalo* desencarnou tempos depois, mas sua fala permanece viva e cumpre com o legado da grande rede de transmissão oral. Conteí pra minha mãe e dias depois ela buscou uma foto de sua juventude que mantinha guardada entre as páginas de um velho livro. Era a primeira vez que minha mãe enfrentava com a sua imagem o apagamento, a perseguição, o genocídio de nossos ancestrais. Ela disse: “*O meu apelido quando era nova era índia*”, me conta minha mãe depois de seus setenta giros da terra pelo sol.

**Figura 4** – Dona Maria das Dores (Lia), mãe do autor



Fonte: Fotografia da família. Acervo pessoal.

Meu *paya araiúya* desceu a serra no final do século XIX, quando os povos indígenas que viviam na região sul da Chapada Diamantina ainda sofriam a violência dos colonizadores brancos invadindo suas terras. A sua origem mais provável pode ser do povo Payaya/Maracá, ou Tupinambá. Provavelmente, meu *paya araiúya* foi apartado de sua família e desceu a serra em fuga. Ele encontrou pouso numa fazenda de família mais abastada, que lhe deu comida e moradia pela exploração do seu trabalho. *A benção, meu paya araiúya Teobaldo!* A sua sobrevivência me fez existir e deixo aqui o meu compromisso pela continuidade deste fio.

Assim renasce o compromisso com a ancestralidade indígena...

## 2.4 “PITAR UM CACHIMBIM!”

Eu cavava o chão, cortava gravetos, abria trilhas, subia em árvores, criava brinquedos, descia o rio, atravessava a ponte de madeira. Uma infinidade de *aprontamentos*, como diziam as pessoas mais velhas. Vivia o segundo ciclo de quatro giros da terra pelo sol e estava em mais um desses dias de invenções no quintal com a parentada de crianças. Cavava um buraco com as mãos e percebi que tinha um objeto ali enterrado, do tamanho que cabia na palma da mão. Continuei cavando a terra com minhas mãos em garras até retirá-lo inteiro do buraco. Parei no tempo por um instante encantado com aquele objeto, depois busquei saber se era de madeira ou barro. Eu olhava pra cada curva e sentia a textura. Era um cachimbo. Levei ao meu nariz pra cheirar e senti uma leve fragrância do fumo de rolo que ainda mantinha impregnado no *pito* de barro, a parte que colocava o fumo pra ser queimado. A *piteira*, o canudo que liga o *pito* à boca, estava bem estragada. Num movimento instintivo levantei pra buscar a minha bisavó, Dona Maria Lopes, como era chamada na comunidade, avó materna da minha mãe *Lia*, rendeira de bilro, que morava em nossa casa. Minha altura era a mesma da almofada dos bilros e eu ficava várias horas do dia diante da magia das suas mãos na condução daquelas tranças. Ela sempre me chamava pra celebrar uma renda finalizada. Quando nascia uma criança na comunidade, Dona Maria Lopes era chamada pra cuidar dos primeiros dias da mãe e fazer o delicioso pirão de parida, uma mistura de galinha de quintal num creme de milho. Era serviço de obrigação, não tinha pagamento pra isso. Por muito tempo ela fumou cachimbo, até começar a cheirar *rapé* de fumo de rolo. Naquele dia, depois de desenterrar o cachimbo, corri com aquele achado na mão pra mostrar a minha bisa. Ela pegou o cachimbo em suas mãos bem lentamente e, com muito cuidado, roçou os dedos pelo barro do *pito* e fechando as palmas o recolheu pra si. “*Vai brincar menino. Isto aqui é coisa de gente grande!*” Ficou na memória o movimento do cachimbo desaparecendo nas mãos da minha mais velha. Quando contei esta história pra minha mãe, já vivendo este caminho de reconstrução da minha ancestralidade, ela me revelou que quando jovem foi a uma casa da comunidade que vendia imagens de santos e sentiu um chamado do *preto velho* exposto na prateleira: “*Eu sentia ele dizendo ‘me leve pra casa!’*”, lembra a minha mãe. Por isso ela mantém em seu altar até hoje a imagem do preto velho e o seu cachimbo.

Assim teço a comunicação pelos símbolos...

### 3 XE TEKOBÉ

*Maracá nã, Maracá nã  
Maracá nã, nã, nã  
Maracá nã...<sup>1</sup>*

Era uma casa de adobe, tarde da noite. Na dispensa tinha querosene a mais pra manter aceso o fogo dos candeeiros. Dona Joana de Camila era parteira da comunidade, não desgrudava os olhos da criança que nascia, aos pés da Serra do Rio de Contas, que liga a Serra do Espinhaço à Chapada Diamantina, mesma Serra de onde desceu sozinho e descalço o menino indígena, depois chamado de *Teobaldo*, bisavô ou *paya araiya* da criança que ali chegava. Naquela serra viveram Payaya, Pataxó, Tupinambá e outros povos originários. Terras tomadas pela violência dos colonizadores brancos portugueses, até hoje na cobiça pelos minérios daquela região. Rios desciam daquela Serra e o maior deles passava ali juntinho, o rio Brumado, nome que teve origem na expressão tupi *itimbopira*, coberto de bruma. A criança nasceu e teve seu umbigo enterrado na entrada da roça pra não faltar alimento. Era um povo de lavradoras e lavradores, rendeiras, reiseiros, juremeiras:

*A Lenha da Jurema é difícil de queimar*

*Ô, ô Jureminha...  
Ô, ô Jurema...<sup>2</sup>*

Este menino foi crescendo brincando na terra, banho de rio todo dia, se escondendo no mato, subindo em mangueiras, fim de ano catando imbu nos imbuzeiros carregados. Corriam de medo quando achavam buraco grande no pé de imbuzeiro. Era riqueza desenterrada, recebida de quem faleceu. Tinha uma cantiga que cantava pelas subidas nos pés de caju:

*Papai mamãe não quer  
Que eu suba no cajueiro  
Me tira mamãe, me tira  
Me tira desse castigo  
Eu subo naquela galha  
Não corro nenhum perigo  
Eu quero chupar caju  
Não tenho nenhum dinheiro  
Me deixa mamãe subir  
Na galha do cajueiro<sup>3</sup>*

Dormia pleno de tanto brincar. Acordava no outro dia, tomava café, atravessava a rua de terra e ia pra casa da sua avó, a sua *aryia* na língua mãe tupi: *Bença, vó! Deus que te dê boa sorte menino!* E saía em seguida pra rua, pros quintais, pro rio...

Ele foi crescendo e não deixava de passar pra ser abençoado pela avó. Já vivia o ciclo de sete giros da terra pelo sol quando acordou cedo e chegou na casa da sua avó. Uma tia abriu a porta e disse: *Sua avó saiu...*

1. Cantiga “Maracá nã” aprendida com a liderança indígena Urutau Guajajara no Rio de Janeiro.

2. Cantiga da Juerma aprendida com a professora Rosa dos Santos que aprendeu com *Manrosa* da comunidade rural Jurema, Dom Basílio/BA.

3. Música cantada pelas crianças na minha infância em Dom Basílio, adaptada da música “Galha do Cajueiro” (TIÃO MOTORISTA, 1970).

Sentindo o vazio do desencontro, se pôs a caminhar, cabeça erguida, determinado. Era difícil uma criança passar pela comunidade sem ser cuidado pelas mães e pais parentes, mas naquele dia ele passou desapercebido, caminhou, caminhou, até sair da comunidade e começar a se adentrar por uma trilha numa mata fechada, passando pelos juazeiros, imbuzeiros, ipês, jatobás, barrigudas, juremas, imburanas, ingazeiras. Os pássaros faziam coro e seus pés pelas folhas secas marcavam a sua coragem e persistência. Até que ele se encostou ao pé de um imbuzeiro e se aquietou. Foi amolecendo o corpo até dormir e num sonho receber a sua avó. Veio uma indígena, olhar determinado, cabelos longos, na testa um cocar de muitas penas, pelo pescoço colares de sementes vermelhas. Ela pedia em poucas palavras pra que sua memória fosse cuidada e cantava um canto numa língua diferente, tocada por um maracá.

*Jacy ae aende jacy  
Mba epe moindy iande taba  
Tupã our tym  
Isape iandé taba*

*Ixé asó xe si Jacy  
Touri peti bõ  
Ixé asó xé ubi Tupã  
Pe iandê taba by<sup>4</sup>*

O menino acordou movido por aquele canto e começou a catar sementes vermelhas à sua frente. Ao seu lado uma cabaça. Ele abriu um pequeno buraco na cabaça, colocou as sementes e viu ser criado o maracá, o mesmo instrumento que a sua avó tocava em sonho.

Se ergueu, apontou-se para a trilha que se abria pelo meio da mata, e agora ainda mais determinado seguiu sua caminhada, com o maracá na mão. Avistou uma luz mais adiante e quando chegou próximo estava num clarão de uma roça. Ao longe avistou a sua avó agachada na terra, com um lenço na cabeça. Saiu correndo em direção à velha pra pedir a sua benção: *Deus que te dê boa sorte menino!*

*Maracá nã, Maracá nã  
Maracá nã, nã, nã  
Maracá nã...*

Essa história conto oralmente há anos pra falar sobre a minha origem e ancestralidade. Em todas as rodas que a conto sinto viva a memória desta minha caminhada que fiz sozinho pela mata de Dom Basílio, na busca pela minha ancestral avó. É a minha história, ou como me ensina na língua tupi o Cacique Ytajibá Tupinambá: *Xe Tekobé*.

É a primeira vez que escrevo esta história e /vou percebendo o quanto é inacabada entre os símbolos, os sonhos, o encantamento e a realidade. Ela está estruturada de forma atemporal em relação às minhas idades. O sonho com a minha avó, por exemplo, aconteceu somente depois do meu terceiro ciclo de sete giros da terra pelo sol. É uma história que se cria, se repete,

---

4. Canto ritualístico do povo Tupinambá de Olivença/BA, aprendido com Cacique Ramon Ytajibá Tupinambá.

se estrutura, se enriquece em detalhes, sons, gestos, símbolos, cantos e silêncios.

O projeto do modelo de ação pedagógica proposto na Pedagogia Griô é facilitar o processo de elaboração do conhecimento à luz da formação da consciência comunitária, seguindo passos de mestres e mestras griôs de tradição oral e das ciências contemporâneas que nos ajudam a compreender como gerar fluxos afetivos e culturais, vivenciais e orgânicos, que iluminam a consciência. Neste caminho, aprendemos na tradição oral a importância dos fluxos energéticos gerados pelo encantamento (PACHECO, 2021, p. 86).

Um dia, uma professora que me escutou contando numa roda me procurou pra dizer que ela havia a recontado para as crianças da escola pública onde leciona e que elas adoraram e sempre pedem pra contar novamente. É a minha história pessoal extrapolando e dando sentido ao coletivo pelo caminho do encantamento.

Assim renascem histórias ancestrais...

#### 4 APIRAMÕ OIEPÉ XE TEKOBÉ PUPÉ

Mergulho em minha vida, *apiramõ oiepé xe tekobé pupé*, pra deixar emergir o que sou hoje. Cavucar feito tatu, como diz esta cantiga de batuque que aprendi ouvindo *Pedrina Pereira Conceição*, rezadeira, sambadora, cantadora de Terno de Reis de Lençóis, Bahia:

*Ói que bicho danado é esse tatu*

*É aaa, é uuu*

*Quando dá pra cavacar*

*É uuu, é aaa*

Lá em casa, minha companheira e meus filhos brincam que pra me encantar é só trazer algum assunto de Dom Basílio. E é verdade! As imagens, vivências e aprendizagens da minha terra natal nunca deixaram de ocupar muito tempo dos meus sonhos: o rio, a serra, o vale, as rajadas de luzes do pôr do sol, o povo, a parentada, o terreiro maior do centro da sede, o rêgo do fundo de casa, os pés de manga, de fruta pão, de abacate e o nosso sagrado imbuzeiro, *êitcha!* É muita coisa pra contar, não cabe aqui não, mas cabem algumas conversas escritas.

Quando nasci, em março de 1969, Dom Basílio havia passado sete anos antes por um processo emancipatório, que envolveu uma articulação política de várias famílias de agricultura familiar da região. Para comprovação da exigência mínima da renda econômica, elas criaram registros em recibos dos diversos produtos plantados em suas terras: cebola, alho, feijão, milho e arroz. Os arrozais eram plantados nas beiras dos brejos formados pelo Rio Brumado e nas encostas das diversas lagoas espalhadas pelo pé da serra. Uma fartura. Meu pai conta que meu avô *Supinha* sempre chamava ele pras reuniões de articulação política da emancipação. E ele até dormia quando as conversas eram cumpridas.

Meu pai era um jovem na idade dos dezoito anos, que desde os onze tocava flautim na filarmônica, plantava na roça, fazia a colheita num carro de boi e era aprendiz de alfaiate. Ele, com vinte e quatro giros ao redor do sol, e a minha mãe, com dezoito, se casaram numa cerimônia escondida na igreja da sede, com a bênção do padre, enquanto toda a cidade estava na festa de casamento da filha de *Joãozim de Marôto*. De ancestralidade dos povos indígenas da região, naquela época minha mãe não era aceita pela família do meu pai e, por isso, desafiaram a ordem. “*Casei usando um vestidim azul feito pela minha tia costureira Rosa Lopes*”, lembra a minha mãe. Meu avô materno, Laurindo de *Teobaldo*, era da roça e viajava pra trazer mantimentos pra vender na comunidade. A minha avó *Dalcy* era da família dos “*Lopes*”, muito ocupada com a *fiarada*. “*Carreguei muita lata d’água na cabeça!*” diz minha mãe apontando pras varizes das pernas. Sua alegria era catar imbu. Final de ano passava o dia

nos pés dos imbuzeiros. Recebeu em sonho do meu avô paterno *Supinha*, depois da morte dele, a mensagem pra ir pegar o pote da fortuna enterrado numa casa velha da mata do ixu, mas ficou com medo e seguiu a orientação de sua sogra *Dona Zinha*: “*Quá! Supinha lá tinha dinheiro pra deixar pote! perde tempo não, Lia!*”. Minha mãe trabalhou quando jovem nos serviços administrativos da recém-criada prefeitura municipal, gestão do primeiro prefeito, Cosme Teixeira, e nos serviços gerais de uma escola pública. Aos vinte e quatro giros dela e eu no meu segundo giro de vida, meu pai, com vinte e nove, numa eleição de candidato único, foi eleito o quarto prefeito do pequeno município de Dom Basílio.

Pra seguir o mandato, principalmente paterno, de que *precisa sair pro mundo pra aprender com a vida*, meu pai combinou com seu irmão, mesmo com a dor da minha mãe, pra eu ir, no meu primeiro ciclo de treze giros ao redor do sol, morar na cidade vizinha de Brumado, 64 km de estrada de terra, cascalho e muita poeira naquela época. Era pra seguir também com o legado da política: “*Quem sabe não vira doutor e volta pra ser prefeito!*”.

Com pouco mais de 20 mil habitantes na sede (IBGE, 1980), a cidade de Brumado naquela época já era uma referência de cidade grande pra quem vinha do contexto de Dom Basílio. Sem dúvidas uma situação difícil para um adolescente deslocado do seu ambiente para viver diariamente com as *riliás* de ser chamado de *Tabaréu da Roça*, *Povo do Curralim* e *Dombinha*. Para passar o final de semana com meu povo, no primeiro ano de moradia em Brumado eu subia toda sexta-feira nas carrocerias dos caminhões de feirantes que retornavam para Dom Basílio. Eu sonhava com esse momento durante a semana. Já começava a me sentir em casa quando chegava no meio da povaria junto aos caminhões estacionados. Ali ninguém era *riliado*, éramos os próprios *Tabaréu da Roça* e o povo de *Curralim*. Quando chegava na sexta-feira, deixava tudo arrumado de manhã antes de sair pra escola, almoçava rápido pra não chegar atrasado nos caminhões. Era um ciclo emocional semanal: voltar pra Dom Basílio. No segundo ano em Brumado, comecei a abrir exceções na frequência das sextas, já estava mais esperto com a linguagem da cidade grande e com as *riliás*, mas, ainda assim, voltar pra Dom Basílio sempre me trazia o conforto e a proteção do útero, era o meu *umbigo do mundo*<sup>5</sup>. Aos dezesseis giros ao redor do sol me retirei de Brumado e *rumei* pra estudar em Salvador, onde vivi até o meu segundo ciclo de treze giros, momento de reconstruir o caminho de retorno.

Sempre nutri o meu sentimento afetivo por Dom Basílio, mesmo com o distanciamento da ida pra Salvador e a relação com Brumado, mas, sem dúvida, fui deixando adormecer muitos símbolos que me ligavam à minha origem pra viver o processo de adaptação aos valores da

---

5. Expressão que aprendi com o griô aprendiz Guitinho da Xambá, a quem deixo aqui a minha eterna saudação.

cidade grande, na luta diária pra ser aceito. Ressalto que, ainda assim, por ser homem e de pele branca, é uma situação incomparável à violência do racismo e do machismo diário vivido por mulheres e povos indígenas e negros.

Assim renasce o amor à própria terra...

#### 4.1 TABARÉU DA ROÇA

**Figura 5** – Praça Queiroz, Curralinho de Livramento, atual Dom Basílio/BA no início do século XX



Fonte: CAIRES, 2018, p. 191.

Era noite, casa de parede de adobe e chão de cimento queimado, o *candieiro* aceso pendurado, residência de *Dona Dalcy* e Laurindo de *Teobaldo* (Figura 5, casa ao lado direito da foto, de onde saem pessoas). Ela, filha de Maria Lopes, rendeira de bilro e costureira de crochê e do sapateiro João Pereira; ele, filho da rendeira e costureira *Arlinda* e do tropeiro *Seu Teobaldo*. Quinto dia depois da lua nova, décimo sétimo dia da nona lua do calendário de povos originários da América Central, 23 de março de 1969 pelo calendário gregoriano. A filha de *Dona Dalcy* e *Seu Laurindo*, Maria das Dores Caires Chaves, *Lia* ou *Lilia*, como era chamada pela parentada, uma jovem aprendendo a ser mãe, vinte e dois giros pelo sol, barriguda, placenta em vias de romper, deitou-se inicialmente na mesa de madeira da sala, de noite, luz amarela de *candieiro*, acompanhada por Dona Joana de Camila, parteira velha, e no final pelo doutor Ulisses, negro, médico da região. O jovem pai, João Caires Chaves, vinte e sete giros,

reconhecido como *Duinha*, filho da lavradora *Dona Zinha* e do comerciante de feira e sanfoneiro de oito baixos, *Seu Supinha*. A minha passagem aconteceu na madrugada. Meu umbigo foi enterrado pelo meu pai na porteira de entrada da roça da minha avó pra manter a tradição do cuidado, proteção e minha ligação com a terra. Fui rezado por *Dona Joana* durante toda a infância.

O meu nascimento trouxe para a família uma realização especial: eu havia sobrevivido. A minha mãe e o meu pai viviam o trauma pela morte da primogênita com seis meses de vida, por um erro médico, muito comum naquela época no tratamento de uma desintéria. Os cuidados comigo foram redobrados. Minha mãe e meu pai dizem que queriam um nome que fosse único: “*Escolhemos Márcio porque era um nome forte e diferente de todos os outros que tinha*”.

Fazendo uma previsão com base no Censo IBGE (1970), em 1969, viviam no município de Dom Basílio em torno de sete mil e quinhentas pessoas, mas somente quinhentas moravam na sede, onde nasceram e cresceram a minha mãe *Lia* e o meu pai *Duinha*. Era na época um pequeno povoado do interior da Bahia, distante cerca de 700 km da capital, Salvador. Na passagem do século XVII pro XVIII, a Serra do Rio de Contas foi rota, e com intenso movimento, da corrida do ouro, região onde já viveram os povos originários Payaya, Maracá, Tupinambá e outros, violentados pelas invasões dos infames bandeirantes. Das minas de ouro do Rio de Contas, no cume da serra, pessoas negras fugiam da cruel condição de escravidão. Foi neste contexto que foi surgindo a localidade que recebeu o nome de Currealinho, depois Ibirocaim e, por fim, o município emancipado de Dom Basílio. É sabido pelos livros de história com os quais estudamos desde a infância, na pretensão de nos dar formação, ou “deformação”, que as sesmarias no Brasil foram divididas em fazendas e repartidas entre os privilegiados brancos, os quais deixaram no registro escrito a supremacia da história, os ilegítimos proprietários da terra, que obtinham os documentos nos cartórios ocupados pelos seus próprios familiares, recebendo a autoria e homenagem pela criação das cidades.

A bacia hidrográfica do Rio de Contas deságua no mar em Itacaré, mais ao sul do estado da Bahia. Eu ouvi de *Dona Maria*, da comunidade quilombola do Bananal, entre as serras do município de Rio de Contas, que seu povo veio do mar, subindo o Rio de Contas e o Rio Brumado, em fuga de navios negreiros que chegavam na costa, alguns inclusive naufragados por revoltas negras. Percorreram sertão acima pra se estabelecerem em terras seguras, nas cabeceiras dos rios, cultivando suas roças e suas tradições. Nessa serra, no município de Dom Basílio, o historiador Róbson Caires (2018) estuda uma série de sítios de pinturas rupestres que guardam a história ancestral da região. É nesse fio da história que meu bisavô indígena, meu *paya arauíya*, desceu a serra de pé no chão, como me contou meu tio-avô *Ti Gonçalo*.

O tempo que vivi em Dom Basílio estive mergulhado no universo da linguagem e dos símbolos da oralidade. Era uma comunidade que vivia essencialmente da roça, com águas abundantes que desciam da serra. Meu tio-avô materno *Titõe de Dulce*, reconhecido pelos seus assovios diários e afinadíssimos, me contou que se plantava muito algodão na região e ele chegou a viver num período em que todas as famílias vestiam roupa do próprio algodão plantado. Era prioritariamente das mulheres a função de fiandeiras e a de tecer o pano nos teares. Já o ofício da alfaiataria era mais comum aos homens. As duas avós da minha mãe, *Tia Arlinda* e *Maria Lopes*, eram rendeiras de bilro e costureiras. Já meu pai se iniciou no ofício da alfaiataria como aprendiz do alfaiate *Seu Zé Martiniano*, o mais conhecido da região. Meu pai era seu principal apoio pra dar conta da grande quantidade de encomendas: “*Eu era bom em fazer calça. Lembro direitim eu medindo os panos estendidos na mesa. Seu Zé Martiniano me ensinava nos detalhes. Confiava muito em mim*”. Seu *Neca da venda* me contou que o maior tear era de três mulheres negras, bastante disputadas nas encomendas dos panos. Estas são as raízes da arte da costura da comunidade de Curralinho.

O quintal da casa da minha família findava-se no leito do abundante rio Brumado (em tupi Itimbopira, “coberto de bruma”). Eu mantinha uma rotina diária de idas e vindas, inclusive o banho ao final da tarde com a meninada e as famílias da comunidade. A casa da minha bisavó e do meu bisavô maternos era do outro lado do rio, numa roça chamada de *Paulo*. Depois que meu bisavô e minha bisavó faleceram, a roça passou a ser cuidada pelo meu tio-avô *Ti Gonçalo*, irmão do meu avô *Laurindo*. *Ti Gonçalo* tinha um engenho de moer cana, local onde cresci brincando e aprendendo com a minha família a ver o caldo de cana se transformar em melaço e rapadura. Nos últimos tempos, ouvi de *Ti Gonçalo* muitas histórias. Ele fez sua passagem com mais de noventa giros pelo sol.

Pra chegar ao *Paulo* tinha que atravessar a pinguela, uma ponte estreita e longa, que na época de enchente do rio se tornava uma aventura. Esta travessia me vem em sonhos até os dias de hoje, que considero simbolicamente como os meus rituais de passagem e enfrentamento do medo.

Alguns nomes me saltam na memória de brincadeiras de infância: Geraldim, Joaozim de Nini, Silvinha, João de Aparecida, Lu de Dalva, Toezim de Dalva, Zé e Zefa de Mariquinha, Rita, Luiz Eugênio, Digo e Paulo de Seu Nem, Dedé, Zé de Zezito, Tadeu, Aberlado, Cosmin, Claudio de Seu Cosme, Jussara, pessoas que ainda me encontro anualmente a cada visita a Dom Basílio. A nossa brincadeira predileta era brincar de pega-pega e esconde-esconde dentro d’água, onde olhos ficavam vermelhos de tanto mergulhar. A gente também pescava, lavava roupa e acompanhava as enchentes, único momento que as mães proibiam de qualquer aventura.

Tinha também o baleado, a gude, o pião, o futebol, o triângulo, que se jogava atirando um pedaço de ferro pontiagudo no chão e fazendo um traçado toda vez que o ferro fincava sem cair, com o objetivo de fechar o cerco no triângulo da outra pessoa. Com pedaços de madeiras, coríamos *descarrerados* nos cavalos de pau. Tinha ainda as brincadeiras de fundo de quintal, onde aldeias e pequenas cidades eram esculpidas em barro. Os quintais das ruas de baixo eram cortados por canais de irrigação de água que vinham de um desvio mais acima do rio, que chamávamos de “rêgo”. Serviam para molhar os plantios das hortas e frutíferas. Era o nosso paraíso. Um rio no nosso quintal. Água em abundância. Tínhamos uma bacia grande de alumínio que era nosso barco pra descer pelo “rêgo”. Era um quintal farto de frutas: banana, fruta-pão, pinha, abacate. Eram dois pés imensos de mangueira, um de “manga-rosa” e outro de “manga comum”. Fazíamos até casa em cima das mangueiras, além de pendurar cipós nas galhas e balançar pendurados em cordas. Como era um quintal muito úmido, um lugar que atraía também as cobras, nossas companheiras no dia a dia: jaracuçu do papo amarelo, coral, jararaca e cascavel, as mais comuns. Minha mãe e meu pai contam que quando eu era pequeno, ainda iniciando meus primeiros passos, me encontraram brincando com uma cobra coral. Ela chegava a roçar meu corpo. A minha mãe se desesperou por não poder fazer nada, afinal não podiam assustar a cobra. Aguardaram pacientemente ela sair de junto de mim e criar uma distância de segurança pra me pegarem. Um pacto selado desde criança com o mistério das serpentes. Todas essas brincadeiras e comunicações com a natureza fazem parte de meus encantamentos como Griô Aprendiz.

Final da tarde em minha memória os espetaculares pôr do sol. Como Dom Basílio fica ao pé da Serra, a visão do vale para o alto da Serra do Rio de Contas é muito ampla. As fortes colorações alaranjadas quando o sol se põe pelas serras distantes se misturam às revoadas e cantorias infalíveis dos periquitos, formando um completo concerto pelo céu.

Convivi com uma irmã, *Sirlene*, e dois irmãos, *Evandro* e *Luiz Carlos*, minhas referências na aprendizagem de ser o mais velho e a dividir a bacia onde comíamos de mãos conjuntamente. Por ser o primogênito, fui incentivado pelo meu pai a assumir mais cedo algumas responsabilidades, tais como vender banana e fruta-pão na feira, aboiar as poucas cabeças de gado todo final de tarde, da roça para o curral da casa para tirar o leite no outro dia pela manhã. Meu pai adquiriu também uma máquina de beneficiar arroz e recebia as produções dos agricultores para retirar a casca. Os sacos vazios que sobravam eu acumulava e revendia para as produções futuras. Eu qualifiquei minhas aprendizagens de matemática, de leitura e escrita nesses afazeres diários, além de me tornar, desde pequeno, uma pessoa econômica que sabe realizar controles de venda, entradas e saídas de recursos. Na roça também aprendi a medir,

a arar a terra e a plantar feijão e milho.

O bolo de arroz, cuja farinha é feita no pilão, fez e ainda faz parte da memória do meu olfato. Sopa de fruta-pão, cortadinho de mamão verde, abóbora com leite, escaldado, arroz de leite, mingau de milho, maxixe, quiabo e limão. Uma lista infindável de cheiros, saberes e fazeres resguardados neste *tabaréu da roça* que vos escreve e que carrega no corpo toda essa biblioteca viva e oral dos ofícios tradicionais em fios que tecem o lugar do Encantado do Griô Aprendiz. Como diz a professora e liderança sindical da rede pública de Dom Basílio, Rosa dos Santos, que aprendeu com *Dona Laurinda*, filha de *Dona Francisca* e *Seu Alfredo*: “*Os mangado também veve*”. Aprendi este canto de capoeira com *Mestra Janja* do Grupo de Capoeira Nzinga:

*Tabaréu que vem do Sertão  
Ele vende maxixe, quiabo e limão*

#### 4.2 O PODER DA PALAVRA E O PALETÓ

O termo “*tabaréu da roça*” está na essência da motivação de independência política da história de Dom Basílio e marcado na memória de sua ancestralidade, mas somente tive consciência do significado deste termo quando fui morar numa *cidade grande*, no caso Brumado, maior da região. “*Diga aí, seu tabaréu da roça!*”, me *mangavam* os colegas de sala. “*Só podia ser este tabaréu da roça!*” Hoje, como todos os agrupamentos identitários que ressignificam expressões de preconceito e opressão, me reconheço nesse termo e identifico as aprendizagens que me emanciparam até aqui.

Meu pai me conta que na sua infância, quando a comunidade já tinha recebido o nome de Currálim e era zona rural do município vizinho Livramento, as terras eram divididas entre várias famílias e a produção rural familiar era destacada em toda a região, mas as *rílias* com o seu povo vinham de antes, com os termos “*tabaréu da roça*”, com o próprio nome da comunidade: “*Lá vem o povo de currálim!*”, e outros mais. Como a feira de verduras era muita rica, era lá que os moradores de Livramento vinham pra fazer *arrília*: “*Vi gente sair correndo com fuêro de carro de boi na mão*”, ou seja, na paulada, lembra meu pai. Depois de muita confusão, em 1943 o município recebeu o nome indígena Ibirocaim, não muito aceito pela comunidade, pois mantinha a afirmação de *povo da roça*.

Em 1963, meu pai com vinte e um giros pelo sol e a minha mãe com dezesseis, Dom Basílio se emancipava politicamente e foi elevado à categoria de município, com nome dado

em homenagem a um filho da região que se tornou bispo por nomeação do Papa da época. A emancipação foi resultado de uma intensa luta política de lideranças locais organizadas numa comissão que tinha a parentada como participante, como minha tia-avó Julinda Caires, a primeira vereadora mulher do alto sertão baiano que ocupou uma cadeira na Câmara de Vereadores. Também apoiaram a causa meu avô *Supinha*, meus tios-avôs *Ti Gonçalo*, *Ti Tõe* e outros parentes. Meu pai conta que as reuniões aconteciam com mais frequência na casa do grande maestro João Queiroz. Ao lado de *Supinha*, meu pai lembra o que via nas longas conversas da comissão: “*Eu ficava olhando aquele povo conversando, com determinação e vontade de vencer*”. Ele ainda lembra do maior desafio que a comissão enfrentava, que era provar para o governo que o distrito tinha capacidade de arrecadação. Foi assim que a comissão iniciou a mobilização para que as famílias agricultoras passassem a emitir notas das vendas das suas produções. Ainda tiveram que disputar com outra comunidade rural que também reivindicava o lugar de sede do novo município. Pouco antes do falecimento de *Seu Cosme Teixeira*, escolhido para ser o primeiro prefeito, grande liderança deste grupo da comissão de emancipação, vi no seu rosto o brilho quando me contava o momento que receberam a confirmação de que a comunidade estava finalmente emancipada à categoria de município.

O novo momento político e administrativo da emancipação de Dom Basílio foi envolvendo meu pai até ele deixar de ser alfaiate pra assumir um cargo de secretário da Prefeitura, depois da gestão do segundo prefeito do município, *Seu Osório* – político respeitado por sua oralidade, seu zelo com o poder da palavra.

Em 1973, aos trinta giros pelo sol, meu pai tomou posse, numa eleição de candidato único, como o quarto prefeito do recém-criado município. Toda essa experiência política de meu pai é uma grande referência para a minha aprendizagem com a ética da palavra. Meu pai tinha como inspiração e referência o mais velho *Seu Osório da Poça*, presidente do partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de tradição oral, um “*homem de palavra*”, como era referenciado pela comunidade. Na época, o MDB era o partido de oposição ao partido do regime militar, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Mesmo sendo uma criança na época, meu pai me levava para suas caminhadas pelas comunidades rurais de Dom Basílio e me deixava participar das reuniões políticas, da mesma forma que ele viveu com o seu pai nas reuniões da emancipação política de Dom Basílio. Minha mãe lembra que quando eu ouvia alguma movimentação de saída do meu pai eu já ia correndo sozinho pra tomar banho e me arrumar. Eu não elaborava os detalhes do que era discutido, mas guardo na memória momentos de discussões tensas e como eram articulados nos gestos e nas palavras os consensos e encaminhamentos. Eu sentia se meu pai estava tranquilo ou nervoso com os resultados.

Um dia acompanhei meu pai em mais uma de suas viagens pelas estradas de terra da zona rural do município. Neste dia ele passou a viagem praticamente em silêncio e pensativo e eu com mais atenção aos galhos das jureminhas que tocavam a pintura do carro, uma D10 a diesel. Depois de um tempo pela estrada estreita no meio da mata, chegamos num terreiro aberto com uma casa de adobe pintada de branco de cal. Meu pai estacionou o carro na sombra de um imbuzeiro, enquanto pela porta da frente aparecia um senhor todo vestido de paletó bem engomado e limpo: *Entra pra cá Duinha!*, diz *Seu Osório da Poça* com a sua voz segura. Os dois se sentaram na sala e logo em seguida já chegava o café. Eu observava tudo agarrado às pernas do meu pai. As conversas com *Seu Osório* eram sempre mais serenas e sentia que meu pai o tratava com o respeito de mais velho. Não tinha sobreposição de voz. Cada pessoa falava no seu tempo enquanto as outras escutavam. Até me distraía mais pela harmonia das palavras. Ao final, um abraço de despedida e *Seu Osório* acompanhou meu pai de volta até o carro. O retorno foi diferente. Meu pai tinha alegria e conversava comigo.

Enquanto escrevo cada palavra desta história, sinto no meu corpo não o conteúdo da conversa, mas as sensações que vivi como uma criança naquele momento. Se busco o conceito de ética, esta história é o que me vem como concreto. Me enche de honra ter convivido com a referência de um político de tradição oral, que presidia o partido que questionava o regime militar vigente no Brasil naquela época. Assim, meu pai aprendeu a fazer política e a cuidar do poder da palavra. Eu aprendia com ele. Aqui vou tecendo outro fio nessa colcha de retalhos do Encantado do Griô Aprendiz. A imagem do paletó por muito tempo ficou na minha mente, eu não sabia de onde vinha aquele figurino, sabia que vestia o poder de um político respeitado na região.

Quando fui morar em Salvador já cumpria o mandato familiar pra fazer o vestibular pra medicina, não dito explicitamente, mas nos gestos e comentários indiretos, já que era sabido o poder e a força política de um doutor médico numa cidade do interior da Bahia. Depois de sair de uma escola pública em Brumado pra estudar num colégio mal avaliado em Salvador, o que era o mais compatível com a capacidade financeira da minha família pra apoiar os meus estudos, fui reprovado no vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para o esperado curso de medicina. Uma frustração à missão prevista, o poder que minha família buscava para meu lugar social se desfez na minha frente! Uma porta que se fechava, outra que se abria...e tudo que a gente planta se transforma no tempo.

*Eu plantei caninha verde*

*Pra colher cana madura*

*Com três dias de nascida*

*Já comia rapadura iê, iê*

*Rapadura iê iê*

*Rapadura iê iê*

*A garapa desta cana*

*Era uma gostosua iê iê*

*Gostosura iê iê*

*Gostosura iê iê*

Aprendi este ponto de congado com meu mestre *Alcides de Lima*, mestre griô de tradição oral, que aprendeu com o seu tio *Chico Mané*, de Estrela do Sul, região do sul de Minas Gerais, da tradição do Catupé Cacundê. *A bença e permissão de Mestre Alcides!* Este canto me veio no exato momento que escrevia as últimas palavras do parágrafo acima: “*uma porta que se fechava, outra que se abria...*”. São muitas as prosas com Mestre *Alcides*, além dos seus cuidados espirituais ao meu caminho de iniciação e aprendizagens como Griô Aprendiz. Participamos de lutas políticas, principalmente a de construção e articulação no Congresso Nacional pela aprovação do Projeto de Lei Griô, que vou referenciar mais à frente. Trago este ponto de congado para este momento em que conto esta parte da história. O tempo não é linear como nos faz crer o calendário gregoriano. Como diz mestre *Alcides*, *na oralidade aprendemos que o tempo é cíclico, é uma árvore*. A tradição oral é viva, corporal, onde está a raiz está o fruto da árvore. Este canto me vem pleno de sentido quando referencio o instante da minha história aos dezessete giros da terra pelo sol depois do meu nascimento.

Nesse mesmo período de minha ida para Salvador, em 1985, o primo carnal do meu pai, Raimundo Caires, filho da minha tia-avó Julinda, aquela que foi referência feminina ao ocupar a Câmara de Vereadores, era deputado estadual pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Eu estudava no turno da manhã e à tarde sempre passava na Assembleia Legislativa, no gabinete de Raimundo, para saber se havia algum acompanhamento aos benefícios conseguidos para pessoas e entidades públicas de Dom Basílio. Eu acompanhava as saídas de materiais das Secretarias, como remédios, materiais da educação e outros. Por várias vezes fui até os hospitais para adiantar vagas de doentes que chegavam nas ambulâncias de Dom Basílio. Não havia passado no vestibular, mas as atividades da política nunca faltavam em meus afazeres como jovem trabalhador interiorano na cidade grande. Nunca recebi nenhum valor por estes trabalhos nem fui nomeado como assessor ou outro cargo no gabinete do deputado. Quando não tinha atividade do gabinete eu ia pra plenária e ficava aprendendo com os movimentos dos deputados. Me inquietava quando uma pessoa estava falando ao microfone

e todas as outras conversavam em paralelo. Sentia desrespeito. Observei várias vezes um deputado agredir verbalmente o outro no microfone e depois eu via os dois tomando café juntos, rindo de algo. Meu olhar de jovem *tabaréu da roça*, crescido nas referências da ética e da palavra na política, amadurecia diante daquela realidade.

Estávamos no período da discussão da nova Constituição do Brasil, a chamada “Cidadã”, e o meu primo deputado seguia uma das grandes lideranças políticas do PMDB no Brasil, o ex-governador da Bahia e ministro da saúde da época Roberto Santos, que seguia o deputado e presidente da Assembleia Constituinte Ulisses Guimarães. O mundo político fervilhava nas discussões sobre a Constituinte. Eu acompanhava todo esse momento nacional com muita curiosidade, mas os pequenos gestos, movimentos, palavras do meu entorno era o que mais me chamavam a atenção. Lembro das imagens da intervenção da liderança indígena Ailton Krenak na plenária do Congresso, de terno branco e gravata, se pintando com tinta de jenipapo, enquanto denunciava a violência aos direitos dos povos originários, momento decisivo para aprovação de artigos importantes na Constituição Federal (1988). Uma imagem marcante que repercutiu até na imprensa internacional. A imagem do poder do paletó e da palavra sendo ressignificada. Ali comecei a entender o conflito étnico entre as raízes culturais do poder do paletó e da palavra.

O meu segundo ano em Salvador foi suficiente pra eu me despedir do mandato familiar de ser médico. Escolhi a opção de Engenharia de Minas pro vestibular da UFBA do final do ano 1986 e ingressei finalmente na universidade em 1987. Não era medicina, mas era um curso de engenharia, uma maneira nova de atender ao mesmo mandato da família. Não resisti e me tornei uma pessoa frustrada com o curso, sem visualizar uma perspectiva de futuro. A indecisão tomava conta de mim naquele momento. Um dia um amigo me disse: “*Márcio, quando a gente está em dúvida do que fazer, escolha administração de empresas. É um curso geral e cabe um monte de coisa*”. Confiei no conselho do amigo, larguei a engenharia e ingressei no curso de Administração de Empresas na Universidade Católica do Salvador em julho de 1988, dois meses antes da aprovação do documento final da “Constituição Cidadã”. Por representar a minha rebeldia, mergulhei no curso definido a finalizar, mas antes precisava conseguir uma forma de pagar a mensalidade. Foi o meu primeiro exercício de conquistar um benefício independente. Consegui a aprovação no programa de “crédito educativo” e segui adiante.

Em 1991 já estava no penúltimo ano do curso quando recebi uma ligação de Maurício Lima, um empresário da área de comunicação no sudoeste da Bahia, que me convenceu a abandonar tudo e ir exercer na prática uma experiência de administração de um jornal diário em Montes Claros, norte de Minas Gerais. Ele tinha comprado o jornal e precisava de uma

pessoa de confiança que pudesse representá-lo. Em poucos dias tranquei a minha matrícula em Salvador e me mudei para Montes Claros. Era um jovem de 22 giros pelo sol pegando a estrada e se aventurando novamente no desconhecido, mais uma parte na formação deste *tabaréu da roça*. Tudo era surpresa. A primeira foi saber que o jornal tinha setenta e cinco funcionários de carteira assinada. Chamava-se “Diário do Norte de Minas” e era o maior e mais tradicional jornal da região. Estava em falência e Maurício Lima o havia adquirido de políticos mineiros. Tinha uma enorme dívida no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Depois de vivenciar todas as áreas do jornal, gráfica, publicidade, redação e acordar várias vezes às quatro horas da manhã pra acompanhar a entrega, Mauricio me deu uma missão: montar um mapa dos municípios do norte de Minas, com o nome dos prefeitos, partidos, aniversários das cidades e festas culturais. Peguei o carro da empresa, um fusca com o nome do jornal e a palavra “reportagem” no capô, e parti para uma viagem por mais de uma dezena de municípios do norte de Minas. Fui construindo aos poucos uma rede de diálogos com os prefeitos da região e consegui diversas matérias dos aniversários, das festas e também notícias gerais. Fiz a cobertura de uma grande enchente do Rio São Francisco que marcou a minha vida. Teve um momento que cheguei ao leito do Velho Chico numa cidade que ficou ilhada, sem acesso e correndo risco de desabastecimento de alimentos. Ninguém tinha acesso, exceto através de pequenos barcos de pescadores aventureiros. Não medi esforços e atravessei o rio num barco a motor do tamanho de uma canoa. A velocidade do rio era tão grande que o barqueiro fez um cálculo pra sair bem acima do rio pra chegar lá embaixo do outro lado do leito. Foram muitos perigos em função das ondas e das toras de árvores imensas que desciam o rio. Nessa viagem também conheci mestres(as) griôs que me marcaram com suas maestrias no cerrado, sertão e gerais, o conhecido Sertão Veredas de Guimarães Rosa.

Em uma dessas viagens, cheguei na cidade de Januária, no dia de uma grande festa tradicional. Fui adentrando pelas ruas até chegar num grande aglomerado de gente, diante de um imenso barco todo enfeitado às margens do rio São Francisco. Em instantes, saiu deste barco, pra alegria das pessoas presentes, vestidos de marinheiro, um grupo tocando gaitas, tambores e pandeiros: foi assim que conheci a tradição do congado da marujada.

*Eu vou levar, marinheiro eu vou levar  
Eu vou levar a minha barquinha pro mar  
Eu vou levar, marinheiro eu vou levar  
Eu vou levar a minha barquinha pro mar*

Cantiga cantada pela Marujada da Comunidade Quilombola do Remanso, zona rural de Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia. Aprendi cantando com o seu povo: *Dona Judite*,

*Manezim, Salvador, Seu Inocêncio, Dona Tonha, Dona Agmar, Seu Aurino, Lina, Mãe Rosa, Pedrina, Maninha, Caburé, Maria, Quitéria, Robertinho, Dão, Natalino, Getúlio de Manezim, Delvan Quilombola*, que me permitem ser aprendiz e também contribuir com as minhas aprendizagens. O meu respeito e reverência! *Seu Aurino* me contou que esta cantiga é entoada no momento de entrega da barquinha ao rio Marimbus, pra seguir pro mar, durante a festa do padroeiro. Um barquinho lançado ao rio todo enfeitado de folhas.

A rede de contatos de prefeitos que construí no norte de Minas teve um resultado financeiro impactante pro jornal. Maurício Lima já não me queria mais fixo em Montes Claros. Dizia que meu trabalho era conversar com os prefeitos. O poder da palavra que havia aprendido com a tradição oral de minha família, com o meu pai, com *Seu Osório* e nas sessões da Assembleia Legislativa de Salvador se teceu com a minha postura digna de *tabaréu da roça* e abriu o diálogo com os políticos da região. Vários passaram a me telefonar pra participar de atos públicos em suas cidades, inclusive eventos pessoais. Eu fazia isso com muita motivação e interesse.

Mas depois de um ano nesta experiência, retornei pra Salvador no início do ano de 1992 pra finalizar a faculdade de administração de empresas, me formando em agosto de 1993. Nesse período de retorno, mais encontros para este *tabaréu da roça*. Um dia, alguns amigos da faculdade me chamaram pra ir com eles pra fazerem uma inscrição num teste de uma grande empresa de auditoria, mas tinha como condição básica falar inglês. Eu não sabia falar inglês e não queria trabalhar numa grande empresa, mas pela insistência dos amigos me inscrevi no tal teste. A seleção era feita por entrevistas e pra minha surpresa e a de meus amigos eu fui o único a ser selecionado. Lembro deles dizendo: “*Mas como Márcio foi selecionado se ele não sabe falar inglês?*” A *rilia* tinha relação ao meu jeito de interiorano, *tabaréu da roça*, diante de uma das maiores empresas de auditoria e consultoria do planeta. Eu não sabia nem pronunciar o nome corretamente: Arthur Andersen. Mas o gerente do escritório de Salvador gostou da minha pessoa e me aprovou com a condição de eu aprender inglês em um ano. Tive que correr pra comprar paletó e a gravata. Olhei e olho para aquele paletó e lembro de *Seu Osório* no meio do mato embaixo do *pé de imbuzeiro* e de Ailton Krenak na Constituinte. Eu não fazia a menor ideia de como usá-lo, mas já sabia o significado de falar inglês e usar aquele figurino. O primeiro encontro de formação seria num grande hotel fazenda no Rio de Janeiro. Chegando lá, no vídeo de apresentação tinha uma música em inglês que repetia a todo momento: “*simply the best!*”. Só no último dia do curso entendi o que queria dizer aquela frase repetida. Era um *tabaréu da roça* candidato a ser “*simply the best!*”.

Trabalhei durante quatro anos na Arthur Andersen e foi sem dúvida a minha iniciação

na linguagem das grandes empresas, dos *businesses*, das etiquetas e postura de homem branco de referências neocolonizadoras, do cabelo sempre muito cortado e os nós de gravata. Ao sentar numa mesa de almoço ou jantar, eu ficava lá observando os detalhes de sentar, onde colocar o lenço, a posição dos talheres. Muita observação e aprendizagem. Era um processo de inclusão social num mundo estranho para mim, o ambiente do “incluído”. Trabalhei muito na área da auditoria, mas a minha habilidade no diálogo abriu muitas portas para a área da consultoria. Conheci vários estados do Brasil, analisei as contas de grandes empresas siderúrgicas, grandes indústrias de bebidas e alimentação, o polo petroquímico de Camaçari e prefeituras. As contas que eu aprendi a controlar desde pequeno na feira de Dom Basílio agora eram muito maiores e cheia de subcontas, mas continuavam sendo uma diferença ética entre entradas e saídas, uma diferença étnica e de gênero nas divisões sociais do trabalho. Tudo me incomodava.

Nesse tempo eu já tinha até melhorado nas artimanhas com os nós das gravatas, mas mantinha somente dois paletós. Não aceitava me adaptar à vaidade das partilhas sobre as peças dos guarda-roupas e não me sentia pertencente àquele mundo. Ocupava o cargo de “semi-sênior”, o passo anterior na disputa pelo lugar de gerência, mas já me declarava contra o padrão recomendado *Simply the Best!*, seus valores e crenças nos dizeres: “Estar na nossa empresa é estar numa vitrine.”; “Eles podem nos explorar, mas também nós estamos numa escola.”; “Tão importante quanto ser é parecer ser o que você não é.”; “Desculpe-me pela pergunta.”; “Se eu estiver errado, por favor me corrija.”; “Nós somos os melhores nisso.”; “Mantenha-se ocupado.”; “Vamos em frente, pois tempo é dinheiro.”, “Temos que cumprir o *deadline*.”; “Hoje é dia de *time-sheet*.”; “Matou o *to do*?”; “Você precisa fazer um *referencing*.”, “Favor guardar no office copy.”; “Procure-me no pré-audit.”, “Passe o *lotus-notes*.”; “Você está em algum *job*?”; “Você está dentro do perfil.”; “Já somos todos crescidinhos.”; “Não se esqueça: na verdade quem paga o seu salário é o cliente.”.

No terceiro ano de trabalho eu passei a sentir que meu ciclo de aprendizagem naquele ambiente estava se encerrando. Meu cabelo, marca maior de minha ancestralidade indígena crescia, eu já não aceitava cortar. O paletó que nunca coube ao certo no meu corpo já não me vestia, o nó da gravata folgado para não me sufocar. Foi um ano de despedida e de processo de conscientização. Eu viajava de férias para minha região de Dom Basílio, a Serra do Rio de Contas, e ficava muito emocionado. Mesmo em viagens de trabalho passei a caminhar em comunidades indígenas, periféricas, estava decidido a buscar quem eu era. Somente anos depois eu entendi a relação deste momento com o sonho que tive com a minha avó *Dinha* e seus símbolos indígenas, me pedindo pra cuidar das coisas dela. Ela me chamava para voltar.

Foi no final do ano de 1995, momento de passagem do meu segundo ciclo de treze giros

pelo sol, que anunciei a minha saída para o gerente da Arthur Andersen, que não aceitou no primeiro momento, mas eu estava corporalmente decidido. Me despedi definitivamente em 30 de abril de 1996. Meus colegas perguntaram se eu já tinha enviado o meu currículo para outras opções de trabalho. Eu simplesmente respondia: “*Não enviei, não sei pra onde vou e nem sei o que vou fazer, só sei que preciso caminhar*”.

Me desapeguei de tudo que se relacionava com o mundo e o ambiente da Arthur Andersen, exceto o paletó, que havia me instigado às contradições desse simbólico figurino em minha vida. Depois das lutas contra a ditadura, pela Constituinte, o Brasil estava em plena era histórica de reconstrução da democracia, e eu havia aprendido o que significava o mundo do liberalismo econômico e da inclusão social de povos e tradição oral de onde vem a minha origem. Sabia que tinha mais a aprender com os povos da oralidade sobre os fios tecidos nesse paletó na minha grande colcha de retalhos.

## 5 BURURÉ

Estava em Dom Basílio no momento da escrita desta parte do texto, cuidando do meu pai e da minha mãe em plena pandemia do Covid-19. Senti que a escrita havia chegado a um ponto feito cume de ondas, momento de passagem, pausa, silêncio. Compartilhei este sentimento com Márcia Mura, em mais uma das várias conversas que tivemos sobre a minha escrita, e ainda disse a ela sobre a barreira do esquecimento que nos foi imposta pra gente não saber exatamente qual o nosso povo indígena ancestral, mesmo com a forte imagem do meu bisavô, meu *paya araiúya Teobaldo*, um menino, indígena, descendo a serra descalço. No momento em que conversamos, eu estava ao pé desta mesma serra e mirando também o desconhecido além do horizonte da origem de *Teobaldo*. Depois de me escutar profundamente, Márcia Mura pediu a palavra quando lhe perguntei se ela participava de alguma discussão sobre o uso dos traços físicos para identificação de povos de origem:

*Os colonizadores brancos fizeram de tudo pra apagar a nossa história e ainda nos exigem, quando vamos contá-la, que eles próprios nos reconheçam em nossa ancestralidade. Márcio, sinta a sua ancestralidade pelo sentimento de pertencimento, pela identificação com os símbolos deixados por anos pelos nossos ancestrais. Deixe de se questionar e viva a sua ancestralidade.*

Sobre a vivência de afirmação de sua origem, Mura, durante a sua escrita do mestrado e doutorado, diz: “*Quando vinha um vazão na escrita olhava para as árvores, para os pássaros que estavam ali ao meu redor, em outro tempo, até ser tomada novamente pela segurança de tudo*”. Já era fim de tarde em Dom Basílio quando nos despedimos desta conversa. A imensidão do céu do vale da grande Serra do Rio de Contas, que liga a Serra do Espinhaço à Chapada Diamantina, já se coloria pelas rajadas de luzes alaranjadas do pôr do sol, preenchida com a forte cantoria da revoada dos periquitos, um dia a dia vivenciado pela comunidade, tradição desde a época da minha infância. Voam e giram em grupos grandes até iniciarem o pouso nas árvores mais altas para a passagem da noite. Neste dia eu os acompanhei nos dois pés dos centenários tamarindeiros da praça central de Dom Basílio, em frente à casa de *Dona Rosa Pereira* e do *Maestro João Queiroz*. São nas galhas do topo que se juntam em quantidade, mantendo a cantoria, que aos poucos vai diminuindo até as últimas revoadas de ajustes, se aquietando até o último pio.

No momento deste silêncio dos periquitos, as luzes alaranjadas do céu já se escondiam. Não era noite nem era dia, era passagem de tempo, o cume das ondas, o crepúsculo.

*Não posso nem pensar em saudade  
 Que o tempo dá viravolta  
 Sinto o cheiro do perfume da menina  
 Quando ia na janela a tardinha espiar  
 Eu sinto o cheiro do perfume dela  
 Quando ia na janela a tardinha espiar  
 E quando o tempo né noite nem dia  
 E as galinhas com os pintinhos  
 Já vão se deitar  
 Não posso nem pensar em saudade*

*(Cantiga aprendida com Martinha do Côco,  
 Encontro nacional da Pedagogia Griô EAD, 2021)*

Na direção nascente, a lua cheia apontava majestosa pelo contorno da grande serra. Era o fechamento do mês de fevereiro de 2021 e me dei conta naquele momento que até a próxima lua nova eu viveria os dias anteriores à chegada do *cume das ondas* do meu quarto ciclo de treze giros ao redor do sol, cinquenta e dois giros, um forte símbolo de momento de passagem e de recomeço para alguns calendários de povos originários das Américas. Retornei para a expressão da palavra escrita, quando me veio um canto que aprendi com as lideranças indígenas que fazem parte da minha ancestralidade: Nádia Akawã e Morubixaba Ytajibá Tupinambá, que com a permissão dada compartilho aqui esta saudação a *Jacy*, lua na língua tupi:

*Jacy ae aende jacy  
 Mba epe moindy iande taba  
 Tupã our tym  
 Isape iandé taba*

*Ixé asó xe si Jacy  
 Touri peti bõ  
 Ixé asó xé ubi Tupã  
 Pe iandê taba by*

Um canto sagrado a um calendário próprio: treze giros da lua em torno da terra a cada um dos cinquenta e dois giros da terra em torno do sol, diversos ciclos estelares, plantios, colheitas, cheias e secas dos rios, movimento das marés, dos sangues, das seivas, dos ventos, da mata e dos bichos. “*A lua como sagrada proteção para o seu povo, para a sua aldeia*” (AKAWÃ, 2018).

No outro dia, caminhando por comunidades rurais de Dom Basílio, a convite de uma diretora e uma coordenadora pedagógica da rede pública do município, Rosa dos Santos e Lílian

Caires, encantado com as aroeiras, jatobás, imbuzeiros, imburanas, barrigudas e juremas, aprendi este ponto que a professora Rosa dos Santos aprendeu com a sua avó *Manrosa*:

*A lenha da jurema é difícil de queimar*

*Ô ô jureminha, ô ô jurema*

Num instante de tempo, este canto me atravessou, me fez mais amadurecido. É o que Lillian Pacheco chama de transe pedagógico: “o trânsito entre o inconsciente e o consciente” (PACHECO, 2021).

Fui reapresentado para a terra de minha origem com um canto da tradição sagrada indígena da “jurema”. *Manrosa*, já com mais de noventa giros pelo sol, nascida na região, quando ainda não se usavam os nomes atuais de algumas cidades, inclusive Dom Basílio, vive hoje numa comunidade do município chamada Jurema.

Encantado, respondi com outro ponto de jurema, que aprendi com *Dona Chica* em Aracaju, durante o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA, 2019), que tinha a metodologia da Pedagogia Griô como referência para o Encontro. *Dona Chica* vive hoje no interior de Sergipe, mas me contou que o seu povo indígena Kaiapó é do Maranhão e que fugiu, quando era criança, da violência do regime militar, que tomou as terras e acreditou ter acabado com o seu povo. Mas ela me disse: “*Pois é meu filho, estamos ainda muito vivas, resistindo, contando a nossa história e nos cuidando com a nossa jurema sagrada*”:

*Ô jureminha, ô jurema*

*As folhas secas no chão, oh jurema*

*Prontas pra trabalhar*

*Ô jureminha, ô jurema*

*As folhas secas no chão, oh jurema*

*Prontas pra nos curar*

Tecer uma história a partir do vínculo com a ancestralidade pode ser feito tromba d’água: quando desce o rio não se segura a corrente. No dia seguinte, conversando com Vitória Guedes, uma jovem estudante de 18 anos de uma escola pública (em Dom Basílio não existe escola da rede particular, a comunidade é inteiramente atendida pela rede pública), ela me revela que seu pai, *Seu Chico*, tem um terreiro de umbanda que trabalha com a jurema numa zona rural de Dom Basílio. Ela ainda canta um ponto pra mim:

*Dentro da Mata virgem*

*Uma linda cabloca eu vi (2x)*

*Com seu saiote feito de pena*

*Era Jurema filha de Tupi*

*Jurema, Jurema, Jurema*

*Linda cabloca filha de Tupi*

*Ela vem, lá da Juremá*

*Vem firmar seu ponto nesse congá*

Liguei pra Nádia Akawã Tupinambá pra contar sobre o tanto de jurema que cobria a minha terra de origem. E ela me chamando pelo nome que me deu de “Índio Véio”, disse estas palavras:

*Índio Véio, tu foi longe agora viu! foi muito longe... na hora certa as coisas acontecem. Por mais que você viva agora e já vivia antes, desde quando a gente se encontrou você já buscava a sua ancestralidade, suas raízes. Este mexido que faz em você, que você começa a procurar, causa ansiedade, causa angústia e em alguns momentos também uma frustração de você andar, andar, andar e não compreender ou ter respostas às suas perguntas. Mas quando você deixa as coisas fluírem acontece isso, ela chega até você, com sinais bem fortes de uma ancestralidade de raiz. A Jurema é muito poderosa. Ela inclusive é uma grande mestra e está aqui pra fazer os ensinamentos, pra nos mostrar que ela é uma raiz forte e que nós podemos também nos fortalecer através dela. Você pode usar ela pra fazer uns banhos, pra fazer um chá. Mas é importante saber usar os seus ensinamentos. Ela é uma raiz muito forte e pode trazer pelos seus cuidados algumas respostas que você procura, encontrar até outras coisas que você esteja procurando. É só se conectar com ela. Aprendi muito com a Jurema. Ela também faz limpeza. Então fique atento porque a Jurema está te convidando pra você se fortalecer, pra estar junto mesmo. Agora você não está só. Tem uma grande aliada. Estou muito feliz por você e sempre disponível*

Enviei uma mensagem pra mestre Alcides e compartilhei com ele o ponto da jurema do povo da minha terra, que havia aprendido com a professora Rosa dos Santos. Em resposta, mestre Alcides cantou:

*Ô N'nganga Muquiche*

*Tua gunga não banbêia*

*Ô N'nganga Muquiche*

*Tua gunga não banbêia*

*N'ndamba berê berê*

*Ô vai te guardar*

*Vai te proteger*

*Na sombra do Jatobá*

Este é um ponto de congado que aprendi, junto com mestre *Alcides*, com mestre *Dirceu*, de Justinópolis, Minas Gerais, uma liderança do congado mineiro, quando estávamos em Lençóis num encontro de articulação política do Projeto de Lei Griô Nacional com a presença de várias lideranças de comunidades e grupos tradicionais de Pindorama. Em um momento do encontro, mestre *Dirceu* me chamou num canto, com a presença de mestre *Alcides*, e me nomeou “*N’nganga Muquiche*”, que representa uma liderança na tradição do congado. A partir deste momento, mestre *Alcides* passou a me chamar com este título, o qual me honra e me deixa fortalecido pra contribuir com a luta.

Me comunico muito com mestre *Alcides* pelo canto e deixo chegar pelas suas letras ensinamentos aos momentos que estamos vivendo. Este ponto de congado é de proteção espiritual e de afirmação de um caminho. Depois de muito me escutar, ele diz:

*Meu filho, este teu caminho não tem volta. Teu umbigo foi enterrado aí em Dom Basílio. Também sou um “Tabaréu”, mas ninguém imagina como sabemos correr o mundo, comer mingau pelas bordas. Não gosto da referência pejorativa dada ao sentimento de “nostalgia”, como se fosse um erro sonhar e desejar o retorno pra sua terra. Quando eu chego em Estrela do Sul ou em Araguari, lá em Minas, meu olhar é ampliado feito binóculo. Sinto um forte sentimento de pertencimento e até um desejo de retorno, mas tenho uma história em São Paulo a ser cumprida. Sei de povos que quando uma pessoa sai da sua comunidade pra fazer uma viagem, leva consigo um punhado de terra pra simbolizar que a terra é a sua identidade. Então meu filho, tenha seu pedaço de terra em Dom Basílio e sinta todo o seu pertencimento e ancestralidade.*

Por fim liguei pra mestra Doci, nascida na Bahia, mas com toda uma história no Vale do Gramame, região periférica de João Pessoa, Paraíba, onde criou a Escola Viva Olho do Tempo, uma sábia do poder e do mistério dos sonhos e do cuidado com os caminhos:

*Meu filho, você vive um momento grandioso e de merecimento, de grande expansão. É o reencontro do menino com o homem. É o teu momento. Ao escrever a tua própria história tu vai entrar em tu mesmo. E não queira nada, apenas entregue para o mundo. Quem quiser que pegue uma página, uma laminha, o livro todo ou não pega nada. Não tenha controle e nem queira ter. Se liberte. Deixa vir naturalmente. Precisa ser Márcio por inteiro. A história deve ser pra você mesmo. É hora de resignificar, transcender. Não deixe ser abortado deste espaço que você cuida com tanto esforço pra se parir. Não é justo pra você. A justiça é uma senhora. Não é brincadeira. Na hora que você pensa que subiu, desceu. Não brinque com a justiça. Se for querer atender a muitas pessoas você não vai conseguir colocar a vírgula no lugar certo.*

*A dor do outro você não alcança nunca, mas pode chegar perto e cuidar. Olhe para esta criança de treze anos e brinque com ela. Jogue fora tudo de ruim. Você está diante de você mesmo, na sua encruzilhada, pra pegar o seu caminho. Viva com felicidade, honradez e dignidade a celebração dos seus quatro ciclos. É hora de colher o que foi plantado.*

A frase dita por mestra Doci, “É hora de colher o que foi plantado”, me trouxe à memória o mais velho Coxini Karajá, com quem convivi três dias em várias atividades do curso de extensão que eu e Lillian idealizamos junto com o professor Sérgio Bairon no Núcleo Diversitas da Universidade de São Paulo (USP), *Pedagogia Griô e Produção Partilhada do Conhecimento* (PEDAGOGIA GRIÔ, 2015). No momento de despedida do Curso, Coxini me chamou num canto e disse que me daria um nome pela tradição do seu povo: Márcio BURURÉ. Tem o símbolo de *Roça Seca*, uma roça plantada com muitos mantimentos e que está no momento de decisão da comunidade pra dar início à colheita, o *cume da onda*, momento de passagem. Assim, deixo em parte costurado e em parte desatado esse fio do Encantado do Griô Aprendiz nessa busca sempre inacabada, porém livre, por sua identidade e ancestralidade.

**Figura 6** – Márcio com Coxini Karajá



Fonte: Pedagogia Griô Curso de Extensão USP.  
Foto de Neander Heringer, 2013. Acervo pessoal.

## 6 “MARÉ ENCHEU”

*Ô lua nova*  
*Cadê a lua cheia*  
*Ô lua nova*  
*Cadê a lua cheia*  
*Griô já vem chegando*  
*Vai deixar rastro na areia*

Permissão novamente a mestre *Dirceu*, de Justinópolis, Minas Gerais, que me ensinou este ponto do congado mineiro, adaptado por mim pra uma saudação ao lugar Griô. Foi o canto que me veio à memória pra abrir a história da minha despedida da cidade grande, ou “*Kumbara Grande*”, como é dito em um ponto de outro congado, o “*Catupé Cacunda*”, cantado por mestre *Alcides*. Novamente o símbolo da lua como guia, no momento em que eu vivia o meu segundo ciclo dos treze anos, outro “*cume de curva*”.

Em 1995, no terceiro ano de trabalho na empresa Arthur Andersen, iniciei uma caminhada pela Chapada Diamantina, por estados do nordeste e pelo universo do teatro com um grande amigo, Luiz Marfuz, um diretor de teatro de grande reconhecimento. A Chapada voltava ao meu corpo com uma força ancestral e o teatro remexia diversos sentimentos revolucionários em mim. Me sentia encantado pelas andanças no ambiente do drama, o dia a dia das montagens dos espetáculos, os bastidores dos conflitos dos elencos, as celebrações das apresentações. A minha saudação a este grande mestre que me apresentou e facilitou o meu encantamento à arte teatral.

Vivendo o sentimento de despedida da Arthur Andersen e já num outro formato de relação profissional, em minhas viagens a trabalho para outros estados eu cumpria as atividades previstas o mais rápido possível e saía pra conhecer uma série de espetáculos teatrais no centro e na periferia de São Paulo, dançar o boi do Amazonas, o carimbó do Pará, navegar pelo Rio Negro e Rio Solimões, conhecer comunidades indígenas. Passei a conhecer a encantada Pindorama, que não conhecia, enquanto as lutas pela democracia historicamente renasciam.

No final do ano de 1995, início de dezembro, fui convidado pela gerência da empresa pra fazer um trabalho para um cliente da área da hotelaria, um resort de Praia do Forte, região do litoral norte da Bahia, em substituição a uma pessoa da equipe que teve problemas de saúde. Não era um tipo de trabalho que eu comumente fazia, mas aceitei pela vontade de caminhar naquela região nos tempos vagos e conhecer pequenas comunidades do litoral norte. No último dia de trabalho, eu retornava à noite pra Salvador, sozinho, dirigindo um carro pela estrada que

acompanha o litoral, conhecida como “estrada verde”, quando passei pela ponte do Rio Pojuca, município de Pojuca, há 80 km de Salvador, e avistei a imagem da lua cheia boiando em suas águas. Estacionei o carro e fiquei um tempo ali sobre a ponte, completamente encantado. Dias depois, retornei naquela região pra passar a virada do ano de 1995 pra 1996 numa pequena comunidade de pescadores depois de Praia do Forte. No dia primeiro de janeiro, na viagem de retorno pra Salvador, dirigindo por aquela mesma estrada, depois do almoço, sol a pino, ao passar novamente pela ponte do Rio Pojuca me saltou na memória a imagem da lua cheia que tinha visto dias antes boiando majestosa naquelas águas. Parei o carro e desci pra uma comunidade marisqueira à beira do rio, onde nadando em suas águas senti o amor pelo encontro com Lillian Pacheco, e a partir dali passamos a dividir sonhos, família e projetos de vida.

Em abril de 1996 concretizei a minha saída da empresa Arthur Andersen e em junho do mesmo ano, depois de uma vivência de biodança em Salvador facilitada pela própria Lillian, selamos definitivamente o nosso caminho conjunto. Ela falou que sonhava em voltar para sua terra e me convidou para fazer uma caminhada na Chapada. Falei que também havia nascido na região. Nessa caminhada, fizemos um ritual de casamento no pé do Morrão e fomos morar em Lençóis, que fica no centro de nossas origens: eu do sul da Chapada (Dom Basílio) e ela do norte (Jacobina). Nosso encontro e amorosidade foi permeado por símbolos das nossas ancestralidades e por sonhos que anunciavam o futuro de nossa caminhada da vida.

*Maré encheu, tornou vazar*

*De longe muito longe eu avistei Ará*

*Minha palhoça, coberta de sapé*

*Meu arco minha flecha minha cabaça de mé*

Apreendi este canto tempos depois com o casal Nádía Akawã Tupinambá e Cacique Ytajibá Tupinambá, quando estive pela primeira vez na Aldeia Tucum, Território Indígena Tupinambá de Olivença, sul do estado da Bahia. Depois de um dia de convivência na comunidade e banho de rio, o Cacique me guiou até o mirante da aldeia de onde se avista ao longe o mar. Foi com a visão do horizonte do oceano que ele cantou este canto de trabalho do seu povo.

## 7 QUANDO VIM DE KUMBARA GRANDE

*Quando vim de KUMBARA Grande*

*Eu passei no INJÓ DE JAMBÊ*

*O N'NGANGA tava no altar*

*Eu com meu TIPUNGA na mão*

*Oh MARUNGA ajoelha no chão*

*Oh MARUNGA ajoelha no chão*

*Oh MARUNGA ajoelha no chão*

A permissão de mestre *Alcides de Lima* pra compartilhar este ponto do congado *Catupé Cacunda*, que ele aprendeu com seu tio Chico Mané (Francisco Valentim), liderança desta tradição na região de Estrela do Sul, Minas Gerais. Vindo de Salvador, de *Kumbara Grande*, eu cheguei descalço em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia. Literalmente! Fazia frio no início do mês de junho de 1996 quando eu e Lillian Pacheco chegamos em Lençóis para participar de uma caminhada de três dias nas serras da Chapada, num grupo liderado pelo casal de educadores e facilitadores Sancler Lemos e Lais Bezerra, duas pessoas referências na construção do sistema de desenvolvimento humano Biodança, a dança da vida, que se baseia em uma determinada visão da vida – a visão biocêntrica que foi criada pelo chileno Rolando Toro, durante a ditadura na América Latina, e que se ampliou como movimento no Brasil na década de oitenta:

A base conceitual da Biodança vem de uma meditação sobre a vida, ou talvez do desespero do desejo de renascer de nossos gestos despedaçados, de nossa vazia e estéril estrutura de repressão... Biodança realiza assim, a restituição dos gestos humanos naturais: sua tarefa é resgatar o segredo perdido de nós mesmos: os movimentos de conexão (TORO, 1991, p. 27 apud GÓIS, 2002, p. 16).

Depois de uma série de vivências profundas de regressão e transe por uma intensa trilha que atravessou o vale entre o morro do “Pai Inácio” e o “Morrão”, retornando pra Lençóis pela trilha que liga ao Capão, retirei as sandálias no caminho e desci descalço de noite o último morro de chegada à cidade de Lençóis. E assim segui alguns dias caminhando sempre de pés descalços, em casa e nas ruas, sentindo os pés grudados à terra. Desci aquela serra sem ainda ter escutado a história do meu *paya arauya* indígena. A permissão de Nádía Akawã Tupinambá e do Cacique Ytajibá Tupinambá pra trazer este canto sagrado do seu povo e simbolizar este momento de afirmação de raiz. Momento de escuta e silêncio:

*Ô pisa, ô pisa, vamos pisar*

*Ô pisa na jurema*

*Hêi Jurema*

*A Jurema deu*

*A Jurema dá*

*Guerreiro bom pra trabalhar*

Aprendi com mestre *Alcides* que o *Injó de Jambê*, na língua bantu do povo de Benguela, Angola, é o sagrado, o cuidado, a proteção, as encantarias da mata, onde se pede a benção:

*Quando vim de KUMBARA Grande*

*Eu passei no INJÓ DE JAMBÊ...*

Eu e Lillian chegamos dessa caminhada casados num ritual sagrado e ancestral no pé do Morrão. Compreendemos nos silêncios da caminhada e em nossas comunicações com as serras, matas e rios que tínhamos voltado para nossa terra. Alugamos um quartinho e nunca mais voltamos para Salvador. Só fomos lá buscar alguns pertences. Logo no começo em Lençóis busquei a convivência com os mais velhos e mais velhas, cada vínculo construído me sentia de volta pra casa, de volta para nossas encantadas e encantamentos. Enquanto eu caminhava na oralidade, Lillian, que estava também imersa nos seus sonhos de educadora que retorna para sua terra, escrevia:

Para criar metodologia, conceitos e práticas pedagógicas lê-se as linguagens artística, mitológica e científica da tradição oral, desde a qualidade e simbologia dos movimentos e ritualísticas educativas da roda na Capoeira Angola e Regional à força comunitária, guerreira e harmoniosa do vínculo com a terra no Toré, Porancin ou Auê. A Pedagogia Griô é uma pedagogia que facilita a elaboração do conhecimento dançando a dança de um povo, de uma cultura, assim abrir as aulas com a arte do encontro e das cheganças, movimento fluido e rítmico das águas e emoções da vida das cirandas, nas cantigas de boas vindas das bandeiras e Boi Roubado, para se preparar e vivenciar o vínculo da sincronia e variação rítmica, beleza gestual e interativa dos movimentos integradores e cooperativos das Umbigadas, do Coco, do Cacuriá, da Catira, do Carimbó, do Siriri e da Quadrilha – quando brilha iluminado o fio da tessitura do conhecimento entre as pessoas. A identidade de cada estudante se conecta consigo mesmo e com o grupo pelo prazer extasiante, vital e expressivo do Samba de Roda, Samba de Pareia, Samba Chula, Samba Rural. E como fazer pedagogia sem a mitologia do palco da vida? O conceito de encantados, personagens e dramaticidade mítica, reverente e colorida do Reisado, Congado, Boi, Mulinha, Cavalinho, Negro Fugido, Pastoril, Catupé Cacunda, Marujada, Moçambique e Maracatu com seus símbolos e figuras que inspiram a marcha da história na reinvenção dos mitos que guiam a comunidade/humanidade. Na energia viva do amor, do acolhimento nos terreiros de Candomblé, Umbanda, Candomblé, Jarê, Xangô, Tambor de Mina e Batuque, a mitologia e cosmologia refinadas dos orixás,

minkise, caboclos e voduns, a pedagogia griô se rende a repensar um transe pedagógico, que nos coloca em estado de empatia e percepção ampliada com tudo que está invisível entre a natureza das pessoas e a natureza do mundo, mas é vivo, intersubjetivo, pura emoção, sentimento, crenças e imagens que conversam e elaboram o conhecimento mediúnico, melhor dizendo no contexto da educação, mediatizado por uma inteligência espiritual de comunicação com encantados e encantarias, divindades, elementos da natureza, ancestrais. (PACHECO, 2021, p. 4-5).

O Encantado do Griô Aprendiz se enraizou na convivência com a rede de tradição oral local no primeiro ciclo de um giro da terra pelo sol depois de ter chegado em Lençóis, foi a passagem pra permissão pelo *Injó de Jambê: Dona Nilza de Zebertulino, Dona Ivanilda parteira, Vane, Bau Ferreiro, Seu Cori, Dona Vane* rezadeira do Lavrado, o pai de santo *Pedro de Laura, Seu Zeca e Dona Antônia* do Barro Branco; as lideranças dos Ternos de Reis da cidade: *Dona Derina, Dona Ana, Dona Dominga, Seu Antônio, Seu Isidoro, Seu Zé Herculano, Seu Zé de Filício, Seu Fidele, Seu Francisquinho*, os sambadores de chula, batuque e martelo da comunidade de Tanquinho: *Martim, Emídio, Pedro, Joaquim e João Picopeu*; a família de samba do curador *Véi Dunga* e da cantadora *Dona Tila* da comunidade de São José da ponte do rio Utinga: *Antonio Violeiro, Adalzira, Antoniel*; os mais velhos dos Quilombos do Remanso e da Iuna: *Pedrina, Mãe Rosa e Lina* cantadoras e parteiras, *Manezim* curador e cantador, *Salvador* cantador, tocador e sambador, *Dona Judite* erveira, *Dona Agmar* agricultora familiar, *Seu Aurino* tocador de sanfona e pescador, *Robertinho* tocador de zabumba cantador e pescador, *Seu Inocência* e *Dona Tonha, Caburé* tocador e *Maria* agricultora familiar, *Seu Rosalvo* curador, *Dona Jovita* parteira.

*Ô minha pômba juriti*

*Minha zabelê*

*Quem não tem amor*

*É melhor morrer*

*Minha pomba juriti*

Aprendi este canto ouvindo *Pedrina*, que naquela época morava vizinha à casinha que eu e Lílian havíamos alugado em Lençóis, no bairro alto do Cajueiro. A voz lírica de *Pedrina* era respeitada nas rezas dos ternos de reis, nas rodas de samba e terreiros de Jarê. E ainda tocava pandeiro! Cantava feito passarinho o dia inteiro, deixando ressoar a sua voz numa melodia afinadíssima em ondas sonoras bem elásticas. Nossa prosa era de quintal pra quintal, fumando um *cachimim*, no *benzido* e algumas vezes num dedim de pinga. Era rezadeira e cuidava todo ano da obrigação de Cosme e Damião, ritual do Jarê, religião de matriz africana e de origem na Chapada Diamantina. Eram dois *couro* ao lado do altar de *Pedrina*. O *couro* ou atabaque é o

tambor dos terreiros e são usados em trio nas rezas do Jarê. No terreiro de *Pedrina* era mais comum a dupla, mas se tocava também os três a depender do dia da reza. As ocas eram tiradas na mata da região pelo próprio povo de santo: o miolo do tronco é tirado com a barruma e o escôpo. O couro é de carneiro. A amarração do couro na oca e a forma de afinação é um diferencial na qualidade do tambor. Quem toca *couro* sabe o que precisa! Saudações a *Vane*, *Corró*, *Gerômi de Jêna*, minhas principais referências de *batida* de Jarê, com quem pude estar perto e sentir a força do toque de suas mãos no couro. *Vane* cresceu no garimpo de serra e passou pelas mudanças da economia de Lençóis. O conheci ainda em 1996, nos meus primeiros dias de chegada. Era um período intenso de discussões da implantação da economia do turismo na região da Chapada, envolvendo empresários de hotéis, ambientalistas e governo, principalmente da área turística e ambiental, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), por exemplo, que atuou até com a Polícia Federal pra fiscalizar e retirar pessoas que garimpavam na serra depois da publicação de decreto federal proibindo a atividade. Nós atuamos politicamente, inclusive na Assembleia Legislativa em Salvador, porque o projeto do governo de implantação do turismo na Chapada era completamente invasivo com estradas que levaria a todos os pontos principais, até ideias de bonde no Morro do Pai Inácio existia. Outras propostas da sociedade civil de um turismo de aventuras e ecológico circulavam.

Pra quem mexeu com pedras diariamente nos veios dos rios pra lavagem do diamante, o ofício de pedreiro foi o mais próximo e mais acessível pra *Vane* diante daquela rápida mudança de vida. Tinha que *se virar* pra ter comida em casa, um desafio vivido até hoje pelas famílias que formam a rede dos povos de tradição oral. A realidade era outra para as famílias de renda maior da região, que vão se mantendo em suas bolhas sociais através da herança de terras, fruto de um sistema que tem origem nas capitâneas hereditárias e sesmarias, com anuência dos cartórios de registros de documentos. São famílias que foram sustentadas pelo regime violento do trabalho escravo. *Vane* me contou que um dia chegou um trabalhador de um dos filhos de uma das três famílias que possuem a maioria das terras de Lençóis, pra cercar e diminuir o pequeno quintal de 100 metros quadrados: “Ah! *Eu disse pra avisar ao patrão dele que se triscasse em um palmo do meu quintal o problema seria resolvido no facão.*”. *Vane* não tinha a escritura da terra, mas ele dizia que foi o lugar que sempre viveu e que ninguém tiraria da sua família, onde conviviam crianças, netos, adolescentes e jovens, inclusive a filha de *Vane*, a única mulher tocadora de tambor de Jarê que conheci. Vizinho a *Vane* vivia *Bal Ferreiro*, que foi deixando o seu ofício da forja, muito usado pra apontar os instrumentos de ferro do garimpo, pra sobreviver do serviço de venda de bebidas alcoólicas num bar aberto como extensão da sua

casa. Ainda o acompanhei em algumas atividades do ofício de ferreiro, que apontavam as ferramentas de trabalhadores que retiravam pedras da serra para atender ao aumento da construção civil na cidade. Mas durou pouco, pois era muito raro trabalhador que enfrentasse esta condição de serviço, extremamente pesado e gerador de sérios problemas de coluna. Os dois mais conhecidos eram *Candinho* e *Paulo*.

Me encontrava com *Vane* praticamente todos os dias pra prosear, sempre com muitos assuntos, mas também com silêncios. Não tínhamos pressa. A nossa conversa tinha o seu tempo próprio. Olhávamos pro horizonte da serra ou pras estrelas e sabíamos que estávamos juntos naquele olhar. Por várias vezes, depois de um tempo na quietude, ouvindo o vento nas árvores e o canto do passarinho *fogo pagô*, era com um balanço da cabeça ou uma simples palavra que sintetizava o que havíamos sentido: *Ééééé...!*. Muita confiança, respeito e alegria. Foi acompanhando ele que comecei a vivenciar o universo do Jarê em Lençóis, inclusive conviver com *Pedro de Laura*, o pai de santo do terreiro Palácio de Ogum e Caboclo Sete Serra, um dos principais da região, a matriz de formação de praticamente todas as filhas e todos os filhos de santo. Conheci *Maria Áurea*, *Mussum*, *Dazo*, *Dinha*, *Dona Valdelice*, *Corró*, *Milton*, *Diu*, *Dona Terezinha* e muitas outras pessoas do terreiro. Preferia encontrar com *Pedro* fora dos dias de rituais do terreiro, quando a convivência era mais no seu tempo de serenidade. A sua autoridade espiritual era muito respeitada: “*Esta obrigação não é simples como pensam. É cheia de segredos e dedicação. É uma entrega de vida.*”, me disse *Pedro* caminhando pelo terreiro, situado na comunidade Capivara, que está há duas horas de caminhada até a sede de Lençóis. Era à noite quando eu e *Vane* costumávamos sair pras rezas no terreiro da Capivara, uma boa parte do caminho escutando o ressoar dos tambores pela mata. Ele me dizia que nunca tinha incorporado o santo: “*A minha obrigação é com o couro!*”. Ao chegar no terreiro, nem precisava pedir pra tocar. Em pouco tempo já era convocado pra função.

Entre uma história e outra contada por *Vane*, ele foi criando um compromisso comigo: “*Tu vai conhecer esta terra é pelo o que vivi. Vou te apresentar Lençóis pelos meus passos.*”. E assim o fez. Um dia acordamos bem cedo pra subir a serra: “*Vamos caminhar nas trilhas que somente os garimpeiros conheciam.*”, me conta *Vane* durante a subida pela serra do veneno, com a trilha já de mato bem fechado por causa do fechamento do garimpo. No dia anterior havia me recomendado: “*A nossa comida será o que a gente encontrar na serra. Nem precisa levar água.*”. Era o período de inverno e de fertilidade da serra. Muitos córregos com água e diversas flores brotando. Logo depois da primeira subida, ele me guiou até um broto d’água que saía de uma grotta de pedra. Enquanto eu bebia aquela água da fonte com as cuias das minhas mãos, ele colhia algumas flores ao redor e em seguida me chamou pra sentar: “*Vamos comer alguma*

*coisa pra gente ter força pra subir o restante da serra.”. Me entregou algumas flores que havia colhido e começou a comer a outra parte que ficou com ele. Eram tão saborosas que ríamos de celebração. Nos alimentamos das flores e da alegria de comê-las. Depois de mais um tempo de caminhada, desviamos da trilha de subida: “Vou te levar agora pra um lugar onde pouca gente conhece, é segredo dos garimpeiros. Vai ser o nosso almoço.”. Foi um desvio por um caminho bem difícil até chegarmos ao local previsto por Vane. Vi que ele buscava algo numa encosta, acompanhando umas trepadeiras: “Aqui está!”. Levantou na mão uma batata de mais de um palmo de comprimento, se pesasse daria mais de quilo: “É comida de garimpeiro! Nasce aqui na serra sem precisar plantar.”. Tirou a casca fina e foi fatiando a massa da batata numa laje de pedra. “Aqui é a nossa batata da serra. Essa massa branca parece que só tem água, mas depois que acaba a gente sente a força que dá. Basta ver os teius, que quando são picados por cobra sobem a serra pra comer batata e se curar.”. Ficamos ali comendo batata da serra e rindo da vida. Eu contando pra Vane que em Dom Basílio a gente comia no mato a flor do *cabeça de frade*, o juá do juazeiro, o imbu do imbuzeiro e catava semente de jatobá pra cozinhar. Neste dia conheci as tocas de moradia abandonadas dos garimpeiros na serra, inclusive uma “rua” delas, num lajedão imenso e extenso, onde os garimpeiros se juntavam à noite pra jantar e conversar. Segundo Vane, não dava pra subir e descer a serra todos os dias: “A gente ficava os dias da semana na serra e descia na sexta pra encontrar a família, fazer os acertos na rua e as compras na feira da segunda.”. Ele dizia ainda que se assustava quando tinha briga entre eles: “Você não sabe o que é um garimpeiro infusado!”. Ele me explicou que é o garimpeiro sem sorte pro diamante: “Tinha gente que não gostava nem de ficar junto de infusado pra não pegar o mal olhado”. Por outro lado, quando um garimpeiro bamburrava era festa de mais de uma noite: “Já vi garimpeiro rico num dia e miserável no outro.”.*

Vane me contou esta história da serpente:

*No rio que separa a cidade de Lençóis em duas partes mora uma grande serpente. O povo conta que ela foi morar ali pra proteger os garimpeiros. Ela vive debaixo da ponte. Quando uma coral vem em sonho pro garimpeiro, ele pode se preparar que tem diamante certo na serra esperando por ele. Mas não pode contar o sonho. Tem que ir buscar logo no outro dia. Ele vai saber o lugar certo onde está o diamante. Por isso que o povo de santo não mata coral. Todo o ano, na festa de Iemanjá, o santo protetor dos garimpeiros Senhor dos Passos precisa passar em cortejo por cima da ponte. Se o povo falhar e não passar, a serpente se levanta, quebra a ponte e destrói tudo que tiver na cidade.*

É a festa anual de Senhor dos Passos que *Vane* se referia, o santo padroeiro dos garimpeiros. Em pouco tempo já conhecia várias famílias da convivência de *Vane*. Não saía da casa de *Dona Nilza* e *Zérculino* sem comer um cuscuz de puba com um cafezinho. O tempo de cozinhar era o tempo da nossa conversa na cozinha! Estar na presença de *Dona Nilza* nos fazia sentir a espiritualidade indígena de uma encantada da mata, uma mulher de cura. Também estive com *Líllian* por várias vezes na casa dela, que nos convidou pra conhecer o seu pedaço de terra que ficava em cima da serra. Fomos até lá com *Vane*, uma caminhada de mais de duas horas pela serra. Depois de um dia de convivência, almoçando na bacia conjunta e de mão, *Dona Nilza* abençoou o nosso casamento e plantou a semente de um abacateiro, a árvore que enraizou nossa ancestralidade de volta para a Chapada. “*Que o caminho de vocês nesta terra seja muito protegido e enraizado.*”

Foi caminhando com *Pedrina* que conheci *Mãe Rosa* e *Lina*. As três juntas cantavam em rezas de ternos de reis, nas rodas de *samba do rio*, como chamava *Pedrina*, e nos terreiros de Jarê. Eram companheiras inseparáveis. Com elas aprendi este canto de roda:

*O pião entrou na roda, Pião*  
*O pião entrou na roda, Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*

*Tira caju do alto, ô Pião*  
*Tira caju do alto, ô Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*

*Sapateia pelo chão, ô Pião*  
*Sapateia pelo chão, ô Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*  
*Rodai que não bambeia, Pião*

**Figura 7** – Lina, Pedrina, Márcio e Mãe Rosa sentadas em um banco da comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia



Fonte: Ciro Pacheco, 2009. Acervo pessoal.

Uma vez *Pedrina* me levou pra conhecer *Seu Salvador* do Remanso lá na roça dele. Com a enxada na mão, *Salvador* nos mostrou a plantação de aipim, feijão e milho, nos guiando em seguida pro terreiro da sua casa. A conversa entre ele e *Pedrina* era o tempo todo na brincadeira, no jogo de verso, até ele pegar a gaita de taquara e começar a tocar. *Salvador* do Remanso na gaita e *Pedrina* no pandeiro! Ele me chamava de *Macim* e todas as outras vezes que nos encontramos ele jogava o verso de improviso antes da gente se abraçar. *Pedrina* conta que um dia *Salvador* passou nos goles da cachaça e retornou da sede de Lençóis pra comunidade do Remanso com as pernas bambas, até cair numa baixada. Depois disso, *Pedrina* andava cantarolando esta chula, feita por ela e por ele:

*Eu vou-me embora*  
*Eu não vou embora não*  
*Ei, João, Salvador morreu*  
*Se tivesse que ir embora*  
*Eu não estava aqui mais não*  
*Ei, João, Salvador morreu*

*Na baixa da pindaiba  
 A bicha fera comeu  
 Benedito foi atrás  
 Só encontrou o chapéu  
 Salvador morreu João  
 Deus que lhe dê o céu*

*Oh meu Deus do céu  
 O que será de mim  
 Oh meu Deus do céu  
 O que será de mim*

*Logo Salvador aquele coitadim*

*Eu vou dar mais uma volta  
 Que a viola mandou dar  
 Ê João, Salvador morreu  
 E depois da volta dada  
 Um batuque eu vou tirar  
 Ê João, Salvador morreu*

*Na baixa da pindaiba...*

*Outra vez para ver se a coisa encana*

*Ei João, Salvador morreu  
 Foi o dia mais ganhado  
 Que eu ganhei nessa semana  
 Ê João, Salvador morreu*

*Na baixa da pindaiba...*

*Lá vai uma, lá vai duas  
 Lá vai três pela primeira  
 Ê João, Salvador morreu*

*Eu vou-me embora  
 É mentira, não vou não  
 Ê João, Salvador morreu*

*Na baixa da pindaiba...  
 Ô meu Deus, que sortença minha  
 Ô meu Deus, que sortença minha  
 Vou subir ao céu  
 Pelas estrelinhas*

*Se você quiser me ver  
 No vapor de Cachoeira  
 Ê João, Salvador morreu*

*Na baixa da pindaiba...*

*Robertinho* do Remanso, chamado na comunidade como *buguelo*, era de uma geração mais nova. Quando nos encontramos sabíamos que estava sendo aberto um caminho longo de convivência e aprendizagens. Ele criava cantigas e amava o som da viola. Um dia ele me chamou pra eu tocar na viola uma cantiga de sua autoria:

*Um beija flor  
 Virou fogo pagô  
 E catou pedrinhas  
 No meu coração*

*Pernas que não andam mais  
 O meu córrego secou  
 Vou pedir a Santo Antonio  
 Pra aumentar o meu amor  
 Vou pedir a Deus do céu  
 Pra ele me ajudar  
 Pra ele abrir caminho  
 Pro meu novo amor passar*

O vínculo entre mim e *Robertinho* só aumentava com o tempo. Acompanhei o processo do seu reconhecimento do lugar de liderança da comunidade. Muita escuta da sua história de vida e de seus sonhos, que sistematizei pra ser contada na escola da comunidade e que passou a ser contada também pelo próprio *Robertinho*, até o trecho em que ele se encantou pra se juntar aos seus ancestrais:

*Desde menino Robertinho sonhava tocar gaita. Não perdia de ver o seu pai Lió fazer o par com Salvador. “Era só alegria!”, lembra*

*Robertinho com o rosto todo risonho. Ainda era pequeno quando o seu pai faleceu e ficou somente Salvador na arte de tocar gaita na comunidade do Remanso. “Meu pai era uma estrela!”, contava Robertinho cheio de lembranças. Foi crescendo, mas sem coragem de contar pra Salvador sobre o seu sonho de tocar aquele instrumento encantado. Foi somente no final da adolescência que ele se animou a falar pra Salvador, que de pronto lhe respondeu: “Se tu quer aprender, primeiro vai arrancar a taquara pra fazer a tua própria gaita!”. Foi com a imagem da gaita do seu pai Lió que ele foi na mata pra pegar a taquara, uma espécie de bambu, de muita fartura no leito do rio Marimbus, região alagada da comunidade. Era ali que se tirava o “peri”, conhecido também como “papiro”, pra fazer o telhado das casas da comunidade, junto com as cascas do ipê. Levou quase o dia pra escolher a taquara que estivesse no ponto pra se tornar instrumento, além do cuidado que tinha pra não encontrar uma sucuiu, cobra grande daquela região que comia cachorro e até novilha. Chegou na boca da noite direto pra casa de Salvador, que já tava no terreiro preparando seu cigarro de fumo de rolo. Mostrou todo orgulhoso o pedaço de Taquara. Salvador olhou, olhou e aprovou com um balanço da cabeça. Com os seus próprios dedos marcou sete pontos na taquara e devolveu pra Robertinho abrir os furos. Robertinho foi pra sua casa e não desgrudava da taquara até conseguir fazer todos os buracos recomendados por Salvador. No outro dia nem esperou Salvador chegar da roça pra lhe mostrar o instrumento. Foi entre as manivas de mandioca que Robertinho ouviu a aprovação de Salvador: “Êitcha, menino! Tu tem é jeito pra coisa! Vai dar seguimento ao pai!”. Salvador chamou Robertinho pra mais perto dele e disse com a voz mais pausada: “pega uma canoa quando ainda não for dia e vai pra um veio do rio no meio do Marimbus. Quando no céu a última estrela brilhar tu toca a tua gaita”. Robertinho recebeu de volta a sua gaita e enquanto caminhava pra sua casa foi sentindo a segurança chegando e a certeza de que havia chegado a sua hora. Dormiu pouco aquela noite. Nos seus sonhos só chegavam os avisos de que tinha que levantar. Quando saiu pro rio, eram tantas estrelas no céu que iluminavam a terra embranquecida até o Marimbus. Pegou a pequena canoa amarrada nas margens e se lançou no rio. Tinha que ter sabedoria pra diferenciar o veio de um tremendal. Delvan Quilombola conta que o veio é como se fosse uma veia do rio fora da extensão maior. Já os montes chamados de tremendal é um lugar muito perigoso, pois é terra por cima e água por baixo. A pessoa que subir num tremendal pode atolar e descer na lama como areia movediça. Mas Robertinho cresceu pescando no rio e o medo não lhe chegava. Escolheu o veio do Sergio pra encostar a sua canoa. Quando sentou, o céu ainda estrelava e se misturou ao silêncio da noite. Pacientemente foi vendo as estrelas diminuírem da sua visão, acompanhando os primeiros sinais do clarão do sol do dia. Agora eram poucas estrelas que davam até pra contar. Por um instante ele se encheu de alegria por saber que seu pai foi uma estrela da gaita e que uma daquelas do céu podia ser ele. Num instante estava Robertinho diante da última estrela brilhante no céu. Ele pegou a sua gaita e sentiu ressoar dentro dele o comando: “toca”. Ao dar o*

*primeiro sopro no seu instrumento, veio o hino de São Francisco, o padroeiro de proteção dos pescadores e pescadoras da comunidade. A melodia doce da gaita celebrou a chegada da manhã daquele dia. Foi o tempo pra última estrela se despedir da noite. Robertinho guardou de volta a gaita na sua capanga, entrou na canoa e fez o caminho de volta ao leito do Marimbus. Ao sair do rio viu luzes e imagens do seu pai por dentro da mata. Foi até próximo a um pé de ingá e disse: “A benção meu pai!”. Salvador tomava o seu café preto pra sair pra roça quando Robertinho foi se aproximando do terreiro. Nem precisou dizer nada. Salvador viu tudo pelo olhar brilhante de Robertinho: “A partir de hoje tu me acompanha onde eu for tocar. Vou te ensinar tudo!”. Tempos depois Robertinho viu Salvador também virar estrela e dizia que ele tinha se juntado ao seu pai Lió. Por muito tempo Robertinho foi o único tocador de gaita da comunidade, mas também o zabumbeiro que acompanhava a sanfona pé de bode de Seu Aurino. Se tornou uma liderança política e referência na comunidade. Um artesão do muzuá. Um dia ele também se juntou às estrelas de Seu Lió e Salvador, mas antes ensinou pra algumas crianças as encantarias de se tocar gaita de taquara. A semente foi plantada...*

## 7.1 ESTRELA GUIA

*Estrela Guia, Estrela Guia*

*Tá na terra, tá o mar*

*Êêêê Estrela Guia*

*Abra esta porta pra felicidade entrar*

Aprendi em conjunto com mestre *Alcides* este ponto de congado cantado por mestre *Dirceu*, de Justinópolis, MG.

A chegada a Lençóis e os meus encontros e reencontros com o universo da tradição oral se manteve com a mediação de muitos símbolos. Eu passava todos os dias na casa de Dona Vanilda, uma parteira tradicional da região. Ela era mãe de pegação de mais de 500 crianças. A sua serenidade tornava o ambiente ao seu redor de harmonia. O tempo da sua fala me trazia quietude. Ela dizia pra mim e pra Lillian: “*Tem estrela chegando na vida de vocês!*”. Foi assim que celebramos a chegada num parto em casa do nosso primeiro filho que se chamou *Ciro*, da estrela *sirius*. Em 1997, *Ciro* nasceu com olhos muito abertos e sorrindo, ou melhor, gargalhando. Eu participei de cada respiração e movimento do parto com Lillian, ele chegou cheio de luz, um *menino alegre* como era chamado por um indígena que conhecemos em Lençóis. O abridor de caminhos. Tempos depois ouvi esta história de Coxini Karajá, a história de “UÔ BÊ DU”, aquele que abre o novo e gera o povo Karajá. Do que ouvi de Coxini, conto aqui através da escrita numa narrativa com as minhas aprendizagens e acréscimos de expressões:

No princípio INAN SÉ DAN NAN, mãe do povo NAN, era um lugar bem profundo de águas escuras do rio ARAGUAIA, onde viviam os ARUANÃ, peixes que eram imortais. Uma Grande Pedra os separava do mistério do desconhecido. “Ali não é pra atravessar!”. Era assunto sem discussão. UÔ BÊ DU, um ARUANÃ mais jovem, passou a perguntar “por que não podia?” e até querer saber o que tinha do outro lado. Ninguém o respondia, até mesmo a autoridade espiritual KÔBÔI, pajé, se referenciava com uma curta mensagem: “nem tudo se podia conhecer!”. Era um mistério que deixava UÔ BÊ DU inquieto, curioso e até indignado. Com o tempo UÔ BÊ DU passou a se aproximar daquela pedra, nutrindo o sonho de saber sobre o outro lado, o desconhecido, o espaço proibido. Um dia nadou tão próximo que não se conteve e atravessou para o outro lado da grande pedra. Inicialmente não viu nenhuma diferença em relação ao espaço onde vivia e continuou a nadar por aquelas águas escuras, com atenção sensível e cuidadosa a qualquer sinal de algo novo. UÔ BÊ DU foi percebendo que as águas estavam ficando menos escuras e quanto mais nadava pra cima mais aumentava a luminosidade, até passar a ver imagens ao alto. Destemido e corajoso, UÔ BÊ DU não se intimidava e seguia nadando em direção àquelas imagens, até sentir o susto do corpo sair por um instante da água e num salto mergulhar novamente. UÔ BÊ DU nunca tinha vivido a sensação de sair fora d’água, mesmo que por um instante tão rápido. O imortal sentiu o medo. Foi se aquietando e com movimentos mais leves deixou somente seus olhinhos por fora d’água. Viu a imensidão azulada do céu e sentiu o calor do sol, viu revoadas de periquitos girando, viu o vento balançar das folhas verdes nas árvores. Os olhos de UÔ BÊ DU fixavam tudo que via no leito do rio ARAGUAIA. Estava completamente encantado. Mergulhou novamente e retornou para as profundezas das águas escuras do rio. Passou de volta pela grande pedra e chegou a INAN SÉ DAN NAN. UÔ BÊ DU não era mais o mesmo ARUANÃ. O que ele viveu do outro lado da grande pedra tinha lhe transformado. O seu encantamento convenceu alguns outros ARUANÃ a também nadarem pelo desconhecido. Atravessaram a grande pedra e UÔ BÊ DU os guiou até a superfície do rio e com os olhos por fora d’água viram também encantados o brilho das estrelas, a lua crescente, o piscar dos vagalumes, a coruja voando e o canto dos grilos pela noite. Ao retornarem a INAN SÉ DAN NAN procuraram KÔBÔI pra relatarem o que tinham visto e pra dizer que queriam morar do outro lado da grande pedra. O pajé lembrou sobre a proibição daquela travessia e disse ainda que a decisão de irem morar do outro lado os faria perder a condição da imortalidade. Mesmo cientes da perda, a decisão de UÔ BÊ DU e dos ARUANÃ que o acompanhavam foi pela despedida de INAN SÉ DAN NAN. Ao retornarem para a superfície do ARAGUAIA, o encantamento dos ARUANÃ por ficaram tanto tempo com os olhos por fora da água foi resultando em transformações por todo o corpo até saírem das águas e se tornarem INÿ, nós, a primeira mulher e o primeiro homem Karajá.

Da região da comunidade do Tanquinho, zona rural de Lençóis, fui conhecendo o povo dos ofícios das fazendas de gado, tradição dos vaqueiros, dos aboiadores, cantadores de chulas e batuques. Minhas primeiras referências: *Martim*, *Emídio*, *Pedro* e *Picopeu*. Com Emídio aprendi a tocar a caixa, um tambor de um a dois palmos de altura e em torno de um palmo no diâmetro de largura. O coro mais usado é o de bode e se toca com duas baquetas e pendurado ao ombro. Um instrumento leve, mas com uma força imensa de marcação quando é tocado. Fiquei encantado desde que o conheci e se tornou o meu principal instrumento de uso. *Pedro* tocava viola de dez cordas, *Picopeu* o pandeiro e *Martim* o puxador das chulas e batuques. O meu convívio inicial com Emídio foi trançando a formação deles quatro como um grupo tocador de samba martelo. Antes do nosso convívio eles tocavam acompanhando os diversos ternos de reis da região, mas nunca tinham se constituído como um grupo. Costumava me encontrar com eles aos finais de tarde, depois de chegarem do trabalho da roça. Sentávamos geralmente na frente da casa de *Emídio* na comunidade rural do Tanquinho. A benção e permissão de *Martim*, *Emídio*, *Pedro* e *Picopeu* pra compartilhar um pouco de tantas aprendizagens:

*Ôôôôôô gavião peneira*

*Ôôôôôô Yaya*

*Lá em cima do lagedo*

*Ôôôôôô Yaya*

*Eu vou buscar o meu amor*

*Ôôôôôô Yaya*

*Que sozinha ela tem medo*

*Ôôôôôô Yaya*

As notas estendidas e choradas do aboio transitavam por todas as cantigas, inclusive contando histórias do dia a dia através das chulas. Perguntei a *Martim* como chegavam na memória tantas cantigas: “*É assim: a gente vai trabalhar cedo na roça e quando chega a hora do almoço a gente senta na sombra de um pé de uma Baraúna pra comer. Depois no descanso e olhando os pássaros pretos voarem vão chegando as palavras e os versos pra chula nascer*”.

*Eu vi um pássaro preto cantando*

*Do canto eu fiquei abismado*

*Como é que um bichinho inocente canta tão afinado*

*Nesta hora eu fiquei pesaroso, lembrando todo meu passado*

*Lá no galho daquela Brauna, ele disse que era seu ninho  
 Voava de um galho e cantava, brincava com seus filhinhos  
 Nesta hora eu também me alembrei de quando eu sambava lá no meu ranchinho*

*A vida de um pássaro preto, pra cantar não tem demora  
 Quando ele está na prisão é cantando que se consola  
 Oh! meu Deus, se eu pudesse eu soltava todos pássaros pretos que tem na gaiola*

*Agora me alembrou o namoro da escola  
 Chora viola, chora viola, ô dia, ô dia, lá lá lá ê ô lá lá lá ê ô lê á*

Eles costumam formar duas duplas pro jogo de vozes, uma dupla faz a frente e a outra dupla faz a resposta, numa composição de oitavas com as vozes. Ou seja, cantam ao mesmo tempo, um com a nota no grave e outro com a nota no agudo. Sempre depois de uma chula vem o batuque e o martelo:

*Eu vou vender o meu gado  
 Lá no campo da feira  
 Coisa que eu acho bonita  
 É quatro mulher sambadeira*

*Quatro mulher sambadeira  
 Merece um laço de fita  
 Não há dinheiro que pague  
 Beijo de uma moça bonita*

São assuntos diversos cantados pelas chulas:

*O macaco deu um salto do coqueiro pra jurema  
 Quero que você me diga quantos ovos tem uma ema*

*A ema tem vinte e cinco e sariema vinte e quatro  
 Quero que você me diga quantos bichos tem no mato*

*Os bicho que tem no mato não tem homem pra contar  
 Quero que você me diga quantas pintas tem o gambá*

*Uma em cima da anca outra na ponta da pá  
 Quero que você me diga quantos peixes tem no mar*

*Os peixes que tem no mar eu tiro o meu chapéu  
Quero que você me diga quantos anjos tem no céu*

*Os anjos que tem no céu foi a morte que levou  
Se você quer duvidar, passa lá em Maceió*

*Procure nosso Senhor*

Ao final, um batuque na sequência:

*Ê lê lê lê*

*Ê lê lê lá*

*Cerca de pau a pique*

*Morão de jacarandá*

*Palmeira da minha terra*

*Que saudade que me dá*

*Saudade do meu sertão*

*Do cantar do sabiá*

Todas essas aprendizagens foram se incorporando em mim, me encantando, tudo que me foi retirado como retirante e *tabaréu da roça* em projetos de embranquecimento na cidade grande, retornava a mim como aprendiz de tocador, cantador, contador de histórias vividas. Eu me sentia honrado por cada mais velho e mais velha com quem me vinculava e aprendia valores, movimentos, gestos de cada ritual de minha cultura chapadense. Ao meu lado, Líllian reinventava as aprendizagens como rituais de vínculo e aprendizagem de uma pedagogia, a pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida, para incluir nos currículos das escolas e trabalhar na formação de educadores que eram filhos e netos dos mestres e mestras griôs com quem eu aprendia.

Entrando mais pela zona rural do município de Lençóis, região mais ao norte da divisa com os municípios de Iraquara e Wagner, *Emídio* foi me levando pra conhecer as tradições dos ternos de reis que circulam em centenas de casas por dentro das matas e roças daquela região. Conheci *Seu Isidoro* no meio da plantação de milho da roça dele. Seus traços indígenas e sua força de presença me nutriam de alegria. Foi um sentimento de estar diante de um parente ancestral. E este sentimento permanece até hoje. Eu e *Emídio* passamos o resto do dia convivendo com *Seu Isidoro* em sua casa, com paredes de taipa e rebocada artesanalmente com barro do próprio terreiro, uma casa bela e muito bem cuidada. Neste dia ele tocou na viola de dez cordas, no cavaquinho e no pandeiro, uma cantiga que marcou minha caminhada de Griô Aprendiz:

*Eu ia passando*

*Boi de Maria*

*Lá no bebedouro*

*Ô Yaya*

*Meu chapéu caiu*

*Boi de Maria*

*Meu amor pegou*

*Ô Yaya*

*Seu Isidoro* me contou que esta cantiga acompanha a circulação do seu Terno de Reis com a responsabilidade de manter a tradição de sair de casa em casa todos os anos, durante o período de 25 de dezembro a 06 de janeiro. *Seu Isidoro* assumiu a *obrigação* aos trinta anos de idade, em 1982, como herança do seu pai e do seu avô, que iniciou a primeira caminhada em 1905. Pela contagem de *Seu Isidoro* são mais de trezentas casas visitadas por ano, até chegar por último em sua casa, onde acontece em seu terreiro no dia 06 de janeiro a grande festa dos reis, uma comunidade rural com o nome da árvore Ingazeira, distrito de Lençóis, Bahia. Acompanhei durante alguns dias a caminhada do Terno de Reis de *Seu Isidoro* e também do seu amigo *Seu Zé Herculano*, chefe de outro Terno de Reis da região, com quem tive a alegria de também conviver. São treze dias contínuos de caminhada do grupo em visita às casas que montam o altar, chamado de *lapinha* ou *presépio*, como símbolo da chegada dos três reis magos, que foram guiados por uma estrela, ao estábulo onde estava o recém-nascido Jesus Cristo. Depois que partem para a caminhada em busca de realizar essa grandiosa honraria a um deus em expressão sagrada da inocência de um bebê, os participantes do grupo do Terno de Reis somente retornam às suas residências depois da festa do dia 06 de janeiro. Vão descansando em rodízios durante o percurso e se alimentando nas próprias casas que os recebem. As dormidas são curtas e acontecem até encostada a uma árvore no meio da noite nas trilhas rurais. Foi o que fiz numa das noites que acompanhei o Terno de Reis de *Seu Isidoro*. Já era por volta das quatro horas da manhã e atravessávamos uma mata pra chegar na próxima casa, quando me juntei a dois reiseiros pra uma pequena dormida no caminho. Acordei ao amanhecer do dia e segui os reiseiros que identificavam a localização do grupo pela escuta da música ao longe no meio da mata. Quando chegamos na casa onde o grupo estava cantando, uma mesa farta do café da manhã já havia sido servida pela família que os recebia. Uma linda convivência com a força comunitária e solidária das famílias. Comemos cuscuz, beiju, bolo, avoador, mingau de milho e bolinho de chuva, com o milho e tapioca da própria região. No almoço, galinha de *capoeira*, como é conhecida a galinha criada no próprio quintal, cortadinhos de maxixe, mamão verde,

abóbora e outras culinárias locais. A chegada na casa é toda ritualizada: primeiro canta os *reis da porta* com a porta da frente da casa fechada: *Meu senhor dona da casa deus te dê uma boa noite...* Somente depois de finalizada a reza da porta é que a família abre a porta da frente e o grupo entra pra fazer a reza pra *lapinha*. O canto de reza do Terno de Reis de *Seu Isidoro* é formado por 25 ramos ou estrofes. Na sequência da reza vem as chulas e batuques e a depender do pedido da família da casa ainda se faz o *paulista*, uma dança com formações em caracóis. Ao final, recebem a doação e fazem a despedida com um canto de agradecimento à dona e ao dono da casa (TRILHA GRIÔ, 2008).

Em sua grande maioria, a *obrigação* desta tradição tem relação com uma promessa por questões de saúde na família. Seu *Zé Herculano*, outro reiseiro da zona rural de Lençóis, cresceu acompanhando a sua mãe *Dona Jovinda* nos Ternos de Reis que circulavam pela região da comunidade rural de Água Boa, distrito de Lençóis, próximo à comunidade rural da Ingazeira. *Seu Zé Herculano* me contou que *Dona Jovinda* tinha um problema de saúde e que em 1967, quando ele ainda tinha 20 anos de idade, montou o seu Terno de Reis como promessa para curar a sua mãe. Como *obrigação* pela cura dela, *Seu Zé Herculano* não deixa de sair nenhum ano com o seu grupo, chegando a visitar, segundo ele, cerca de 100 casas do dia 25 de dezembro a 06 de janeiro, envolvendo também a região da comunidade rural de Baixa Vistosa, município vizinho de Bonito. Os cantos e as rezas são diferenciados até em regiões mais próximas. Vivi este ritual acompanhando vários outros grupos da Chapada Diamantina. O cantador *Antonio Violeiro*, também conhecido como *Antõe Preto*, filho do curador *Véi Dunga*, morador de uma comunidade rural de Lajedinho, município vizinho a Lençóis, é chamado pra tocar viola em vários grupos, inclusive no Terno de Reis do seu irmão Antoniel e no de *Dona Ana*. Ele me conta numa conversa sobre o lugar do negro entre os três reis magos:

*Um dos três reis magos é alto e negro e é ele quem toca a viola. Quando os reis magos chegaram ao estábulo pra cantarem o reis pro nascimento de Cristo, os dois reis mais altos e brancos correram pra frente pra não cantarem junto com o outro rei negro. A Virgem Maria não aceitou e perguntou aos dois reis magos: “onde está o outro rei?”. Os dois reis magos responderam: “está vindo lá atrás”. A Virgem Maria disse então: “O reis só será cantado quando o rei negro chegar”. Tem uma parte da reza dos reis que diz assim:*

*Deus nos salve casa santa  
Deus nos salve casa santa  
Onde Deus fez a morada  
Onde Deus fez a morada  
Onde mora Deus menino*

*Onde mora Deus menino*  
*E a hóstia consagrada*  
*E a hóstia consagrada*  
*Graças a Deus que eu cheguei*  
*Graças a Deus que eu cheguei*  
*Na casa de alegria*  
*Na casa de alegria*  
*Quem chegou por derradeiro*  
*Quem chegou por derradeiro*  
*Por ser mais o estimado*  
*Por ser mais o estimado*

Também fui conhecendo a história de várias mulheres que ocupavam a liderança da tradição do Terno de Reis: *Dona Derina*, *Dona Ana* e *Dona Domingas*. A história do Terno de Reis de *Dona Derina* iniciou por volta de 1937, depois de uma promessa feita pela mãe do seu marido *Valdemar*, que foi considerado morto aos quatro anos de idade e acordou durante o velório do corpo dele. A mãe de *Valdemar* fez a caminhada do Terno de Reis durante vários anos e deixou como herança para ele dar continuidade. *Valdemar* se tornou um *curador* muito conhecido na região e assumiu o Terno até o seu último dia de vida, quando repassou a obrigação pra *Dona Derina*, que também assumiu os cuidados de *curadora* de santo do terreiro. Seu Terno de Reis se tornou um dos maiores da região da Chapada Diamantina e é disputado até hoje nos convites das gestões públicas pra caminharem nos seus municípios. Ouvi esta história tomando um café e fumando um cachimbo com *Dona Derina* no seu terreiro na comunidade rural do Tanquinho (REIS DA CURA, 2017).

Já *Dona Ana* me contou que aprendeu a cantar os reis desde criança acompanhando o grupo do seu tio, que lhe dizia: “*Um dia te dou uma pedra de ouro*”. Ela já era adulta quando seu tio faleceu e o Terno de Reis deixou de fazer a caminhada, que envolvia as comunidades rurais dos municípios de Lajedinho e Wagner. A esposa do tio de *Dona Ana* lhe disse que não tinha uma pedra de ouro, mas lhe doou um pedaço de terra com uma casa construída dentro, onde *Dona Ana* passou a morar. Se casou tempos depois e uma de suas filhas, ainda criança, enquanto brincava no terreiro, saiu em disparada para a porta da frente da casa e gritou apontando para o horizonte: “*Eu vi eles três vindo, eu vi eles três vindo!*”. Em seguida caiu desmaiada diante de *Dona Ana*. Esta situação foi se repetindo e *Dona Ana* não conseguia respostas de diversos médicos da região. Um dia *Dona Ana* levou a sua filha para o curador *Valdemar*, companheiro de *Dona Derina*. Ele lhe disse: “*Ana, vá até Bom Jesus da Lapa pra benzer o santo e quando voltar faça erguer o Terno de Reis do seu tio. O que a sua filha vê são os três reis magos pedindo pra retornar*”. *Dona Ana* se preparou pra viver uma grande jornada

e no retorno de Bom Jesus da Lapa não saía da sua memória as palavras ditas pelo seu tio: “*Um dia te dou uma pedra de ouro*”. Passou a juntar tudo o que tinha pra comprar os chapéus dos reiseiros e das reiseiras, as fitas que vão penduradas nos chapéus, os espelhos, as flores de plástico, as lantejoulas e as penas de pavão. Também saiu em busca pra convidar as pessoas que fariam parte do grupo, pra tocar a viola, o tambor, o pandeiro e a cuica. Já sabia que o ganzá seria de *Albina*, uma negra alta e maior companheira de *Dona Ana*, quem mais lhe ajudou a montar os enfeites dos chapéus. Também foi juntando durante o ano os mantimentos pra fazer no seu terreiro a grande festa do dia 06 de janeiro, dia do Santo Reis. As doações das famílias que seriam visitadas durante a caminhada manteriam os dias do grupo e seriam complementos para o que faltasse. Quando chegou no mês de dezembro, foi forte a emoção vivida por *Dona Ana*. Juntou o grupo em sua casa no dia 25, fez uma roda diante da *lapinha*, contou a sua história desde criança com o Terno de Reis e repetiu as palavras ditas pelo seu tio: “*Um dia te dou uma pedra de ouro*”. *Dona Ana* foi pegando chapéu por chapéu e coroando os reiseiros e as reiseiras. As fitas coloridas penduradas nos chapéus desciam pelo corpo até a cintura como uma manta de proteção e na parte frontal a altivez das penas de pavão selava a grandiosidade do momento. *Dona Ana* me contou se derramando em lágrimas e dizendo que naquele dia o grupo inteiro chorou. Cantaram o primeiro reis e partiram pra jornada de treze dias de caminhada por várias casas da região: “*Tinham famílias que não deixavam o Terno sair de suas casas, pedindo mais um samba, mais um pisar de milho, mais uma umbigada de Maria Roxinha*”:

*Ô Maria Roxinha*

*Ô desse lado*

*Ô desse outro*

*Ô torna fazer*

*Dá uma volta redonda*

*E umbigada em você*

Mas a caminhada tinha que continuar, já que outras famílias esperavam pra cantar em suas *lapinhas*. *Dona Ana* me conta cantando:

*Eu vou dar mais uma volta*

*Pro “Paulista” se acabar*

*O dia tá muito grande*

*Temos muito que andar*

E o Terno seguiu a sua peregrinação de casa em casa até o grande dia da festa, dia 06 de janeiro, o dia dos Santos Reis. *Dona Ana* ainda lembra que o grupo chegou no final de tarde em seu grande terreiro e muita gente da região já esperava: crianças, adolescentes, jovens, professores e professoras, o povo da roça ali se encontrando, do mais novo ao mais velho. Na casa havia muita comida, a mesa farta preparada pela vizinhança e parentes de *Dona Ana*. Quando o grupo do Terno de Reis chegou no terreiro, as pessoas presentes acenderam velas e os reiseiros e reiseiras foram cantando em direção à casa, seguidos por um cortejo. Cantaram pedindo permissão pra entrar e depois lá dentro cantaram um reis pro santo, quando tiraram os chapéus e penduraram num torno junto à *lapinha*. Depois de um breve descanso, o grupo retornou pra cantar novamente diante da *lapinha*, desta vez de joelhos, e na sequência abriram o samba de roda. O jantar foi servido para o povo presente e muita festa no salão até o dia clarear. *Dona Ana* me disse que nenhum cansaço chegou a seu corpo até tudo se fechar, momento em que os reiseiros e reiseiras fizeram o último canto do reis com o fechamento para o próximo ano. A partir daquele momento, *Dona Ana* nunca deixou de sair um ano com o seu Terno de Reis e conta com alívio em seu peito: “*Minha filha se curou!*”:

*Já cantei, já recantei*

*E cantei, já recantei*

*E se não cantemos bem*

*E se não cantemos bem*

*Se não cantemos ao seu gosto*

*Se não cantemos ao seu gosto*

*Deixa pro ano que vem*

*Deixa pro ano que vem*

Eu continuava imerso nesse universo de aprendizagens e simbologias, sentindo que estava(estou) me reencontrando com o povo, os saberes e fazeres muito próximos à minha região de Dom Basílio, quando eu e Lillian nos engravidamos do nosso segundo filho. No quinto mês da gravidez Lillian me acordou no meio da madrugada dizendo que nosso filho tinha vindo em sonho e pedido o nome dele: “*Quero que me chame de TAINÁ RE KAN, meu nome de força e de luz!*”. Ao amanhecer, não buscamos o significado daquele nome, mas guardamos aquela memória e afirmamos que seu nome seria Tainã, independente de gênero. Assim como aconteceu com o nosso primeiro filho, *Ciro*, também nos organizamos pra fazer o parto de Tainã em casa, acompanhado por uma médica parteira. Tainã apareceu nos sonhos de Lillian mais uma vez mostrando como seria todo o parto e marcando juntos o dia do nascimento. Eles

conversavam muito em silêncio e por sonhos durante a gravidez. Depois de já ter rompido a placenta e já estarmos no trabalho de parto, Tainã se aquietou numa pausa pra um descanso. Foi neste momento que fui tomado por um susto ao ver num breve instante a imagem de um indígena guerreiro passando entre nós, com um imenso cocar na cabeça. Abracei Líllian e disse a ela que estávamos com muita proteção ao nosso lado. O nosso parto seria novamente muito lindo e cheio de luz. Nossa ancestralidade estava presente. Naquele dia, mês de junho de 1999, Tainã chegou com a sua identidade afirmada. Preparei uma garrafada de cachaça com folhas, chamada em Dom Basílio de “temperada de parida”, inspirada na garrafada feita pela minha bisavó Maria Lopes, e nos dedicamos nos primeiros meses aos cuidados do recém-nascido. Com o tempo foram chegando alguns significados do nome TAINÁ RE KAN e vários outros símbolos da minha ancestralidade dos povos originários. Tainã, desde os seus cinco primeiros giros da terra ao redor do sol, conversava com a natureza com muita naturalidade, avisava sobre seu futuro como músico em diversos instrumentos e saberes, se autodeclarava um guerreiro indígena, assumia as caminhadas comigo como Griô Aprendiz e cantava com uma emoção que comovia todos os presentes. Aprendi com *Egídio Xocó*, de Alagoas, este canto sagrado do povo Kariri Xocó, que vive mais no baixo São Francisco:

*A mata tá libertando  
E os guerreiros estão voltando  
A mata tá libertando  
E as guerreiras estão voltando  
Na sombra do Ouricuri  
Os guerreiros estão aqui  
Na sombra do Ouricuri  
As guerreiras estão aqui*

Me encontrei com *Egídio* por volta do ano 2017, durante uma formação da Pedagogia Griô para técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Este canto chegou pra *Egídio* numa afirmação da busca da sua ancestralidade. Eu percebi que os significados dos símbolos tinham um tempo pra serem elaborados, mas sentia evidente um reencontro com as minhas origens indígenas.

Assim como a história do UÔ BÊ DU, os significados do nome TAINÁ RE KAN também vieram do povo Karajá, desta vez relacionando a aprendizagem do plantio e da colheita a uma estrela muito brilhante. Ouvi referências à estrela-d'alva e também à estrela mais brilhante do agrupamento das plêiades. Quando me encontrei com o mais velho *Koxini Karajá*, que me contou a história de UÔ BÊ DU, aquele que abre o novo, reescrito por mim para o meu

primeiro filho Ciro, ouvi dele também a história TAINÁ RE KAN, referenciando-o como a “estrela mais brilhante”. Reconto a história com acréscimos de expressões e reconhecendo as plêiades como a família de estrelas que ensina sobre o plantio e a colheita, que passou a ser contada e recontada por mim e por Líllian para o nosso filho Tainã:

*Era um tempo em que o povo INÏ se alimentava do que pescava no rio e do que colhia na mata: frutas, mel e flores. Sentiam através da lua, do sol e das estrelas os ciclos do tempo e das águas do rio ARAGUAIA. Ao redor da fogueira se contava sobre INAN SÉ DAN NAN, mãe do povo NAN, fundo do rio ARAGUAIA, de onde saiu o peixe ARUANÃ, de nome UÔ BÊ DU, em busca do novo, gerando o povo Karajá. Depois das histórias, o povo se recolhia pra dormir e sonhar, menos a “encantada por estrelas”, a última a sair da fogueira. Ficava deitada e sentia as estrelas como o prazer do banho de cachoeira. Desejava e sonhava ser uma delas. A “encantada por estrelas” havia finalizado seu ritual de recolhimento, onde aprendeu pelos alimentos especiais e pelas histórias das mais velhas os segredos e mistérios do ser feminino. Num dia em que a fogueira já era brasa, a “encantada por estrelas” sentiu que a luz de uma das estrelas foi ficando maior do que seus olhos podiam ver. Não sabia se ela tinha subido ao céu ou se o céu havia descido. Estava só diante da luminosidade, mas não tinha medo. Aos poucos a luz foi se dissipando e traços de uma forma humana aparecendo. Estava encantada diante do homem que surgia e pela força de sua presença. Quando seus olhos puderam ver em detalhes, se assustou pela primeira vez com a pele envelhecida daquele homem. Deu um passo atrás e pediu pra que o visitante se apresentasse: “Sou a estrela TAINÁ RE KAN e desci chamado pelo seu desejo”. Por um instante a “encantada por estrelas” teve dúvidas, mas em seguida expressou o que lhe saltou em sentimento e se retirou: “Não lhe desejei vestido com esta pele. Só o novo pode conceber a minha continuidade”. TAINÁ RE KAN foi então recebido por uma parente da “encantada por estrelas”, a “acolhedora”, que estiveram juntas no tempo do recolhimento do ciclo feminino de passagem. TAINÁ RE KAN passou a morar no mesmo espaço com a ‘acolhedora’ e receberam da comunidade o reconhecimento de serem casal. Por ser mais velho, TAINÁ RE KAN não participava das atividades mais pesadas e dos mutirões da coleta e da pesca. Isto lhe dava tempo livre pra fazer caminhadas pela mata e só voltar no final da tarde. As saídas pra mata de TAINÁ RE KAN foi tornando rotina e despertou a curiosidade da “acolhedora”, que um dia saiu ao seu encontro e o viu cuidando de uma plantaçao dentro da mata, com a pele e a disposição de uma pessoa mais nova. TAINÁ RE KAN veio até a “acolhedora” e lhe contou que retirava a pele envelhecida pra fazer o cultivo na terra. Recolhia sementes nas margens do rio ARAGUAIA, remexia a terra e plantava o milho, a batata, o aipim, o feijão, a abóbora, uma diversidade de alimentos. Tanto a “acolhedora” como toda a comunidade vivia da coleta e da pesca, não conheciam o alimento cultivado. TAINÁ RE KAN colheu o que pode naquele dia e retornou*

*junto com a “acolhedora” para o grande terreiro da comunidade. Lá TAINÁ RE KAN, agora com a pele rejuvenescida, apresentou para o povo as espigas de milho, raízes de mandioca, batata e outras mais. Pediu uma parte da parentada pra raspar as raízes da mandioca pra fazer a farinha, outra parte pra cozinhar o milho em água e outra pra abrir um buraco e enterrar as batatas embrulhadas em palhas entre camadas com brasas da fogueira. Antes de se servirem, TAINÁ RE KAN contou sobre a força de florescimento da semente quando cuidada e semeada na terra. Construiu também em conjunto com a comunidade o pacto de sempre guardar parte das sementes pra continuidade das gerações que se seguirem. TAINÁ RE KAN ensinou sobre o plantio e sobre o momento certo da colheita, o BURURÉ, a roça seca. A “encantada por estrelas” chorou a sua sina e TAINÁ RE KAN teve filhos com a “acolhedora”. Um dia TAINÁ RE KAN retornou pro céu sendo estrela, depois recebeu consigo a “acolhedora” e seus filhos, formando a família das Plêiades. De lá se comunicam pra sinalizar os momentos de plantio, cheias do rio ARAGUAIA e o BURURÉ, ponto da colheita. Assim nasceram as guardiãs e os guardiões de sementes.*

*Eu vim do ventre da minha mãe  
Ela me deu, sementes boas  
Que se despertem, espalha em benção  
Sou semeadora de semente boas*

Trouxe pra finalizar esta história com este canto da semente que aprendi com Lillian Pacheco, que aprendeu com Nádia Akawã Tupinambá em 2019, durante o Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado na Universidade Federal de Sergipe, com a metodologia da Pedagogia Griô.

O processo de enraizamento que vivia na região de Lençóis, os marcos da minha descida da serra de noite descalço, a escuta sensível dos significados que chegavam por símbolos, as caminhadas e encontros diários de aprendizagens com as mais velhas e mais velhos da comunidade local, continuaram formando a minha postura de Griô Aprendiz na mediação entre dois mundos, os quais Lillian Pacheco nomeou em suas escritas: o “mundo do sistema de elaboração do conhecimento por meio da escrita” e o “mundo do sistema de elaboração do conhecimento por meio da oralidade”.

Em 1998, fui selecionado num concurso público do estado da Bahia e passei a ser professor numa escola estadual de Lençóis, ao mesmo tempo em que participava de atividades comunitárias através de uma associação local de nome “Avante Lençóis”, criada no contexto das transformações sociais, culturais e econômicas vividas pela população depois das proibições das atividades garimpeiras e chegada da atividade do turismo. Contribuí em mediações de comissões, conselhos de meio ambiente e na coordenação de um jornal comunitário, mas o encantamento maior era pelo projeto “Grãos de Luz”, que havia sido criado

informalmente em 1995 com uma função assistencial, através de uma sopa comunitária produzida por mães e lideranças femininas locais de famílias de baixa renda dos bairros periféricos de Lençóis.

Como professor da escola estadual, assumi as disciplinas de Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e Matemática. Eu tinha a orientação pedagógica de Líllian Pacheco e com ela fui aprendendo a trabalhar com princípios e práticas dos círculos de cultura de Paulo Freire, da Biodança e da Educação Biocêntrica de Ruth Cavalcante. A disposição das cadeiras em rodas e realizações de atividades fora da escola era um diferencial comentado no ambiente escolar naquela época. Em Matemática, dedicava bastante tempo ao estudo da “lógica” como forma de aprendizagem do pensamento matemático, com o uso da linguagem do teatro. A montagem de uma peça sobre a “*teoria dos números*” mobilizou apresentações de várias turmas do curso de magistério.

Relacionado às minhas vivências com as comunidades rurais do município, desenvolvi nas disciplinas de Sociologia da Educação e Filosofia da Educação um projeto com o nome de “Escola Ideal, Escola Real”, com o objetivo de dar acesso à realidade da escola da zona rural ao grupo de estudantes urbanos do magistério, sendo que apenas 10% das escolas públicas do município se situavam na zona urbana. Foram várias viagens pelos povoados do município com os grupos de estudantes, lendo contextos e realidades para trabalhar temas e palavras geradoras nos círculos de cultura.

A minha passagem como professor da escola pública logo nos primeiros anos de chegada em Lençóis foi estruturante pra ter contato com a diversidade da rede comunitária que formava a população, inclusive com os netos dos mais velhos e mais velhas com quem convivia. Fui criando vínculos com pessoas que se tornaram parceiras para a caminhada da vida, em diversas áreas: na rede pública de educação, na gestão pública, nas redes de cultura e outras.

Foi neste contexto que nasceu a Pedagogia Griô, enquanto a educadora Líllian Pacheco assumiu o lugar da linguagem escrita, o meu lugar se constituiu pela vivência nas comunidades tradicionais, imerso na oralidade. Em 2001, fundamos a Associação Grãos de Luz vinda do projeto Grãos de Luz, de 1995, e da mobilização do Projeto Griô, de 1999, surgindo daí o Projeto, Associação e Ponto de cultura Grãos de Luz e Griô (GRÃOS DE LUZ E GRIÔ, 2017a).

Fala de *Seu Aurino* Pereira:

*A pessoa quando nasce não sabe se ela é gente ou o que é. O povo velho tinha aquele dizer: “quando eu me entendia por gente”. O que eles queriam dizer é quando o menino ia tendo aquela noção... quando sabia o que era um pai, quando sabia o que era uma mãe. Então é isso que eu lhe digo, o Griô pra mim é aquele tipo velho, antigo, o que nós não vemos mais. O Griô tá vindo lá de meus avós, de meus tios, trazendo aquela lembrança nossa que nós tínhamos antigamente, que estava ficando esquecida. Pra mim é isso que é o Griô e tenho prazer em acompanhar. Me dá aquela lembrança antiga... É isso o que o Griô está trazendo pra mim. Eu tenho muita satisfação por essa lembrança que eu tenho quando chego junto à sociedade. Enquanto vida eu tiver eu estarei aqui nesta caminhada.*

## 8 VÉI DUNGA

A aldeia do *Véi Dunga* era o um salão de piso batido e parede de taipa, onde estava assentado seus principais guias: o *Tupinambá* e o *Boiadeiro*. Toda a família referenciava aquele espaço sagrado como “aldeia”. Em nossas conversas eu falava do meu sentimento da presença indígena ao redor dele e ele me respondia: “*É por isso que tu tá aqui meu fi! Teu guia da mata é forte e ele é um guerreiro!*”. *Dona Tila*, esposa do *Véi Dunga*, não cansava de dizer: “*Óia Dunga, o Griô é todo índio!*”. Foi o primeiro curador a cuidar espiritualmente do encantado do *Véi Griô* e orientar suas proteções.

Eu me encontrava com o *Véi Dunga* três vezes ou mais a cada lua. Algumas vezes recebia por sonhos os seus chamados. Passava uma tarde ou um dia inteiro convivendo em sua casa com ele e *Dona Tila*, além dos filhos e filhas que geralmente passavam por lá. Algumas vezes ia com *Líllian* e os meus filhos. *Véi Dunga* dizia que o cheiro do *cucurute* de *Tainã* e *Ciro* era dele, fungava forte o alto da cabeça dos meninos que tinham cabelos compridos. Nas vivências de caminhadas com o *Véi Griô*, as participações do *Véi Dunga* já eram mais pontuais. Ele dizia que o *Véi Griô* era pra caminhar e que ele ficava pra *segurar*: “*Desta plantação vai ter colheita meu fi. Muita gente vai entrar nesta roda*”. E ele celebrava cantando:

*Cumpade, seu galinheiro  
Dê milho a sua galinha  
Seu filho mal ensinado  
Bateu na minha porta  
Com parte namorar*

*Palma fora...*

*Palma dentro...*

*Pisa o milho...*

*E cuidado com o fogo que a brasa queima*

Pra diferenciar o seu lugar de cuidado, ele também afirmava: “*o mestre é a raiz e o griô é a sua rama. Pode seguir caminho que o nó está seguro!*”. Ele cantava este batuque:

*A fita verde amarrou  
E deu um nó  
Deu um nó  
Deu um nó*

Em sua casa, *Véi Dunga* e *Dona Tila* também recebiam pessoas para viverem processos mais longos de cura, podendo ser de uma semana e chegar a um mês ou mais. A rotina da casa era toda alterada pelos ritos diários específicos para os acompanhamentos, que dependiam do tipo de cura. A alimentação era bem específica.

*Véi Dunga* se encantava quando entrava numa roda de samba puxada pela sua família e pessoas próximas de confiança, ou nas nossas atividades do Grãos. Era um espírito de criança brincalhona num velho de quase noventa anos de idade. O seu corpo mexia feito bambu, entre pulos, umbigadas, até passar por baixo das pernas de quem dançava com ele na roda. Em algumas chulas, ele parava o samba pra contar histórias, todas já conhecidas da roda, mas ainda cheias de risadagens:

*Alguém conhece o Severo aí?*

*Alguém viu o Severo?*

*Sabe onde ele se escondeu?*

*Tenho um mandato pra Severo!*

*E só entrego quando encontrar ele!*

Ele escolhia o “*Severo*” da roda, mas não dizia pra ninguém, nem para a pessoa escolhida. Ficava jogando indiretas sobre aquela pessoa, cor da roupa, penteado, até que num gesto ele apontava a pessoa escolhida, o “*Severo*”, beliscando o pé, fazendo uma umbigada ou outra brincadeira.

Assim que identificado, o “*Severo*” entrava na roda junto com o samba tocado no ritmo de martelo, feito galope, acelerando a batida pra deixar o “*Severo*” se *amostrar* pela dança, sozinho no centro da roda.

*Severo é bom, é bom demais*

*Severo é bom, é bom demais*

*Severo é bom, é bom demais*

Depois da dança pegar fogo, o “*Severo*” para o samba e assume o lugar de quem procura por “*Severo*”, perguntando à roda por “*Severo*” e jogando indireta sobre a nova pessoa que ele vai escolher pra ser o novo “*Severo*”:

*Alguém conhece o Severo aí?*

*Vocês estão brincando comigo?*

*Eu vi o Severo por aqui...*

O ritual se repete com a entrada dos instrumentos e do canto repetido, “*Severo é bom, é bom demais...*”, deixando o novo “*Severo*” cair no samba até se esbaldar de suor.

Conheci a história de *Mané Nicolau* no quintal da casa do *Véi Dunga*. Neste dia fomos mais longe, além do quintal, acompanhando o rio até chegar numa mata mais fechada, cheia de cipó. Ele pediu pra eu parar de caminhar e ficar quieto, enquanto numa distância de uns cinco passos fez algumas rezas pra mata. Retornou em minha direção, parou diante de mim e pediu pra eu fechar os olhos. Com umas folhas nas mãos me rezou por um tempo e ao fim tocou em meus braços me trazendo de volta à consciência. Sem dizer nada saiu caminhando de volta pra casa. Eu o segui até encontrar *Dona Tila* varrendo o terreiro do fundo, com entrada pra cozinha. “*Vocês tava onde?*”, perguntou *Dona Tila* aos chegantes. Num salto rápido o *Véi Dunga* lhe respondeu cantando e dançando:

*Seu Mané Nicoláu*

*Dão, Dão*

*Tirador de Cipó*

*Dão, Dão*

*Eu também sei tirar*

*Dão, Dão*

*Na cabeça do nó*

*Dão, Dão*

*Bota a mão nas cadeira*

*Dão, Dão*

*Bota a mão na cintura*

*Dão, Dão*

*Dê o seu remelexo*

*Dão, Dão*

*E uma umbigada na outra*

*Dão, Dão*

O *Véi Dunga* ia fazendo os gestos indicados pela cantiga:

*Bota a mão nas cadeira,*

*Bota a mão na cintura,*

*Dê o seu remelexo,*

*E uma umbigada na outra,*

Ali mesmo diante de mim e de *Dona Tila*, na maior brincadeira, o samba começava.

## 9 O GRIÔ VEIO ANTES...

O *Véi Dunga* sempre me dizia que o “Griô” veio antes de eu saber: “*Eu via tudo meu fi, vi antes de tu chegar até mim. Vejo esse véi atrás de tu, é índio, é guerreiro da mata.*”. Entre 1997 e 1998, Líllian foi fazer um ritual de passagem durante dois dias com jovens adolescentes do Projeto Grãos de Luz, num grupo de atividades esportivas coordenadas pelo etnólogo Ardaga Widor. No ritual, as jovens conviviam e dormiam todas juntas com Líllian em nossa casa, participando de vivências sobre feminilidade e ancestralidade. Ardaga recomendou a Líllian que ao final do ritual as adolescentes ouvissem uma contação de histórias de uma *Griot*. Ela ficou muito comovida com a leitura da história para as meninas. A palavra “Griot” começou a aparecer em seus sonhos, assim ela buscou urgentemente adquirir a primeira edição do livro raro História Geral da África com o texto de Amadou Hampâté Bâ, um escritor do Mali, África (HAMPÂTÉ BÂ, 2010). Nesse texto, ele apresenta o lugar do “Griot” naquela região. Foi muito forte pra gente fazer aquela leitura naquele momento, pois reforçava todo o sentido do que estávamos fazendo no Projeto Grãos de Luz. E tudo se juntava ao que o *Véi Dunga* dizia.

Esses dias de nossas vidas foram preenchidos de muitos sonhos e comunicação ancestral. Líllian escreveu o Projeto Griô para trabalhar os saberes e fazeres de tradição oral nos currículos escolares, utilizando práticas da educação popular e da educação biocêntrica, nas escolas e no Grãos de Luz. Ela apresentou para uma entidade de financiamento nacional, o Programa “*Crer para Ver*”, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança. Depois de uma semana fazendo entrevistas com fichas e gravadores, eu e Líllian nos sentimos sem identificação com aquele jeito de conversar com o povo de tradição oral. “*Está tudo errado!*”, esbravejou Líllian diante da minha concordância: “*Você precisa chegar nas comunidades do jeito que você já faz nas suas caminhadas e conversas com o povo de tradição oral, você chega como um Griô cantando e contando histórias*”, disse se referindo às minhas caminhadas e mergulhos no universo da oralidade da região, inclusive às minhas atividades como professor na escola pública do estado. “*O que você me conta das suas conversas nas comunidades diz muito mais que estes formulários, não podemos mediar os saberes de tradição oral com métodos de tradição escrita*”, continuou Líllian com a sua habitual firmeza de educadora, profecia de quem se comunica com as encantarias e visão de quem sonha com o futuro. Fomos sonhando e dialogando sobre este lugar de chegada e encantamento e fazendo relações com os saberes e fazeres que eu vivia naquele momento. Ela chegou a propor que as cheganças nas comunidades fossem a cavalo, mas eu não me senti preparado nesse ofício, mesmo já tendo aboiado quando criança na roça do meu pai. Eu era e sou um caminhante que desceu a serra de noite de pés descalços.

Era a semente do encantado do *Véi Griô* sendo parida de sua gestação. Líllian sempre foi uma parteira pedagógica, como lhe nomeou oralmente o Griô Aprendiz Marcelo das Histórias, alguns anos depois. Eu senti que a roupa branca era o que me acolhia para começar a caminhada. O símbolo do contador de histórias montado a cavalo só conheci em torno de 10 anos mais tarde, em 2007, quando fiz minha caminhada de iniciação com as famílias tradicionais Griot Diabaté e Kouyaté, entre a capital Bamako e aldeias da região da vila de Kita, Mali, África, próxima à divisa colonial com o Senegal.

Já nas últimas semanas pro retorno ao Brasil, eu estava numa aldeia do povo Dogon, próximo à cidade de Bandiagara, região mais ao norte do país, nas Falésias de Bandiagara, onde nasceu o próprio Amadou Hampâté Bá, do povo Peuls. Eu havia passado a noite num pouso de uma outra aldeia Dogon, aos pés das falésias, no início das areias do deserto do Saara. Estava numa roda no terreiro, finalizando o café da manhã, quando num instante mágico se adentrou pelo terreiro de areia um homem montado a cavalo, roupas coloridas, panos amarrados ao corpo, colares, sela do cavalo cheia de detalhes. Diante do nosso encantamento, parou o cavalo e ainda montado começou a contar uma história, na língua local, bambara, com gestos, intensidades de vozes e muita altivez. Ninguém tirava os olhos de cada detalhe daquele homem imponente diante de nós em cima do seu cavalo. Não sei dizer exatamente quantos minutos durou aquele instante, mesmo porque a minha emoção era de outro tempo, mas suponho que tenha sido uns vinte minutos. Seu movimento nos fez entender quando finalizou a história e o dono da casa se dirigiu a ele com um copo d'água e, num gesto de reconhecimento, repetido por todos ali no terreiro, entregou um dinheiro. O homem contador de histórias agradeceu e se despediu com um canto, se virou com o seu cavalo e saiu portão afora.

## 10 VÉI GRIÔ

Foi chegando com sua viola enfeitada, fitas coloridas, roupa branca, fuxicos de pano, chapéu na cabeça e rosto pintado de branco, acompanhado pelos olhos encantados da comunidade, nas janelas e frente das casas e da escola, nos bancos dos terreiros, embaixo das árvores, crianças arrodando o velho cantador cheias de curiosidade e alegria, que criava a roda e jogava o chapéu no chão e no centro do terreiro:

*Bebeu bebeu*

*Gabiraba*

*Lá no bebedouro*

*Gabiraba*

*Meu chapéu caiu*

*Gabiraba*

*Meu amor pegou*

*Gabiraba*

*Bebeu bebeu...*

Foi assim que nós criamos o primeiro ritual de chegada griô da Pedagogia Griô e as referências para as Trilhas Griôs de Turismo de Base Comunitária e também para a prática do Jogo de Trilha Griô (PACHECO, 2021).

Os versos brotavam aqui e ali, de fartura, cheios de brincadeiras! Alguns rimados, outros desafinados, engasgados, tudo cabia, até viver o desafio de pegar o chapéu diante de uma roda, atenta pra escutar, um verso nascido e outros a nascerem noutra tempo, regidos pela cantiga *Gabiraba*, aprendida há poucos dias numa roda com crianças lá do assentamento do Movimento Sem Terra (MST), comunidade Bela Flor, divisa norte do município de Lençóis, cantada na região por sanfoneiros, cantadores e cantadoras de samba rural, no samba do rio, nas chulas e nos batuques de terno de reis, sabida do povo da roça e também da comunidade quilombola do Remanso, 12 km da sede do município de Lençóis. De onde vinha aquele homem cantando e encantando ninguém sabia, mas não parava de chegar criança, com os olhos atentos brilhando feitos jaboticaba madura. As rodas partiam em cortejos que já estavam no grande terreiro, na linha de casa de um lado e de outro, passando pelo cruzeiro da igreja, depois da sede da associação. A casa de *Dona Agmar e Seu Aurino*, mais pra dentro da comunidade quilombola, perto da Casa de Farinha, levantada de parede entrelaçada de pau e preenchida de barro, cavado ali mesmo no terreiro. Da janela *Seu Aurino* já ouvia a viola e os cantos em coro das crianças:

*Gabiraba!* Ele já era naquela época, por volta de 1997 e 1998, um dos mais velhos da comunidade, fazia parte da geração que fundou a comunidade, na luta pelo direito à terra, vinda pela travessia da outra margem do Rio Marimbus. Junto com *Dona Agmar* ia pra roça todo dia: plantavam aipim, feijão, milho, batata, abóbora e folhas de chá. Aurino Pereira é o único herdeiro da tradição do seu pai Binô, tocador de *oito baixo*, respeitada *pé de bode*. Muita história pra contar!

*Seu Aurino* veio pra frente do terreiro pela curiosidade de ver com mais detalhe aquele estranho que se aproximava cantando e arrodado de crianças como *penca* de banana. A viola com as fitas coloridas penduradas chamava a atenção, a roupa branca e o chapéu jogado ao chão pros desafios dos versos. Até que o rosto do tocador lhe veio com mais detalhe, todo branco de tinta, lhe saltando um pensamento: “*É um palhaço!*”.

A benção e permissão de *Seu Aurino* pra compartilhar este momento, mas vale mesmo é ouvir esta história contada por ele próprio, cheia de arroteios e expressões que lhe saltam ao corpo. Foi o seu primeiro encontro com o *Véi Griô*.

*Depois que eu achei que era um palhaço fui vendo ele fazer uma roda, pedir a benção pra nossos mais velhos e mais velhas, foi me dando um sentimento bom dos tempos antigos, lembrando do meu povo véi, das histórias e das cantigas que eu ouvia desde minino. Então já fui achando que não era mais um palhaço, era outra coisa. Não demorou muito e eu já estava lá na roda com a minha sanfona e contando como aprendi a tocar com o meu pai Binô. Quando ele foi embora fiquei com meu coração contente.*

**Figura 8** – Chegança Griô na comunidade quilombola do Remanso, Lençóis, Bahia



Fonte: Uilami Dejan, 2009.

Neste mesmo dia o *Véi Griô* chegou próximo a uma árvore da comunidade e ouviu Caio, de 6 anos de idade, sentado numa pedra cantando esta cantiga de ninar. Essa cantiga passou a fazer parte dos rituais de embalo da Pedagogia Griô:

*Periquito Maracanã*

*Cadê a sua Yaya*

*Periquito Maracanã*

*Cadê a sua Yaya*

*Faz um ano, faz um dia*

*Que eu não vejo ela passar*

*Faz um ano, faz um dia*

*Que eu não vejo ela passar*

Cada cantiga aprendida pelo *Véi Griô* com mestras(es) griôs, eu também ensinava a Lillian Pacheco e ela com o seu olhar pedagógico criava um ritual de vínculo e aprendizagem de encantamentos e vivências. Um ritual que tivesse relação com a musicalidade e movimento da cantiga, com o seu lugar social e cultural no modo de vida de nossas comunidades e famílias da Chapada Diamantina. Essa cantiga do Periquito Maracanã, por exemplo, se tornou um ritual de roda de embalo que o *Véi Griô* passou a realizar nas vivências em comunidades e escolas,

quando ninava os grupos em roda abraçados antes de contar as histórias. A cantiga *Gabiraba* se tornou um ritual de chegada. Assim, Lillian Pacheco, que era educadora biocêntrica e facilitadora de Biodança, foi aprendendo as cantigas com o *Véi Griô* e criando um grande repertório de rituais de vínculo e aprendizagem numa curva da vivência da Pedagogia Griô, com referência na curva da vivência de Rolando Toro (2002), criador do sistema de desenvolvimento humano Biodança. Esses rituais de vínculo e aprendizagem eram incorporados à caminhada e iniciação do *Véi Griô* como um Griô Aprendiz, um facilitador de encantamentos e vivências.

Os processos curriculares de encantamento e vivência são realizados por meio de uma tríade básica para acesso à identidade humana, Canto Tradicional – Dança Tradicional – Sentimentos Identitários, inspirada na proposta por Toro (educação biocêntrica), Música – Movimento – Emoção, que é organizada em exercícios seqüenciais segundo uma curva cíclica para respeitar os processos vivos da natureza e do universo, assim como os processos orgânicos e afetivos da vivência humana entre ativação e relaxação (PACHECO, 2021, n.p).

**Figura 9** – Curva da Vivência da Pedagogia Griô



Fonte: PACHECO, 2021, n.p.

## 10.1 O PALHAÇO

Conheci o palhaço pelos circos itinerantes que passavam por Dom Basílio na década de 1970. Eu e toda a turma de crianças e adolescentes da comunidade saíamos de casa ou de qualquer outro lugar que estivéssemos ao ouvir o megafone anunciando num caminhão a chegada do circo. A gente não se continha. Corria atrás do caminhão até a parada no terreiro maior depois da feira. Só via a poeira na roupa ao chegar de volta em casa. Era pura alegria e encantamento. Salta em minha memória cada detalhe da chegada, do motor do caminhão desligando, das pessoas descendo, do trabalho minucioso pra destravar os batentes da carroceria, a retirada da lona, ferros, cordas, madeiras, bicicletas, roupas e até as cobras. Como este momento mágico se repetia de uma a duas vezes ao ano, com o tempo a gente passou a ajudar no que era possível, sabia que precisava de pelo menos dois dias pra primeira apresentação. Fora o horário da escola, a gente passava o resto do dia convivendo ao redor do circo, conhecendo a família circense: avô, avó, pai, mãe, filho, filha, genro, primos, tio, tia, famílias geralmente ciganas que tinham sua própria cultura e que eram identificadas no geral por profetizarem o nosso destino pelas mãos. Difícil era a despedida, cheia de choro contido, um tempo até tudo voltar ao nosso dia a dia, no quintal brincando de montar enormes balanços na galha mais alta da mangueira, cordas amarradas entre uma árvore e outra pra bancar o equilibrista, cenas das palhaçadas: “*Te dêêêêita lampariina!*”, foi a que talvez mais tenha atravessado as gerações. Era um diálogo de um palhaço com uma boneca de pano de nome *lamparina*. A boneca enfrentava com resistência o momento do conflito da história ao ser mandada se deitar. Era a maior risada até mesmo ali no quintal brincando entre a gente. O palhaço era um dos papéis que me cabia na divisão das funções das diversas brincadeiras do quintal e da rua. Até hoje sou reconhecido pelos meus filhos, família, estudantes e educadores como um brincalhão até em momentos de dificuldade. A risada, a *rilia* e a alegria se tornaram para mim uma prática de resistência mesmo diante dos conflitos. Quando algum circo ficava armado mais do que o previsto, até paixão de adolescência dava tempo pra gente viver e fazer planos pra seguir viagem pelo mundo.

## 10.2 CARETA, CADÊ VOCÊ?

Se corríamos pela poeira do caminhão atrás do circo, no período do mês de junho das tradicionais festas juninas de Dom Basílio era o *Careta* que nos fazia correr. Não tinha dia certo

pra saída dele, mas sabíamos que naquele período era a qualquer momento, mais ao final da tarde. Sinto até o sabor dos bolos de arroz pilados em pilão daquela época. Pelas conversas das pessoas adultas já dava pra prever as identidades brincalhonas: “*Isso é coisa de Geraldo de Zé Calixto!*”. Mas isso não importava pra gente criança e adolescente. Era muito encantador acompanhar aquele mistério, se saíam da rua de cima ou da rua de *trás*, como íamos nos safar de uma corrida daquele ser. Era um misto de medo, alegria e curiosidade. Quando alguém anunciava: “*O careta saiiiiiu...! Êitcha!*”. A nossa maior segurança era não perder ele de vista, pois ele circulava por toda a cidade. Era muita conversa e comentário: “*O Careta subiu até o Bomfim atrás de Geraldo de Dalcy!*”, “*Joãozim de Nini tomou foi uma queda correndo do Careta!*”, “*Lucinha deu foi um olé nele!*”, era o que se falava na comunidade. Chegar na casa da minha avó *Dinha* era uma labuta. Morria de medo de encontrar no meio do caminho aquela criatura assustadora. A máscara do *Careta* tinha algumas pinturas e arroteava toda a cabeça dos desconhecidos. A roupa era um vestido longo, sem cintura, listrado ou florido. Parecia bata de padre.

Um dia, depois de conseguir chegar em segurança na casa da minha avó, que fica no arroteado de casas do grande terreiro do centro da comunidade, fiquei ali por um bom tempo sem ver o *Careta*. Impulsionado pela minha curiosidade e ousadia, fui me distanciando aos poucos da casa e chegando mais ao centro do imenso terreiro, onde eu podia ter uma visão mais privilegiada do todo. Não me lembro o que me tirou daquela minuciosa atenção, mas ao virar os olhos para a rua de cima avistei o *Careta* vindo exatamente para o centro do terreiro. Fiquei por um instante estatelado e ao me ver indefeso ele partiu em corrida pra me pegar. Era um exercício do instinto de defesa. Me virei num salto em direção à casa da minha avó e me pus a correr, assistido por um monte de gente em risadas e apreensões. Não sei a que distância ele chegou de mim, pois não ousaria olhar pra trás, mas entrei pela porta da frente da casa da minha avó feito foguete, com o coração a sair pela boca. Enquanto escrevo estas linhas, vem em minha memória um quadro da imagem dele pela janela e o ruídos que soltava pela boca, já que não expressava em palavras. Nunca sabíamos o que poderia acontecer ao ser pego pelo *Careta*. Não vivi este acontecimento. Uma corrida como essa eu só tinha enfrentado em outra ocasião com uma vaca leiteira. Ouvi muitas vezes de pessoas mais velhas em Dom Basílio: “*É preciso saber a hora de invurtar, virar moita.*”.

Mas o símbolo do *Careta* retornou em minha vida nas celebrações das passagens de ciclos da terra pelo sol dos meus dois filhos. Tanto eu como Lillian queríamos que estas celebrações fossem na linguagem do universo deles. Com a memória e sentimentos vividos das saídas dos *Caretas* de Dom Basílio, fui recriando este ritual de minha infância pra mobilização

prás duas festas do ano. As crianças da rua toda passaram a se envolver e a fazerem criações próprias pro ritual do encontro. Sabiam exatamente os dois dias do ano das celebrações de *Ciro* e *Tainã*. O ritual passou a ser o próprio convite. Dias antes as crianças nos encontravam na rua e já afirmavam: “*Faltam dez dias pro Careta sair!*”, “*Faltam três dias pro Careta sair!*”, “*Amanhã eu chego cedo lá na porta da casa!*”. O mutirão da festa durava o dia inteiro. O turno da manhã era para as arrumações do espaço, das comidas, das brincadeiras, da roda de contação de histórias e dos presentes. A casa ficava cheia de crianças ajudando, sempre fiéis em cada ciclo, reinventado e lembrando com a gente brincadeiras que iriam acontecer. Depois de tudo arrumado, voltavam pra casa pra se vestirem e se juntavam na rua em frente a nosso portão pra gritar e chamar o *Careta*. O mistério era saber de onde o *Careta* chegaria. Poderia vir de cima da rua, de baixo, do terreno do lado, da casa de *Dona Morena*, do quintal de *Roy*, da venda de *Dáurea* e de lugares ainda não previstos. A cada ano uma novidade. As crianças faziam suas previsões: “*Este ano ele vai sair dos pés de jaca!*”, “*Que nada, vai subir o pé da ladeira vindo da balaustrada!*”. Com o final da tarde se aproximando e o agrupamento se formando na rua, começavam aos poucos a puxar o canto até se formar um coro de chamada do *Careta*: “*Careta, cadê você, eu vim aqui só pra te ver!*”. Como o ciclo da terra pelo sol de *Tainã* acontece no período das festas juninas, as pessoas adultas passaram a cuidar pra que as crianças não tropeçassem nas fogueiras de São João montadas pelas ruas, no instante em que o *Careta* de forma mágica surgisse pelos lados previstos e não previstos. Um dia chegaram a fazer uma reunião prévia entre os adultos, crianças e adolescentes: “*Crianças, quando o Careta chegar, tenham cuidado pra não escorregarem na ladeira nem tropeçarem nas fogueiras.*”. *Líllian* me ajudava a me vestir e pintar. Eu usava uma máscara que cobria toda a minha cabeça, uma calça vermelha (a calça de nosso ritual de casamento), o peito nu e com pinturas corporais inspiradas em símbolos dos nossos povos originários. Um guizo no tornozelo e na mão um *xequerê*. Como um relâmpago o *Careta* surgiu naquele dia do lugar mais previsível possível, da frente da minha casa, mas como uma explosão as crianças pularam da roda de gritaria e abriram pra todas as direções. Foi um tal de pular fogueira no meio da rua! A nossa rua leva o nome de Pé da Ladeira, um lagedão que sobe um dos morros que rodeiam a cidade, antiga saída de tropeiros. O *Careta* que eu vivia, além de ter a magia de surgir de lugares inimagináveis, corria muito e quando pegava uma criança era pra fazer muitas cócegas e cheirar chumbregando. Não emitia palavra. Se comunicava fungando feito bicho, farejava e passava o *xequerê* pelo corpo da pessoa para fazer um sacudimento, uma limpeza espiritual. Ao final tinha o toque sutil do encontro das duas pontinhas dos dedos indicadores. Era o momento simbólico de contato humano com o encantado, era mágico, a criança passava por uma gargalhada e depois essa despedida

transcendente, daí o *Careta* saia em disparada pra correr atrás de outra criança. Subia e descia correndo várias vezes a rua enladeirada, uma resistência física que eu só conseguia com a encantaria. Era sim um encontro de todas as idades. *Dona Morena, Dona Ana, Dona Vanda, Daurea* eram as mais velhas e não perdiam este momento. O *Careta* ia até elas pra pedir a benção e logo em seguida saia em correria. Elas abriam janelas e portas para o *Careta* atravessar a casa correndo atrás das crianças, comentavam o acontecimento com muita risada e, junto com Lillian, davam proteção às crianças que ficavam assustadas.

### 10.3 PATU'Á

*Embaixo do arvoredó*  
*Onde o Vêi Griô desceu*  
*Eu falo com certeza*  
*Quem chamou ele foi eu*  
*Embaixo daquela árvore*  
*Onde o Vêi Griô nasceu*  
*Eu falo com certeza*  
*Quem chamou ele foi eu*

Este canto que *Pedrina* passou a cantar desde a primeira vez que viu o *Vêi Griô* se refere à chegada de entidades e encantados, no ritual do Jarê, da Chapada Diamantina.

Me encontrei com *Pedrina* e combinei pra irmos numa caminhada para uma escola realizar a vivência de um ritual de vínculo e aprendizagem que vínhamos planejando na Pedagogia Griô: chegar cantando e tocando pandeiro com cantigas de cheganças, construir a roda com os jogos de versos, ativar com brincadeiras de ciranda e umbigadas, harmonizar com brincadeiras de trezinhos, embalar, contar histórias e ao final se despedir com as cantigas de despedidas, celebrando o encontro. Era a nossa primeira atividade conjunta numa comunidade e escola. Bem cedo cheguei cantando baixinho em frente à sua casa de taipa, levantada por ela mesma: “*Aqui é meu barraco!*”. A cantoria e a brincadeira já faziam parte dos rituais que estavam nascendo pelos nossos encontros contínuos. Então naquele dia cheguei cantando uma cantiga que ela já havia me ensinado:

*Eu ouvi dizer que bem-te-vi não tem coroa*  
*Eu vim sambar na casa de gente boa*

Era assim também os encontros com *Mãe Rosa* e *Lina*. No início a gente se encontrava mais de uma vez por semana, mas as caminhadas nas escolas da sede e viagens para a zona rural aconteciam em torno de três vezes por lua. Fomos criando uma intimidade na comunicação entre nós e reconhecendo a forma de cada uma se expressar, cantar, dançar, abraçar, falar. *Mãe Rosa* tinha a quietude, os conselhos e os posicionamentos colocados com doçura e firmeza da autoridade de uma mais velha. *Pedrina* era quem tinha a frente das cantigas, a voz que puxava as outras: quando diante de um desaforo, era desaforo e meio. *Lina* era a mediadora, grudada em *Mãe Rosa* e amiga de respeito de *Pedrina*. *Lina* era uma autoridade no canto e na memória de chulas. As vozes das três juntas se complementavam numa harmonia encantadora. Nossa amizade e irmandade foram sendo nutridas e mediadas por cantorias, rituais, viagens, caminhadas, rodas de samba e conversas com cachimbo, benzimentos, muitas risadas e abraços prolongados, “*abraços de algodão*”, como disse Mãe Doci depois do nosso primeiro longo abraço dado.

Para as vivências com o *Véi Griô* as três usavam as roupas que iam pros terreiros de Jarê, inclusive as saias brancas e as floridas. Naquele primeiro dia de caminhada na escola, *Pedrina* entrou no carro já remexendo o pandeiro e fomos até a casa de *Mãe Rosa* e de *Lina* cantando:

*Ô tira o bico do chão zabelê  
Que o chão não tem o que comer  
Tira o bico do chão zabelê  
Que o chão não tem o que comer*

Encontramos *Rosa* já com a colher e o prato de esmalte nas mãos e *Lina* com o par de sapucaia que eu tinha dado a ela de presente pra tocar feito agogô. Foi cantoria durante toda a viagem. Elas amavam esta chula, a preferida de *Lina*:

*Amanhã eu vou-me embora  
Vai Vai  
Eu não vou-me embora não  
Vai vai  
Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram  
Se eu tivesse ido embora  
Vai vai  
Eu não tava aqui mais não  
Vai vai*

*Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram  
Quero comer não tenho fome  
Quero beber não tenho sede  
Quero dormir não tenho sono  
Eu vou me deitar nesta rede  
Na enchente da maré*

*Vai vai*

*Eu quase morro de sede*

*Vai vai*

*Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram  
A Rosa é meu anel*

*Vai vai*

*Pedrina é meu avelã*

*Vai vai*

*Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram  
O Griô é minha corrente*

*Vai vai*

*Gracila é meu coração*

*Vai vai*

*Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram  
Quero comer não tenho fome  
Quero beber não tenho sede  
Quero dormir não tenho sono  
Eu vou me deitar nesta rede  
Na enchente da maré*

*Vai vai*

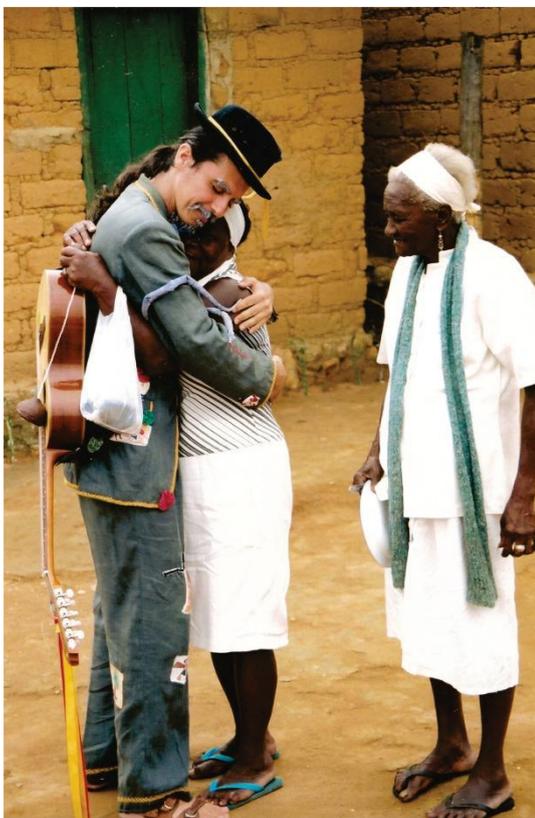
*Eu quase morro de sede*

*Vai vai*

*Não quero mais meu bem  
Tomaram o amor me deixaram*

Depois de quase uma hora de estrada de terra adentrando pela zona rural do município de Lençóis, avistamos ao longe a comunidade de nosso destino, mas parei o carro em torno de meio quilômetro antes da primeira casa. A chegada na comunidade acontecia caminhando. Nem dava pra avistar a escola. Descemos do carro e fomos pra sombra de um pé de ipê à beira da estrada. Juntei quatro pedras debaixo da árvore e nos sentamos em roda. Cada uma pegou seu cachimbo e com um canivete *Pedrina* foi tirando pedaços de um fumo de rolo. A conversa era alegre e cheia de histórias, principalmente sobre a vida delas. Depois do cachimbo fumado, pedi um instante de tempo e fui pra outra árvore próxima, onde vesti minha roupa branca e dedilhei o violão enfeitado de fitas pra deixar chegar o *Véi Griô*. Ao retornar pra elas, começaram a cantar esta canção puxada por *Pedrina*: “*Embaixo do arvoredado, onde o Véi Griô desceu...*”. A partir daquele dia, este canto passou a ser pra elas três o símbolo da chegada do *Véi Griô*. Entramos pela comunidade cantando até o terreiro da escola, acompanhados pelos olhares encantados e receptivos das pessoas. Um dia perguntaram a uma criança de onde vinha o *Véi Griô*, ao que ela respondeu: “*O Véi Griô vem do pé de manga!*”.

**Figura 10** – *Véi Griô* ao encontro de Lina e Mãe Rosa na comunidade da Ponte do Rio Utinga, Lençóis/BA



Fonte: Ciro Pacheco, 2005.

Na sistematização da Pedagogia Griô, Lillian Pacheco diz sobre encantamento:

O encantamento é um estado de alteração da consciência que amplia a percepção das pessoas por meio da diminuição da atividade cognitiva-racional, aumento da atividade emocional e afetiva, além de estimular o estado de presença e fusão consigo, com o outro, com o grupo e a realidade. Quando encantado, o/a aprendiz deseja vivencialmente aprender com o seu/sua mestre/mestra, ele(a) sente o elo corporal e inconsciente que os liga, delega a autoridade e autoriza a abertura de canais de comunicação vivenciais e vínculos afetivos culturais ancestrais (PACHECO, 2021, p. 86).

Antes de surgir o Encantado do *Véi Griô*, eu fazia o papel do *Véio Zuza*, um personagem contador de histórias criado durante as oficinas de teatro para crianças nas rodas do Projeto Grãos de Luz, que funcionava num salão das madres da Igreja Católica de Lençóis. Diferente do *Véi Griô*, me referencio ao *Véio Zuza* como uma personagem porque efetivamente veio de um trabalho teatral e eu criava um contexto para a dramatização. Me vestia com roupas brancas, criava uma postura corcunda e trazia como cajado um pedaço de cana de açúcar. No momento em que eu entrava em cena, alguém da equipe apertava o “play” de um equipamento de som com a música *Véio Zuza*, do LP *Baiano & Os Novos Caetanos*, interpretada por Arnaud Rodrigues e Chico Anísio (1974). Era uma festa esta chegada! O tempo da duração da música era o tempo pra fazer um passeio dançando até o centro da roda, com as batidas de palmas das crianças. A história de preferência das crianças era a que brincava com os sons de instrumentos e materiais da natureza, que exigia antes uma pré-produção. Eu escondia instrumentos e materiais que podiam gerar sons em vários lugares do quintal junto ao salão, até em cima de árvores. O personagem *Véio Zuza* contava a história de um instrumento específico e pedia para as crianças acharem pelo quintal um instrumento ou qualquer outro material que fizesse o som do instrumento da história. Quando alguém quisesse apresentar o som gritava: que som é esse? Era o momento pra darem opiniões se confirmavam ou não se era o som do instrumento da história. Foram diversas as brincadeiras dramáticas do *Véio Zuza*.

Com o *Véi Griô* o processo foi diferente, era vivencial, e o encantado não tinha postura de corcunda associada ao velho, não usava cajado nem equipamentos eletrônicos. O *Véi Griô* nasceu como cantador e contador de histórias e tocava o seu próprio instrumento. O acompanhamento espiritual do curador *Véi Dunga* e de todos os mais velhos e mais velhas que já nomeei neste texto foi constituindo um lugar completamente diferente de um personagem e de uma interpretação teatral. Isso também não quer dizer que o encantado *Véi Griô* se tratava de uma entidade dos rituais religiosos. A cada momento que me preparava pra chegar o *Véi Griô* fui sendo tomado por fortes sentimentos de proteção espiritual e de encantamento. E mais,

não era uma decisão da minha parte, mas a forma como várias pessoas mais velhas começaram a cuidar e a trazer elementos simbólicos de proteção e ritualização, como patu´á, benzimentos e a cantiga trazida por *Pedrina, Mãe Rosa e Lina* e que passou a ser cantada todas as vezes que elas se encontravam com ele.

Estava numa vivência no terreiro da escola pública da comunidade Bela Flor, um assentamento do MST, zona rural do município de Lençóis, brincando cantigas de roda:

*Quanta laranja madura, meu bem*

*De que cor são elas*

*Elas são verde e amarela*

*Vira Márcio da cor de canela*

As pessoas de todas as idades iam girando e ao serem chamadas pelo seu nome viravam de costas para o centro da roda, até todas estarem nessa posição com as mãos dadas. Em seguida, as crianças cantavam:

*A canoa virou*

*Deixa virar*

*Foi por causa do Márcio*

*Que não soube remar*

Era o momento de virar novamente para o centro da roda quando o nome era novamente chamado: “*Foi por causa de Maria que não soube remar, foi por causa de Antonio que não soube remar, foi por causa de...*”. Uma roda de muita comunicação, identidade e atenção. Ao final, as crianças se adiantaram pra cantar outra:

*Bebeu, bebeu*

*Gabiraba*

*Lá no bebedouro*

*Gabiraba*

*Meu chapéu caiu*

*Gabiraba*

*Meu amor panhou*

*Gabiraba*

Nem precisou de tempo pra uma delas logo soltar as mãos da roda e ir pro centro se arriscar num jogo de verso:

*Se eu soubesse que tu vinhas*

E a roda toda cantava:

*Gabiraba*

A criança do centro completava:

*Eu mandava te buscar*

A roda inteira cantava:

*Gabiraba*

E a criança continuava:

*Dentro de um vazinho de cheiro*

A roda:

*Gabiraba*

A criança:

*Para o sol não te queimar*

A roda:

*Gabiraba*

E a roda toda cantava o refrão:

*Bebeu, bebeu*

*Gabiraba*

*Lá no bebedouro*

*Gabiraba*

*Meu chapéu caiu*

*Gabiraba*

*Meu amor panhou*

*Gabiraba*

E outra entrou logo em seguida com mais versos, saudando a sua identidade de povo do MST, sempre com a roda cantando *Gabiraba* em coro pra mediar frase a frase:

*A lua já vem surgindo*

*Gabiraba*

*Por detrás daquela serra*

*Gabiraba*

*Não é lua, não é nada*

*Gabiraba*

*É a bandeira do sem terra*

*Gabiraba*

Depois de tantos versos, brincadeiras e histórias, a despedida foi com sentimento de pertencimento, acolhimento e saudade, com pedidos e promessas de reencontro. Aquele canto não saía da minha memória, como chapéu na cabeça. Dias depois, cantando esta cantiga em

outra escola da região, a cabeça do *Véi Griô* chegou coroada e com o chapéu sendo lançado ao chão pro convite dos versos. O símbolo do chapéu havia se incorporado à vestimenta. Conforme prometido, retornei dias depois à comunidade de Bela Flor e o *Véi Griô* chegou cantando a cantiga que havia aprendido ali mesmo e ouvindo as crianças ao longo do coro de *Gabiraba*. Trazia a novidade do chapéu voando ao chão, mediando os versos jogados. Foi muito encantador! Não precisou de explicação. Inclusive a comunidade não mais deixou de jogar o chapéu pras suas brincadeiras de versos. *Seu Manoel*, o mais velho responsável pelo cuidado da escola, acompanhava ao lado o movimento no terreiro. O *Véi Griô* falava dos ciclos das aprendizagens, do tempo de encontro e reencontro, quando *Seu Manoel* se aproximou, pediu licença pra entrar na roda e cantar um canto sobre o assunto que estava sendo dito. Louvada a sua presença pelo *Véi Griô*, ele trouxe uma ciranda:

*A figa da bananeira*  
*Bananeira bananá*  
*Quanto mais o cacho corta*  
*Mais a bananeira dá*

**Figura 11** – Chegança Griô em na Comunidade Rural Estiva



Fonte: Arquivo Grãos de Luz e Griô, 2004.

Cantigas de jogo de versos, uma ciranda, um chapéu, camisa e calça branca, violão com fitas, aprendendo histórias, caminhando entre comunidades, chegando nos terreiros das escolas da rede pública municipal, contando e recontando histórias da realidade e do imaginário do povo da região, símbolos que chegavam pelos patuá. Quando chegava em casa, a roda de contação das histórias da caminhada com a educadora Líllian Pacheco ia revisando as práticas dos rituais para qualificar os conceitos de griô, encantamento, vivência, oralidade, consciência, diálogo, elaboração do conhecimento, temas e palavras geradoras, currículos. Era o *Véi Griô* no seu primeiro ciclo de gestação e nascimento, *a semente do encantado*, conforme nome dado a uma das edições do programa Caminhos e Parcerias, da TV Cultura de São Paulo, quando em 1999, a repórter Neide Duarte e seu produtor Max Eluard vieram a Lençóis estudar o que era Pedagogia Griô, conviver uma semana nas atividades de formação do Projeto Griô e participar de caminhadas do *Véi Griô* em Lençóis (CAMINHOS..., 2001).

Estava intenso o mergulho pela rede de tradição oral e pela rede de professores e professoras do ensino público do município de Lençóis. As partilhas com Líllian sobre as minhas aprendizagens, a elaboração feita por ela, os alicerces da Pedagogia Griô se concretizando me encantavam.

Um dia o *Véi Dunga* passou a me dizer que “*O Véi Griô tinha que ficar sério.*”. Era mais uma das suas frases curtas e diretas cheias de significados, mas com códigos ainda a serem entendidos. A depender do meu movimento de encaminhar a mensagem dita, ele continuava repetindo em outros contextos: “*O Véi Griô tem que ficar sério*”. Algumas vezes ele pegava a chave da aldeia, o salão dos santos, me chamava com um gesto pra seguir ele até lá. A sandália ficava na porta de entrada. Eu já entendia que algum cuidado seria encaminhado: “*Tu vai vestir o Véi Griô mais sério, até pras horas de brincadeiras e estripulias. E tá guardado contigo o que tem de véi antigo pra ele.*”.

Retornei pra casa naquele dia com esta frase se repetindo e com a imagem da camisa e da calça branca que eu vestia pra saída do *Véi Griô*. Cheguei em casa e meu impulso direto foi vasculhar o guarda-roupa do quarto, quando encontrei guardado o paletó que eu havia usado quando estive trabalhando na empresa de auditoria e consultoria Arthur Andersen. Havia me despedido de muitas bagagens quando me mudei de Salvador pra Lençóis, mas por algo inexplicável trouxe o paletó que usei no meu último trabalho. Ficou num canto do guarda-roupa pendurado, algumas vezes questionado por Líllian: “*Por que tu guarda isso?*”. Eu respondia: “*Não sei, deixa ele aí. Eu tenho na minha mente que eu ainda vou precisar vestir ele.*”.

Na minha memória de infância, as imagens de *Seu Osório da Poça*, político de tradição oral de Dom Basílio, saindo de paletó da sua casa na zona rural, um homem de palavra, homem

do campo, que lutava contra a ditadura; na minha memória de adolescente, o paletó que Krenak pintou no Congresso Nacional, um homem de palavra que luta por seu povo na Constituição Brasileira. O paletó voltou e se transformou, inicialmente com uns poucos fuxicos de retalhos, mas com o tempo ganhando desenhos das rodas de crianças, professoras e professores da rede pública que participavam do primeiro ciclo de formação que realizamos no município de Lençóis, em 1998. Eram os ensinamentos da frase dita por *Véi Dunga* ganhando sentido, integrando o significado do sério com a leveza e a brincadeira.

Depois de reencontrar o *Véi Griô* com seu paletó e chapéu enfeitados de fuxico e pinturas, o *Véi Dunga* lhe acompanhou pra uma vivência no espaço da escola da comunidade. Foi um momento de muita celebração, com brincadeiras, histórias e cantorias. No outro dia, o *Véi Dunga* me chamou pra entrar na sua aldeia: “*Tu recebe o que tu tem pra receber, conta o que tu tem pra contar e guarda segredo pra o que tem de guardar...*”. Neste dia me entregou um patu’á de proteção indígena pro “*Véi Griô: isso aqui é pra ser guardado, não tem o que mostrar. É do teu encantado índio guerreiro.*”.

Com as crianças, o *Véi Griô* aprendeu a jogar pião, que passou a levar pendurado em sua vestimenta. Da parteira e costureira Dona Bela recebeu uma serpente de pano, costurada no paletó onde se veste o braço. Do pé da serra de Dom Basílio, uma concha, as sementes do jatobá, imbu e juá. O *Véi Griô* foi se tornando fruto de uma construção comunitária que legitimava o lugar sagrado do encantamento, do vínculo com a ancestralidade e da expressão da identidade nas lutas pelos direitos sociais, políticos e educacionais de cada povo com quem aprendeu e caminhou.

A visão do *Véi Dunga* ia se concretizando: “*Desta plantação vai ter colheita, meu fi. Muita gente vai entrar nesta roda, o griô não é um projeto, o griô é missão pra vida toda de vocês, é compromisso com os encantados.*”. Do universo da rede de tradição oral da região do município de Lençóis, os fios e pontos foram sendo tecidos em várias ações e projetos pra uma caminhada em outros cantos. Quando sentamos pra tecer um *maio* na sombra da frondosa mangueira do terreiro de *Dona Leonor*, na comunidade quilombola do Remanso, aprendemos que a cada ponto tecido pelos fios da rede de pesca um novo tempo se cria.

Em 2007, na minha passagem do terceiro pro quarto ciclo de treze giros da terra pelo sol, depois de caminhar por muitas escolas de aldeias indígenas, comunidades quilombolas e de terreiro, comunidades rurais e de assentamentos, periferias dos maiores centros urbanos do Brasil, escolas e palcos da região da Galícia, Espanha e por aldeias do Mali, África, participamos de um momento político de grande mobilização nacional e execução do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura do Brasil (MinC). Eu e Lillian participamos na

formulação do conceito do Programa com a criação e coordenação de um dos seus pilares, a Ação Griô Nacional. No final de 2007, assumimos o compromisso de mediar a abertura do II Encontro Nacional da Rede dos Pontos de Cultura do Brasil, realizado no Palácio das Artes, Belo Horizonte, com o então Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (Figura 12) (GRÃOS, 2010).

A noite foi aberta depois de as autoridades entrarem no palco, composto pelo dramaturgo Augusto Boal, o prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel, o secretário do MinC Celio Turino, o ministro da cultura Gilberto Gil e o presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva. Da porta de entrada do imenso auditório entrou pelo meio dos participantes um cortejo conduzido pelo *Véi Griô* com Griôs Aprendizes, mestras e mestres griôs de tradição oral da Rede Ação Griô Nacional, cantando um congado que eu havia aprendido com mestre *Dirceu*, de Justinópolis, Minas Gerais:

*Ô lua nova  
Cadê a lua cheia  
Ô lua nova  
Cadê a lua cheia  
Griô já vem chegando  
Vai deixar rastro na areia*

O cortejo cantou até chegar ao pé do palco, para onde o *Véi Griô* subiu pra mediar a noite. Saudou as mais velhas e os mais velhos e abriu com um coco que eu havia aprendido com Biu do Côco, de Aliança, Pernambuco:

*Tava na beira da praia  
Pra uma promessa pagar  
De longe eu ouvi um grito  
Da minha mãe Yemanjá  
Ô barqueiro cadê teu barco  
Que o vento veio e levou  
Que dorme em cima do barco  
Não é um bom pescador*

O Ministro Gilberto Gil não se conteve e se levantou pra cantar junto com o *Véi Griô*. Entre um canto e uma louvação, o *Véi Griô* foi mediando as chamadas de falas de cada autoridade. Pra chamar o secretário do Ministério da Cultura, Célio Turino, o *Véi Griô* fez um canto e em seguida louvou:

*Foi seu avô José Turino  
 Que lhe trilhou pela fartura  
 Vender empadinha aos 10 anos  
 Foi sua primeira formatura  
 Um visionário desde menino  
 Quem fala agora é Célio Turino  
 O herói dos Pontos de Cultura*

Pra louvar o Ministro da Cultura Gilberto Gil, o *Véi Griô* também trouxe mais um canto e em seguida louvou:

*Gilberto Passos da Bahia  
 Passos deu pelo Brasil  
 Do acordeon caiu na bossa  
 Quando João Gilberto ouviu  
 Reinventor, foi tropicalista  
 Ajunta o político e o artista  
 Nasce o ministro Gil*

Pra louvar o Presidente da República e sua ancestralidade, o *Véi Griô* cantou um porancim que eu aprendi com a educadora indígena Nádia Akawã Tupinambá e o Cacique Ytajibá Tupinmbá:

*Ô Mucará  
 Mucará, Kriocá  
 Ô Mucará  
 Mucará, Kriocá*

Em seguida, a louvação:

*De Garanhuns, em Pernambuco  
 Do povo Kaeté tem sangue forte  
 Aos 10 anos num pau de arara  
 Pra Guarujá trilhou seu norte  
 Foi engraxate de muita gente  
 De metalúrgico a presidente  
 Com o povo escreve a sua sorte*

Criei a Louvação Griô como prática da Pedagogia Griô inspirada nas diversas tradições orais do Brasil e também no ritual de louvação dos *Griots* do Mali, África do Oeste, onde vivenciei uma iniciação em famílias tradicionais de *Griots* da região. Em suas histórias e

louvações, os *Griots*, ou *Djeli*, em bambara, contam as lutas e glórias de antepassados e das representações do seu povo que ocuparam os reinados. A história mais contada e louvada é a do rei Sundiata Keita, que unificou os povos da região pra criar o Império do Mali, um dos maiores da África (CAIRES, 2014).

Como protocolo de segurança pra ter permissão de proximidade ao Presidente da República, recebi um *broche* especial pra ser colocado no paletó do *Véi Griô*. Na inspeção de entrada ao Palácio das Artes, em torno de quatro horas antes do encontro, depois de passar a viola, o tambor e o chapéu, o segurança pediu pra eu tirar tudo que tinha dos bolsos do paletó do *Véi Griô*. Então eu disse a ele: “*Posso não Seu Segurança! aqui dentro tem coisa sagrada que me foi dito pra não mostrar.*”. Depois de algumas conversas, a coordenação da segurança foi chamada pra resolver o impasse. Com muito cuidado me disse: “*Meu senhor, isso aqui é procedimento protocolar.*”. Então respondi a ele: “*Pois é pra mim também. Não posso quebrar minha palavra.*”. Sugeri chamar alguém do Ministério da Cultura e veio o próprio secretário Célio Turino. Fiquei junto ao paletó estendido na mesa acompanhando os argumentos de Célio para a coordenação da segurança do presidente. Enquanto ele falava, percebi que do bolso inferior do paletó começou a sair uma formiga, acompanhada por outra e mais outra e várias outras, numa sequência enfileirada pela mesa. O segurança mais próximo olhou aquela cena e chamou o coordenador, que com os olhos esbugalhados não disse nada, apenas com um gesto da cabeça deu um sinal de permissão e os segredos que o *Véi Griô* carrega não foram mexidos. A partir daquele dia o *broche* presidencial se tornou mais um patuá na vestimenta do *Véi Griô* e compartilho aqui um canto que aprendi no ritual de caminhada do povo indígena Tupinambá de Olivença do qual participei, que acontece todo mês de setembro, da Vila de Olivença até a Praia do Cururupe, em Ilhéus. O Cacique Ramon Ytajibá Tupinambá e Nádia Akawã Tupinambá me contaram que a caminhada é feita em memória de parentes mortos por uma chacina do governador colonizador Mem de Sá e em memória do líder caboclo Marcellino José Alves e seus parentes pela luta contra os coronéis do cacau:

*Pisa ligeiro, pisa ligeiro*  
*Quem não pode com a formiga*  
*Não assanha o formigueiro*  
*Ôi quem não pode com a formiga*  
*Não assanha o formigueiro*

*Pisa ligeiro, pisa devagar  
Quem não pode com a formiga  
Não assanha o mangangá  
Ôi quem não pode com a formiga  
Não assanha o mangangá*

**Figura 12** – Abraço do Velho Griô com o presidente Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) durante a Ação Griô Nacional



Fonte: Fotografia participante do Encontro Nacional da Rede dos Pontos de Cultura do Brasil durante a Ação Griô Nacional, [s.n], 2007.

## 11 GWATÁSARA

Como semente que brota pela continuidade da vida e sendo rama, como dito por *Véi Dunga*, ou o sangue que circula, símbolo do nome *Djeli* na língua Bambara, as aprendizagens foram vindo no caminho ao caminhar, ou *Gwatásara* na língua tupi. Uma jornada vinculada à ancestralidade é feito crescimento em espiral, em ciclos que retornam àquilo que nos faz crescer, nos faz pertencentes. Aquele que ensina aprende com quem ensinou. As palavras ouvidas vão sendo costuradas em histórias, cordéis, segredos sagrados, práticas vivenciais, criação e ocupação de lugares sociais.

Retornei por várias vezes à casa de *Seu Isidoro* na comunidade rural de Ingazeira, Lençóis, Bahia, uma comunicação mantida inclusive por trocas de bilhetes feitos à mão. *Seu Isidoro* viveu algumas vezes o símbolo da caminhada, que envolvia a chegada na comunidade cantando, a aprendizagem das histórias do lugar, a vivência na escola, a contação de histórias e a despedida. Depois que ele me contou a história da pintura rupestre que ele acompanha desde menino num lugar da serra, próximo de onde ele mora, as luzes que via piscando do alto da serra, as histórias contadas pelas pessoas mais velhas sobre o povo indígena que tinha vivido por ali, fizemos a última caminhada com o *Véi Griô* contando a sua história na escola e cantando uma cantiga ensinada por ele:

*Ingazeira morava umas índias*

*Resolveram mudar*

*Moravam num lapeiro*

*Deixou escrito um letreiro*

*Fazendo a gente se a lembrar*

*Ô india, ô india*

*Que bonita morena*

*Com sua saia de pena*

*Nunca mais vai voltar*

*Tanto verso que sabia*

*Veio o vento e carregou*

*Para amar e querer bem*

*Na memória índia ficou*

Por iniciativa própria, *Seu Isidoro* passou a caminhar sozinho pelas escolas da região, repetindo o ritual vivido com o *Véi Griô*. Ele dizia que havia entendido a responsabilidade em manter vivo tudo que tinha aprendido.

*Seu Antonio Professor* é conhecido por este nome por ter assumido o lugar de professor e inventado uma escola numa época em que ainda não tinha chegado a escola formal em sua comunidade. Hoje já não está em vida entre nós, mas, depois de realizar algumas caminhadas com o *Véi Griô* pela comunidade rural de Água Boa, Lençóis, fez esta cantiga tocada em seu violão:

*Velho Griô, meu companheiro*

*Que apóia toda nação*

*Velho, mocinho ou criança*

*Ele não despreza não*

*No local que ele trabalha*

*Ajudando o professor*

*É uma missão muito importante*

*Para o Velho Griô*

*No projeto educativo*

*Criou o Projeto Griô*

*É desenvolver todas as culturas*

*E cada qual com o seu valor*

*Da cultura do reisado*

*Repentista ou trovador*

*Estão sendo bem apoiado*

*Pelo Projeto Griô*

Quando mostrei a Robertinho um cordel que fiz para as mestras e mestres griôs no lançamento da Ação Griô Nacional, dias depois ele me enviou a cantiga que se segue, feita por ele em resposta ao cordel, que passou a integrar o repertório do grupo de forró da comunidade quilombola do Remanso:

*Relembrando e colhendo sabedoria*

*Alegria música e verso tem valor*

*Protegendo este povo brasileiro*

*Já dizia Mestre Dunga sambador*

*Alegria traz o coração da gente  
Capoeira, repentista, sonhador  
Esta rede é uma paixão que se recria  
Nasce um sonho mais perfeito do amor*

*Tem que ser Griô  
Tem que ser Griô  
Como as pedras no riacho se encontrou  
Tem que ser Griô  
Tem que ser Griô  
A cultura o universo aprovou*

*Dona Nice*, da Comunidade de Baixão, município de Ibicoara, Chapada Diamantina, me contou a história da serpente Salturi debulhando feijão no seu terreiro. No outro dia, ela caminhou com o *Velho Griô* pra contar a história pra sua comunidade na escola pública do município. Reconto a história aqui, pela escrita, com acréscimos da minha aprendizagem:

*Ela acordou de um sonho com serpentes cantarolando uma cantiga:*

*Salturi, Salturi  
Salturi Maiado Salturi*

*Vivia o primeiro grande ciclo de 13 giros da terra pelo sol e em cada um desses giros a lua havia girado 13 vezes pela terra.*

*Salturi, Salturi  
Salturi Maiado Salturi*

*Cantou esta cantiga diante de uma grande pedra e viu SALTURI lhe aparecer como serpente, rastejando lá do fundo da toca ao encontro dela. Sem medo, cuidou de SALTURI e lhe deu alimento. A partir daquele dia, ela voltava diariamente pra junto daquela pedra e cantava pra chamar SALTURI:*

*Salturi, Salturi  
Salturi Maiado Salturi*

*A Serpente saía do fundo da toca e deslizava num movimento sinuoso até ela, que lhe ofertava alimento e acompanhava a serpente retornar para a sua morada. Passou a perceber que suas emoções e sentimentos mudavam enquanto a lua se movimentava. Se sentia mais recolhida quando a lua demorava a aparecer e tinha vontade de celebrar e dançar quando a luz da lua iluminava o céu. Seu corpo se transformava. Suas mudanças passaram a despertar a atenção do seu pai, que a questionava sobre sua postura, mas não lhe entendia. Manteve seu segredo e o encontro frequente com a serpente:*

*Salturi, Salturi*  
*Salturi Maiado Salturi*

*Assim que ela cantava, a serpente surgia da toca de pedra e recebia o seu alimento. O seu pai desconfiado passou a seguir seus movimentos, até um dia descobrir o seu segredo. Irado com a situação, seu pai foi escondido até a pedra, mas a serpente não saía da toca. Entendeu que precisava aprender o canto de chamada a SALTURI. Seguiu a sua filha por várias vezes até ter a melodia do canto afinada. Ele cantou a SALTURI:*

*Salturi, Salturi*  
*Salturi Maiado Salturi*

*Quando a serpente saiu da toca pelo encanto da cantiga, ele num golpe mortal atingiu SALTURI. No outro dia ela cantou a cantiga:*

*Salturi, Salturi*  
*Salturi Maiado Salturi*

*Mas SALTURI não saía da toca. Ela insistia:*

*Salturi, Salturi*  
*Salturi Maiado Salturi*

*E nada de SALTURI aparecer. Seu corpo foi tomado por uma dor e furiosa confrontou o seu pai. Ela enfim entendeu a traição e chorou, chorou, chorou. Tudo ao seu redor muchou, mas ela resistiu, rompeu com tudo e saiu pra conhecer o mundo pelo seu olhar...*

Pra Mãe Rosa, depois de uma série de caminhadas em escolas e comunidades, escrevi este Cordel:

Um clarão de estrela anunciou  
A hora do parto de Dona Etelvina  
Eram mil e novecentos e vinte e oito  
Festa de Reis na Chapada Diamantina  
De Três Varões veio uma parteira  
Das folhas bênção da benzedeira  
Pro nascimento de RosaLina

Enquanto ao mundo chegava Rosa  
Ao longe os Reis já se ouvia  
De casa em casa eles cantavam  
Seguindo o rastro da estrela guia  
O povo logo veio alarmar  
Pro Reis na casa não cantar  
Pois Etelvina ali paria

Cantar Reis não é pecado  
São José também cantou  
Etelvina não viu problema  
E em sua casa o reis entrou  
Então pra Rosa virou lei  
“No samba nasci e me criei  
No samba morrer eu vou”

Com o passar das roças  
Menina Rosa se criava  
No povoado do Remanso  
Seu saber se transformava  
Não tinha escola formal  
O dia-a-dia colava grau  
Memória viva que gerava

Aprendeu renda de bilro  
Fiar linha no fuso de algodão  
Do algodão fazer xarope  
Curar gripe e pulmão  
No Marimbus ia pescar  
Jogando o maio e o muzuá  
Cantar ciranda celebração

O que Rosa mais gostava  
Era brincar de casinha  
De mulher pra mulher  
Mói a massa de farinha  
Seu destino prometeu  
E costurando aprendeu  
Cantiga da Tesourinha

Pedir bênção pros mais velhos  
Sempre foi sabedoria  
Junto com seu pai João  
Ia pra roça todo dia  
Plantou milho e batata  
Mesa de comida farta  
Da terra de tudo fazia

Dava a mão à palmatória  
Êta coisa que doía!  
Batida de pai João  
Era raro, mas ardia  
Até preferia o cipó  
ou correria, o que é pior?  
Pior que palmatória não existia

Na terça Rosa seguia o pai  
Que garimpava sem preguiça  
“Se casar menina moça  
Dava do sabão à missa”  
Pra pegar um diamante  
Junta pedra faz o monte  
Até mosquito enfeitiça

Diamante encontrado  
Bambúrrio de alegria  
Pai João mostrava a Rosa  
Pro patrão ele vendia  
É o sustento da feira  
A comida era primeira  
Na família repartia

No trabalho tinha cantiga  
Da farinha e da colheita  
Noite de cantar de roda  
Muito cedo não se deita  
Rosa de tudo cantava  
Seu Binô é quem tocava  
Oito baixo se deleita

Saiu da boca do povo  
Que Rosa tinha enamorado  
O seu nome era Domingo  
Conhecido Catatacho  
Pai João não aprovou  
E Rosa de casa arretirou  
Pois seu nome era falado

Foi pra casa de Domingo  
Pra falar do acontecido  
Perguntou: “e tu já sabe?”  
“já chegou a meu ouvido”  
E agora o que falar?  
Então vamos nos casar  
Fica o dito e ocorrido

Foi na igreja do Remanso  
Que o casório aconteceu  
Tinha padre uma vez no ano  
E por isso prometeu  
Vários noivos se juntaram  
E numa missa se casaram  
Nove dias de festa amanheceu

O Domingo Catatacho  
Era homem de respeito  
Conta o povo mai sabido  
Que até da chuva dava jeito  
Se farinha ele trouxesse  
Molhava tudo que tivesse  
E a farinha nada feito

O mistério de Domingo  
Quem não viu até duvida  
Se viesse uma pessoa  
Para ele não querida  
Até moita ele virava  
E a pessoa ali passava  
Sem ver rastro de sua vida

Era um tempo de seca  
Que assolava a região  
Filho com fome não dorme  
Corpo de mãe dor de cão  
A procura de acalanto  
Foi buscar um outro canto  
E no garimpo salvação

O café de seu marido  
Rosa pro rio levava  
Desespero todo dia  
Onde Domingo garimpava  
Mas numa noite, numa visagem  
Veio um sonho sem paragem  
Duas corais lhe encantava

Acordou no outro dia  
Carregada de emoção  
Procurou seu pai de santo  
Pra lhe dar uma explicação  
Pedro disse: “cobra coral é diamante  
No teu sonho tem brilhante  
Siga a sua intuição!”

Quando Rosa contava sonho  
Domingos logo lhe seguia  
Foi pro rio garimpar  
onde as cobras lhe aparecia  
Garimpou dois dias no rio  
Foi no terceiro que surgiu  
O que o sonho lhe previa

Era o mito garimpeiro  
 Que seguia adiante  
 A cada estrela no céu  
 Na terra tem seu brilhante  
 Cada pedra tem seu dono  
 Está formado o triângulo  
 Estrela, homem, diamante.

(Cordel de Márcio Caires, no livro *O Mito do Diamante*. PACHECO, 2014)

Por volta do ano 2007, momento em que eu caminhava pelo Brasil pelo Programa Ação Griô Nacional (GRÃOS DE LUZ E GRIÔ, 2017b), vivi um ritual de roçado com o povo indígena bororo. Na divisão dos trabalhos logo no início da manhã, uma parte das pessoas já pegava as enxadas diretamente pro roçado. Outra parte do grupo cavava um buraco na terra com dois passos de comprimento por um de largura, fundo até a cintura de um adulto. Alguns juntavam as cinzas com carvão do fogo do café, outros preparavam o peixe e a batata em palhas de bananeira, colocadas no buraco entre as camadas de terra e carvão. Estava feito o forno de cozimento submerso. Lá no roçado todo mundo também tinha a sua função, inclusive aquele que ficava o tempo todo contando história, brincando com quem puxava a enxada, entre momentos de risada coletiva até silêncios de atenção a algum detalhe dito. Um momento encantador pra mim, quando vivenciei pela primeira vez na tradição dos povos indígenas este lugar de guardião das histórias, animador das palavras, cuidador do espírito brincalhão, estimulador da alegria e da risada.

Quando estive em Campinas conheci *Seu Geraldo Tartaruga*, de São Luiz do Paraitinga, da tradição do congado e um cantador de histórias do dia a dia caipira, uma tradição de gerações da sua família. *Seu Geraldo* era artesão e também contava histórias de assombração com bonecos e pinturas em cabaças. Estávamos num encontro organizado pela Ponto de Cultura Nina Griô e teve um momento em que foi feita uma roda de conversas numa fogueira. *Seu Geraldo Tartaruga* ficou no seu quarto, mas fui até lá pra conversar com ele e convidá-lo pra participar da roda. *Seu Geraldo* tem um tempo de conversa próprio. Aos poucos fui chegando neste tempo e logo nos vinculamos. Fui com ele pra roda da fogueira e ficamos ali escutando as conversas. Criamos uma comunicação entre nós, com um tom de voz bem baixo e lento. Teve até um momento em que o grupo pediu a *Seu Geraldo* pra contar uma história, mas a conversa estava num outro tempo e antes de *Seu Geraldo* falar o grupo já havia puxado outro assunto. Continuamos nós dois em conversas curtas e paralelas ao grupo, até que ele me mostrou a fogueira e disse baixinho: “*Tu quer que eu te ensine a virar fogo?*”. Fiz um silêncio diante da fala dele e disse: “*É possível mesmo Seu Geraldo?*”. No tempo dele, veio a resposta: “*Se tu*

*duvida, não é possível.*”. Afirmei pra ele: “*Duvido não, Seu Geraldo.*”. Aí ele chamou: “*Tu tá pronto?*” Respondi: “*Sim, Seu Geraldo!*”. E ele continuou: “*Então vou te ensinar, mas tem uma condição.*”. Eu pedi pra ele dizer a condição: “*Vou te dizer umas palavras e tu não pode falar pra ninguém.*”. Me comprometi com o segredo e depois de um tempo de silêncio ele me contou as palavras pra virar fogo. Nunca compartilhei com ninguém, mas foi assim que aprendi a *invurtar*, virar moita.

Como resultado da conquista do primeiro lugar no prêmio Itaú/UNICEF recebido pelo Projeto Grãos de Luz e Griô em 2003, entre mais de mil e oitocentos avaliados em todo o país, a instituição recebeu o convite em 2004 para apresentar uma Aula Espetáculo representando o Brasil no Festival Internacional de Cultura e Folclore em Guarujá, São Paulo. Fizemos esta viagem de ônibus com 28 participantes da rede do Projeto Grãos de Luz e Griô, entre crianças, adolescentes, jovens, educadoras e mestras e mestres griôs. Foram vários países participantes, mas a relação do nosso grupo com o grupo da Galícia, Espanha, gerou um vínculo de afeto e cumplicidade que foi além do Festival. Em 2005, as famílias do grupo galego articularam recursos suficientes para 26 passagens aéreas e todo o gasto com hospedagem e alimentação para o nosso grupo apresentar a Aula Espetáculo no Festival de Naron, Galicia. Em 2007 retornamos à Espanha para participar novamente no Festival e em 2008 foi a vez do grupo de Naron visitar o Brasil, convivendo alguns dias nas atividades do Grãos de Luz e Griô em Lençóis. Neste período foi formalizada a instituição LENA (Lençóis Naron), com sede em Naron, criada por famílias da região da Galícia com o fim de articular recursos para o Projeto Grãos de Luz e Griô. Em 2012, por articulação dessa nossa parceria, fui convidado individualmente para participar do Festival Internacional de Narracion Oral, realizado na região da Galícia, entre Naron e Ferrol. Foram trinta dias de convivência com pessoas narradoras de histórias de vários países, dentre eles Colômbia, Venezuela, Cuba, Cabo Verde, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e outros. Foram várias apresentações em teatros, escolas e bibliotecas da região da Galícia, mas sempre fazíamos encontros mais informais pra conhecer e trocar informações sobre a história de vida de cada narrador e narradora oral. Eu era chamado carinhosamente pelo nome de “índio latino”. O fechamento do festival foi realizado na província de Las Palmas, município de Agüimes, Ilhas Canárias. Na programação, umas das noites se chamou “La noche de Mali”, com a apresentação da minha aula espetáculo “Histórias do Encantado”, seguida por um artista do Mali, África, chamado Hamadoun Tadina, com a apresentação chamada de “La música de las palabras”, tocada com a Kora, um instrumento tradicional dos *griots*. Não havíamos nos encontrado antes. Ele assistiu a minha aula espetáculo e em seguida assisti a apresentação dele. Foi uma noite mágica. Conte histórias da minha

caminhada como Griô Aprendiz pelo Brasil e também pelo Mali e ele contou histórias do seu povo ao som da Kora. Ao final, saímos para um jantar entre as pessoas convidadas e a produção do evento, quando seria celebrada a noite com o prato mais tradicional da região: o cuscuz marroquino. Éramos em torno de vinte pessoas e aguardávamos o jantar sentados numa longa mesa. Eu já estava acostumado a me chamarem de “índio latino”. Me sentia honrado, principalmente por ter sido uma criação deles e delas. Em um instante, Hamadoun Tadina se levantou e pediu silêncio. Solicitou também que alguém traduzisse suas palavras, já que ele falava francês. Retirou de sua bolsa um colar de conchas e manteve em suas mãos. Ele falava algumas frases e em seguida era traduzido: “*Ao sair do Mali busquei um mais velho para pedir permissão e proteção para esta viagem. Me encontrei com um griot e ele me entregou este colar. Ele me disse: ‘Este é o colar de sua proteção, mas se você encontrar um outro griot em sua caminhada, entregue a ele e conte esta história.’*”. As pessoas da sala acompanharam num silêncio profundo e com muita atenção aos detalhes das palavras ditas. Num gesto bem solene pediu pra eu me levantar. Fiquei surpreso, mas atendi ao seu pedido. Na sala somente eu, ele e a pessoa que traduzia estavam de pé. Se dirigiu a mim e pediu pra eu ficar de costas. Foi lentamente até o meu pescoço, colocou o colar e disse: “*Nesta noite eu senti a magia viva de um griot durante a apresentação do Márcio no teatro. Eu encontrei um griot. E pra cumprir com o mandato do mais velho que me deu proteção pra esta viagem, entrego ao Márcio, o nosso índio latino, este colar usado pelos griots tradicionais do Mali.*”. Ao final destas palavras, as pessoas se levantaram conjuntamente e saudaram com palmas (CAIRES, 2012).

## 12 UM PÉ NO TERREIRO E OUTRO NA POLÍTICA

Logo no início da fundação do Projeto Grãos de Luz, o meu lugar de mediador político foi novamente se estabelecendo e talvez seja este o momento de concretização da minha trajetória. E aqui saúdo e louvo um grande mestre da Ciência Política que tive a honra de conviver a partir de 1998: Professor Elenaldo Teixeira, que já fez sua passagem. Ele foi professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH-UFBA). Foi por ele que ouvi sobre os conceitos de política de participação social, conselhos municipais, orçamento participativo. Acompanhei o professor Elenaldo em várias palestras pelo sertão da Bahia, principalmente na região de atuação da ONG Movimento de Organização Comunitária (MOC). Ele não só apresentava os conceitos, mas também incentivava a ocupação dos espaços políticos. Foi com o seu acompanhamento que reestruturei o Conselho Municipal de Educação de Lençóis e ocupei a presidência. Foi com a sua orientação e minha experiência de consultoria que me sentei várias vezes com uma enorme quantidade de pastas da prefeitura de Lençóis para revisão das contas públicas. Um dia, ao final de um seminário, ele me chamou num canto e disse um ensinamento que marcou a minha visão de mediação política: *“Márcio, na política pública temos que saber identificar as pessoas que devemos nos aliar, as pessoas que devemos deixar passar e ficar com os olhos atentos aos seus movimentos, as pessoas que devemos simplesmente ignorar, neutralizar, não gastar energia, e por fim aquelas que devemos realmente confrontar”*. Tivemos a honra de ser referência no artigo de sua autoria “Participação na Sociedade Civil Global” (TEIXEIRA, 1999).

Por volta de 2011, eu estava imerso no processo de mobilização e mediação política da Rede Ação Griô Nacional, momento em que já havíamos envolvido na rede 130 projetos pedagógicos de diálogo entre a tradição oral e a educação formal, mais de 700 griôs e mestres bolsistas de tradição oral do Brasil, 600 escolas, universidades e outras entidades de educação e cultura e 130 mil estudantes de escolas públicas (PACHECO; CAIRES, 2009). Através da minha mediação política, a minuta de Lei Griô havia sido uma das oito propostas mais votadas na Conferência Nacional de Cultura, depois de um amplo processo de mediação que realizei em conferências municipais, territoriais e estaduais. Estávamos coletando assinaturas do Projeto de Lei Griô em vários estados do Brasil pra termos representatividade nas conversas com a Frente Parlamentar em Defesa da Cultura do Congresso Nacional. Há poucos dias de fazer mais uma viagem pra Brasília, procurei o *Véi Dunga* pra falar sobre uns sonhos com cobras. Ele me disse: *“Meu fi, as cobras são proteções de muita coisa forte que te arrodeia”*. Me levou na

aldeia e preparou vários cuidados espirituais. “*Teu guia índio guerreiro é mais forte do que tudo. A força dele é da mata. Tome uns banhos de proteção que vou te passar e siga o caminho. Estarei aqui pra cuidar.*”

Era desta forma que o *Véi Dunga* tomava conhecimento das minhas caminhadas, desde o período em que estive na articulação local com a rede de professoras e professores do ensino público de Lençóis e na presidência do Conselho Municipal de Educação. Através das formações da Pedagogia Griô, fomos trabalhando princípios do diálogo e mediação política com os professores e professoras, o que gerou como resultado a formação de uma associação da classe local e a negociação do Plano de Cargos e Salários do Município de Lençóis. Com a rede das comunidades tradicionais, mediei a construção do Projeto de Lei que cria o Sistema Municipal de Cultura de Lençóis, envolvendo uma série de encontros e estudos de referências que havia construído em minha gestão como presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. Na solenidade de entrega do Projeto de Lei do Sistema Municipal de Cultura para a Secretária de Cultura e Turismo do município de Lençóis, com a presença de mais de 50 representações de grupos e comunidades, *Robertinho do Remanso*, uma liderança quilombola que foi se formando nos acompanhamentos de vários projetos em parceria com o Grãos de Luz e Griô, me disse: “*Você é a nossa referência pra fazer política porque tu tem um pé aqui no terreiro e sabe colocar o outro pé lá dentro da casa dos home*”. Esta mesma expressão de ter um pé no terreiro e o outro dialogando com os espaços do sistema político me foi dita tempos depois por mestre *Alcides de Lima* e mestra *Docí dos Anjos*, durante a mobilização da Rede Ação Griô Nacional.

Em função do meu lugar de participação e coordenação de políticas públicas no estado da Bahia e também em ações no nível federal, no final do ano de 2011 fui convidado pelo Secretário de Cultura do estado, Albino Rubim, pra compor o Conselho Estadual de Cultura da Bahia (TRILHA, 2012). Na segunda reunião do colegiado, algumas lideranças políticas se reuniram e me indicaram pra concorrer ao cargo da presidência, o que aconteceu no início do primeiro semestre de 2012. Foi na minha gestão que a Bahia teve a Lei do Sistema Estadual aprovada no estado, efetuamos uma ampla revisão do regimento interno, com ampliação da participação social; montei o Fórum dos Conselhos Municipais, estruturei o sistema de comunicação do Conselho, pra sair do olhar somente pra dentro e ampliar a relação pro externo. O conselheiro representante da linguagem do teatro, Marcos Uzel, dizia que era uma gestão pra “quebrar as paredes”. Outra conselheira era a mais velha Makota Valdina, liderança de religião de matriz africana na Bahia. Eu já conhecia Makota porque ela participou como bolsista da Rede Ação Griô Nacional e já tínhamos nos encontrado numa vivência da Pedagogia Griô

facilitada por mim. No final do primeiro ano da minha gestão como presidente do Conselho (CEC, 2013), depois dela acompanhar a minha postura de mediação política e abertura de diálogos para as pautas dos povos originários e comunidades tradicionais, fomos conversar em um dos intervalos de uma sessão plenária e ela me disse: “*Griô, tu representa a nossa resistência aí neste lugar. Estarei sempre aqui pra dar sustentação a este projeto. Conte comigo e com as forças de proteção que estão ao nosso redor*”.

Naquela época, sempre passava na Fundação Pierre Verger e na casa da *Ebomi Cici*, *Dona Cici* como é conhecida, pra uns momentos de prosa, pra ouvir suas histórias e contar sobre as sagas do universo da política. *Dona Cici* é uma carioca que veio pra Bahia em 1971 pra fazer o seu santo e acabou cuidando do acervo e da velhice do famoso fotógrafo Pierre Verger, “meu pai Fatumbi”, como ela o chama. Foi a pessoa mais próxima de Verger na organização de seu acervo de milhares de fotos. *Dona Cici* conta que foi um período de muita aprendizagem sobre a mãe África e muitas trocas também. Assim como Makota Valdina, ela foi bolsista da Ação Griô e reconheceu o Encantado do *Véi Griô* desde a primeira vez que o encontrou pra fazer uma caminhada pelo bairro até uma escola pública do Engenho Velho. Ouvia muitas histórias a cada conversa com *Dona Cici*. Tinham duas que ela me contava quando eu compartilhava pra ela situações da política: a história bem conhecida do escorpião que pede ao sapo pra atravessá-lo pelo rio, prometendo que não o ferroaria, mas ao chegar do outro lado o ferroa e justifica: “*Desculpe, mas é da minha natureza*.”. A outra história é a do galo, que reconto aqui, pela escrita, com acréscimos da minha aprendizagem:

*Có có ró cóóóó*

*Era um galo de uma casa de um senhor e de uma senhora da época em que os negros eram mantidos na violência racista da condição da escravidão. Lá os galos também falavam:*

*Có có ró cóóóó*

*Meu senhor, meu senhor, sabe o que a senhorinha anda fazendo enquanto o senhor estava fora?*

*Não dava nem tempo de falar. A Senhorinha pediu pra pegar o galo e logo em seguida já estava o pobre bicho na cozinha com o pescoço cortado*

*Passou o tempo e outro galo corajoso ousou cantar para o Senhor enquanto ele passeava com a sua Senhorinha pelo terraço da casa:*

*Có có ró cóóóó*

*Meu senhor, meu senhor, sabe o que a senhorinha anda fazendo enquanto o senhor estava fora?*

*Na mesma rapidez, a Senhorinha pediu pra pegar o galo e imediatamente foi degolado ali mesmo no terreiro.*

*Outro galo cresceu e este era frango quando o anterior havia sido degolado. Viu toda a cena acontecer com o seu antecessor. Em mais um desses momentos de passeio do casal pelo terraço da casa grande, ao longe se ouviu o cantar do galo:*

*Có có ró cóóóó*

*Meu senhor, meu senhor, sabe o que a senhorinha anda fazendo enquanto o senhor estava fora?*

*A Senhorinha deu um salto e já enviou uma pessoa pra repetir o destino dos outros galos bisbilhoteiros, mas antes de ser pego o galo continuou:*

*Có có ró cóóóó*

*A senhorinha cuida de tudo, não só da casa como dos bichos, de toda a redondeza...*

*Num gesto com a mão a Senhorinha pediu pro seu enviado parar. Queria ouvir mais aquele galo:*

*Có có ró cóóóó*

*Ai, ai, e além do mais ela fala bem do Senhor por todo canto que passa, nunca deixa de lhe honrar...*

*No outro dia o galinheiro daquele galo estava mais limpo, arejado, mais amplo e com novidades além dos milhos jogados de sempre.*

*Có có ró cóóóó*

*Quem sabe a língua que tem, sabe o destino que o reserva...*

Nesta mesma época, como presidente do Conselho Estadual de Cultura, identifiquei que havia sido criado no final da década de 1990 um Fórum que reunia os conselhos estaduais de vários estados do Brasil, mas estava desativado por muitos anos. Iniciei uma mobilização destes conselhos estaduais e já em novembro de 2012 fui eleito por unanimidade, numa assembleia em Brasília, o presidente do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura do Brasil (ConEcta), numa parceria com a presidenta do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul, a musicista Loma Pereira, como vice. Assim como fiz no Conselho Estadual de Cultura da Bahia, também propus um Plano de Trabalho pra nossa gestão com o princípio da ação em rede. Articulei pra que algumas das reuniões fossem realizadas de forma conjunta com o Fórum de Dirigentes de Cultura dos Estados. Criei uma série de encontros do ConEcta pelo Brasil pra remobilização dos Conselhos Estaduais de Cultura e propus ao ministro da cultura da Bolívia,

Pablo Cesar Canedo, a criação do Fórum Latino-Americano de Conselhos de Cultura, durante o I Congresso Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária, realizado em La Paz, na Bolívia, no ano de 2013, com a presença de representantes de todos os países da América do Sul, da América Central, além de Cuba e do Haiti.

**Figura 13** – Márcio Caires com o Ministro da Cultura da Bolívia Pablo Cesar Canedo



Fonte: Encontro Latino-Americano Cultura Viva Comunitária, 2013. Acervo pessoal.

Em Natal, realizamos o Encontro Regional do Nordeste, em Macapá realizamos a regional Norte, em Cuiabá a regional Centro-Oeste e em Porto Alegre realizamos o Sul e Sudeste. Neste percurso fomos construindo uma Carta de Princípios dos Conselhos Estaduais de Cultura, e em cada encontro colocamos também como centro de discussão algum movimento das comunidades tradicionais e povos originários (CARTA, 2013).

No encontro em Macapá o ConECTa se posicionou a favor do movimento que acontecia no estado pelo reconhecimento da tradição do Marabaixo como patrimônio cultural. Participei e dancei, em conjunto com outras pessoas do encontro do ConECTa, numa celebração do Marabaixo numa comunidade tradicional da região. No ritual, os cantos eram lançados por uma mais velha que ficava sentada ao centro do salão com as pessoas dos tambores e a comunidade ao redor repetindo o canto e dançando em círculo.

Em Cuiabá, articulei pra que uma representação do povo indígena tukano participasse de nossa reunião plenária pra relatar as invasões às suas terras no estado do Mato Grosso. No salão de entrada antes da reunião, fui comunicado que a liderança indígena havia informado que se sentia insegura em participar, pois ali existia representações de fazendeiros invasores. Fiz uma reunião com ela e garanti a sua segurança naquele espaço. Neste dia conduzi a reunião em função desta tensão e vimos a liderança indígena falar de cabeça erguida sobre a violência e mortes sofridas pelos povos da região.

No encontro da regional nordeste do ConECTa, realizado em Natal, fiz uma viagem de um dia pro interior do Rio Grande do Norte, cidade de Pendências, em torno de 200 km da capital, pra conviver com Dona Dodôra Barbosa, conhecida contadora de histórias de assombração. Ela também foi bolsista da Rede Ação Griô e convivemos muito em outros momentos de mobilização da rede. Saímos caminhando pra ela me apresentar a cidade, os lugares da sua infância e pra conhecer suas amigas. Era uma celebridade na cidade, principalmente depois das atividades da rede Ação Griô: *“Nunca mais fui a mesma, meu filho, depois deste reconhecimento como griô. Sinto saudade dos nossos encontros!”*. Quando expliquei pra ela sobre o encontro que estava acontecendo em Natal da rede de Conselhos Estaduais de Cultura do Nordeste, ela me disse: *“Meu filho, quando o medo chegar mantenha seus pés no chão e lembre quem você é.”*. E ainda caminhando pelas ruas, ela completou: *conto história de assombração pras pessoas aprenderem a ter medo. Isso também é proteção.* (CONNECTA, 2020)

Também levei as experiências de políticas culturais e pedagógicas como Griô Aprendiz em trabalhos realizados em outros países: em oficinas e palestras na Bolívia, durante o Encontro Cultura Viva Comunitária, oficinas e abertura oficial da Conferência Nacional de Cultura do Peru, em várias oficinas no Encuentro de la Armonía, em 2016, organizado pela equipe da Plataforma Puente Cultura Viva Comunitaria de Medellín Valle de Abura, Colômbia, e nas reuniões de articulação do projeto de jovens em parceria com o Papa Francisco, num encontro no Vaticano.

**Figura 14** – Márcio Caires em Medellín, Colômbia, num ritual de Contação de Histórias no Teatro da Corporación Nuestra Gente



Fonte: Encuentro de la Armonía en Medellín, Colômbia, 2016. Acervo pessoal.

Princípios essenciais de participação social no processo de minhas aprendizagens como mediador político, cuidador de diálogos e facilitador de encontros: cuidar do poder da palavra e da escuta, a democracia do tempo e das representatividades; respeitar a diversidade dos povos, de todos os seres e expressões da vida; se aliar às questões de gênero, orientação sexual, lutas identitárias, o respeito às diferenças corporais e o combate a toda forma de violência do racismo, da intolerância religiosa e do patriarcalismo.

### 13 PASSAGEM DE CICLO: O CUME DA ONDA

Este item é o que seria a “Conclusão” numa organização mais comum de um texto dissertativo, no entanto, este meu trabalho contribui para a abertura de caminhos de uma longa jornada de enfrentamento e afirmação do universo da oralidade no espaço acadêmico. Representa a passagem de um ciclo para outro, portanto inconcluso.

Logo depois dos meus primeiros encontros com o *Véi Dunga*, quando ele já havia assumido um lugar de mestre e de iniciador diante de mim, em algumas situações eu ainda usava um pequeno gravador pra registro das nossas conversas e principalmente para os momentos em que ele cantava e tocava viola. Um dia ele me chamou e disse: “*Você não precisa disso, meu fi, tá tudo aqui, é só viver*”. Assim como outras pequenas frases marcantes do *Véi Dunga*, essa foi um marco para o meu processo de mergulho naquele tempo de convivência e comunicação. Fiquei tão envolvido que fui criando um distanciamento de várias atividades que exigiam a escrita no meu dia a dia, um sentimento que durou em torno de quatro anos, até eu novamente criar um equilíbrio entre as linguagens. Percebi o tanto que eu tinha diminuído em leituras de livros e escrita de textos. Vivi vários ciclos assim, onde me calo na linguagem escrita ou audiovisual. Então esta dissertação é simbólica no aspecto de trazer novamente pra escrita momentos de mergulho na oralidade.

Como a síntese é também um momento de passagem, vou contar uma história pra relacionar o Encantado do Griô Aprendiz e seu lugar de educador, contador de histórias e mediador político, o título deste trabalho.

Em novembro de 2019, quando Líllian Pacheco e eu estávamos coordenando, com práticas da Pedagogia Griô, a metodologia do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado na Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, me encontrei numa mesa de conferência com a escritora e liderança indígena Eliza Pankararu, que já ocupou cargo na diretoria do departamento responsável pelos currículos indígenas no estado de Pernambuco. Eliza foi nossa parceira no Programa Ação Griô Nacional como coordenadora do projeto do povo Pankararu. Enquanto ela me contava sobre a sua dissertação de mestrado, me veio à memória uma história sagrada que vivi com o seu povo quando eu caminhava pelos projetos da Rede Ação Griô Nacional, em 2006, na aldeia Logradouros, sul do estado de Pernambuco, próxima à divisa com a Bahia, na região de Paulo Afonso.

Peço permissão pra contar esta história a *Yuran* Pankararu, que me recebeu e guiou pelo seu povo, acompanhando inclusive uma atividade na escola facilitada pelo Encantado do *Véi Griô*. No dia anterior à chegada na aldeia, dormi na cidade de Paulo Afonso, ao norte da Bahia.

Acordei cedo e fui de carona até um ponto depois da divisa da Bahia com Pernambuco, onde me encontrei com *Yuran*. Durante a caminhada por uma região de mata e montanhas até a entrada da aldeia, ouvi atentamente suas histórias.

O povo Pankararu chega a quase dez mil indígenas e mantém a luta pela retomada de suas terras roubadas por invasores não indígenas daquela região. Ele me contou sobre os torés e toantes e os instrumentos do rabo de tatu e gaita. Depois de um tempo de convívio pela comunidade, ele me chamou num canto e me disse pra segui-lo, me guiando até chegar a um frondoso imbuzeiro: “*É a nossa árvore sagrada*”, disse *Yuran*, carregando em seu gesto e em suas palavras um tom de respeito e reverência ao descrever o ritual de corrida e flechamento do imbu, que acontece por gerações todos os anos ao redor daquela árvore. O primeiro imbu maduro do ano que for achado deve ser levado para o terreiro do poente. O achado se espalha pelo povo Pankararu e anuncia a realização da festa tradicional. O símbolo do flechamento do primeiro imbu maduro garante a boa qualidade da produção daquela época. Apontando para o terreiro, *Yuran* contou sobre a dança dos *Praíás*, que acontece no nascente e depois no poente, onde o imbu maduro é flechado. *Yuran* ainda contou sobre o puxamento do cipó, estendido na direção nascente x poente, um ritual que define a abundância de imbu daquele período. Fiquei encantado com a sacralidade que *Yuran* se referenciava àquele imbuzeiro, que para mim era de muita familiaridade. Meu olhar brilhava de alegria e da minha memória saltavam imagens da infância catando imbu entre uma diversidade de imbuzeiros de Dom Basílio, inclusive brincando de puxar corda. Em minhas lembranças, a nossa disputa de achar o primeiro imbu maduro e ainda dizer exatamente qual foi o pé de imbuzeiro, pois em Dom Basílio tinha a tradição inclusive dos pés receberem nomes.

Depois de um tempo ali, seguimos por uma trilha que saía da comunidade até avistar uma casa de taipa dentro da mata. “*É o mais velho da aldeia*”, me informou *Yuran*, chegando mais próximo do terreiro e me apresentando ao pajé. Ele nos levou pra dentro e nos acoramos. Eram poucas palavras, gestos intensos e eu me sentindo em plena comunicação e quietude. Com uma pequena faca numa mão, o mais velho cortava um pedaço de fumo de rolo, seguro pela outra mão. Contava de quando ele era pequeno e o que ouvia dos mais velhos e das mais velhas. Preparou o cachimbo com o fumo cortado, acendeu e *baforou* o ar. Por uma ou duas horas, não consigo prever exatamente, o cachimbo foi circulando entre nós três, ainda de cócoras, num tempo harmônico com a conversa e sob uma nuvem de fumaça. Num determinado momento, o mais velho se levantou, seguido por *Yuran*, e num movimento sincronizado e instintivo eu também já estava de pé. Senti o mundo rodar e busquei o apoio da parede pra me movimentar e seguir os dois até sair da casa. Respirei fundo o ar que soprava do lado de fora e olhei pro

horizonte da mata ao redor. Senti os pés feito raiz na terra, os dedos em garras, os batimentos do corpo se harmonizarem. O mais velho me abençoou: “*Nossa terra é tua casa agora, com a proteção dos encantados*”. Nos despedimos do mais velho e voltamos pra aldeia.

Durante a caminhada de retorno, contei esta história para *Yuran*: quando nascia uma criança em Dom Basílio, algumas famílias tinham o costume de dar o nome do recém-nascido ao imbuzeiro. Chegavam na fase adulta sabendo exatamente o imbuzeiro que levava o seu nome. “*Viu como está florido o imbuzeiro de Felicíssima? Este ano tá é doce o imbu de Manrosa!*”, eram os comentários. Quando morria alguém em Dom Basílio a comunidade parava para participar do velório e enterro. Não se discutia se ia ser feriado ou não. As aulas eram imediatamente suspensas e o pequeno comércio fechado. O sino da imponente igreja matriz do padroeiro São João tocava pra anunciar o dia de luto. O cemitério era cuidado feito um jardim de rosas e flores. Até o sétimo dia depois da morte de um mais velho ou mais velha, se esperava o espírito voltar em sonho pra dizer onde guardou o pote, uma espécie de tesouro. Prata, dinheiro, ouro, moedas, um imaginário de encontro e encanto com a riqueza e com o segredo do finado ou da finada. A pessoa escolhida espiritualmente por meio de sonho pra receber o pote podia aceitar ou não. Pra gente criança, na época, o espírito não vinha, mas sentíamos a ansiedade, o temor, o respeito e as apostas nos comentários do povo adulto: “*Tu já viu como Tõe tá esquisito?*” “*Foi Tõe não, o finado voltou pra entregar pra tia dele, aquela lá do Jatobá!*”. Depois de sete dias contados, andar pelos imbuzeiros tinha um mistério diferente, pois sempre era debaixo desta árvore tão abundante na região que o finado ou a finada voltava pra enterrar o pote. Quando a gente criança encontrava buraco em pé de imbuzeiro, saia de perto e nem comia os imbus dali por um bom tempo. A comunidade já vivia uma certeza: o pote já tinha sido tirado e a partir daí a conversa da cidade era pra saber quem tinha feito o pacto com o finado.

No dia seguinte o *Véi Griô* fez uma caminhada junto com *Yuran* pela aldeia até a escola, chegaram cantando, dançaram um toré de abertura, mais um toré de ativação, depois um toré de harmonização e uma roda de embalo até o momento da história do imbu. O *Véi Griô* e *Yuran* se despediram cantando e passaram pelo pé do imbuzeiro pra saudar a ancestralidade.

Esta história é uma referência pra minha afirmação de que fecho um ciclo na entrega deste texto e abro outro ciclo com a própria continuidade deste caminho. A busca da minha ancestralidade indígena continuará intensa e seguirei traçando o meu lugar nas lutas políticas pautadas por povos com os quais me relaciono, principalmente pela minha postura de mediação. A expressão da minha identidade está completamente relacionada à minha persistência em honrar os símbolos que me chegaram e continuam chegando. Pra chegar ao povo Pankararu, ter

a confiança de *Yuran* e ainda sentir a minha ancestralidade com as suas histórias contadas é resultado de uma longa caminhada, que envolve o lugar do educador, do contador de histórias e do mediador político. A teia de significados de símbolos da ancestralidade vai dando luz à identidade, mas também vai envolvendo a família mais próxima, a comunidade, o povo, a região, o continente, o planeta.

Pelo fio tecido neste texto, compartilhei parte das minhas passagens dos quatro ciclos de treze anos, partindo da minha ancestralidade e retornando a ela. Não se trata somente de falar sobre o que foi vivido, mas o que está sendo agora, o que está se tecendo da memória. Este é o chão que piso, o caminho do Encantado do Griô Aprendiz. Se foram apagadas por perseguições e violências as memórias da minha família, se meu bisavô foi perseguido e desceu correndo descalço a serra, se tantas histórias me foram confiadas no lugar de Griô Aprendiz, eu me reconheço como parte de uma grande família Griô que tecemos afetivamente e culturalmente no Brasil. Não estou só. Na busca de mim mesmo não apenas me encontro, sou um coletivo em marcha e em luta, em caminhada e vivência tanto em direção à minha ancestralidade como em direção ao futuro da humanidade.

Deixo aqui esta espiral de vida, indo e vindo no tempo ancestral...

Minha mãe conta que a bisa *Arlinda*, rendeira de bilro, mantinha em seu quarto um retalho sempre inacabado e evitava falar sobre ele. De tanto minha mãe insistir, um dia a bisa chamou ela no canto e disse: “*Não se preocupe minha neta, é o meu manto de morte e eu somente vou acabar com a costura dele quando chegar o meu dia*”. E foi bem velha que a minha bisa acabou a sua costura e logo em seguida se encantou numa estrela.

## REFERÊNCIAS

- AKAWÃ TUPINAMBÁ, Nádia Batista da Silva. **Praticando saberes e fazeres: a alimentação como fonte da revitalização da saúde e cultura na escola indígena tupinambá**. 2018. 46 f. TCC (Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena) – Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2018.
- BAIANO & OS NOVOS CAETANOS. Arnaud Rodrigues, Sebastião Valentim, Chico Anysio. Música: Rio de Janeiro, 1974. LP
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 23 jun. 2021
- CAIRES, Márcio. Caminhada de Iniciação de Márcio Caires na África do Oeste. **Revista Diversitas**, São Paulo, a. 2, n.3, set. 2014 - mar. 2015, p. 100-133. (Dossiê Pedagogia Griô). Disponível em: <http://pedagogiagri.com/files/2021/01/PACHECO-L%C3%ADlian.-Pedagogia-Gri%C3%B4-educ%C3%A7%C3%A3o-tradi%C3%A7%C3%A3o-oral-e-pol%C3%ADtica-da-diversidade.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021
- CAIRES, Márcio. Caminhada do Velho Griô no Brasil. **Relatório**, 2012, 36 p. Disponível em: <http://pedagogiagri.com/files/2021/06/Caminhada-do-Velho-Griô.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021
- CAIRES, Róbson Bonfim; CAIRES, Rodrigo Bonfim. **A casa grande dos Lençóis: Dom Basílio no Século XIX**, Salvador: EGBA, 2018. 210 p.
- CAMINHADA Ação Griô. **Chapada**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2011. vídeo. Disponível em: [https://youtu.be/hQRVX\\_qfjJw](https://youtu.be/hQRVX_qfjJw). Acesso em: 22 jun. 2021
- CAMINHOS E PARCERIAS. **A semente do encantado**. Lençóis: TV Cultura, 2001.
- CARTA de Princípios dos Conselhos Estaduais de Cultura do Brasil. Salvador: CEC, 2013. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/files/2021/06/Carta-de-Princípios-ASSINADA-1.pdf> Acesso em: 04 jun. 2021.
- CBA. Congresso Brasileiro de Agroecologia, 11., 2019. São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão: CBA, 2019. Disponível em: <http://www.cbagroecologia.org.br/> Acesso em: 24 jun. 2021
- CEC. **Ações de Márcio Caires no Conselho Estadual de Cultura**. Salvador: CEC, 2013. 73p. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/files/2018/07/Relat%C3%B3rio-Marcio-Conselho-estadual.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021
- CONNECTA. **Fórum Nacional Conselhos Estaduais de Cultura**. Salvador: Conecta, 2020 (2013). Powerpoint. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/files/2021/06/Relatório-ConECTa-2013-Atualizado-2020.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021
- ELUARD, Max; ZIGGATTI, Manuela. **Em busca de Picopeu**. Márcio Caires e João Picopeu. Lençóis: Itinerante Filmes; Grãos de Luz e Griô, 2004. Vídeo. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=rMU432eaGnw&ab\\_channel=ManoelaZiggiatti](https://www.youtube.com/watch?v=rMU432eaGnw&ab_channel=ManoelaZiggiatti). Acesso em: 23 jun. 2021.

GRÃOS DE LUZ. **Grãos de Luz e Griô**: Eu Griô. Lençóis: Grãos de Luz e Ação Griô, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkzCqAAPPvQ>. Acesso em: 22 jun. 2021

GRÃOS DE LUZ E GRIÔ. **Clip Lei Griô Nacional**. Lençóis: Ação Griô Nacional, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2fYbVx9KDEI>. Acesso em: 04 jun. 2021.

GRÃOS DE LUZ E GRIÔ. **Histórico**. A história do projeto Grãos de Luz e Griô. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2017a. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/apresentacao/historico/>. Acesso em 04 jun. 2021.

GRÃOS DE LUZ E GRIÔ. **Ação Griô**: uma política pública referência de gestão compartilhada em rede no Brasil. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2017b. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Biodança Vivência e Identidade**: uma visão biocêntrica. 2. ed. Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire Ceará, 2002. 103 p.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 168-212. (Volume 1)

IBGE. **Censo demográfico**: 1970. VIII Recenseamento geral Bahia. v. 1, t. 13. Rio de Janeiro, 1970.

IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil - 1980, IX**: Censo demográfico dados gerais- migração -instrução fecundidade- mortalidade Bahia. Volume 1, Tomo 4, Número 15. Rio de Janeiro, 1980. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd\\_1980\\_v1\\_t4\\_n15\\_ba.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n15_ba.pdf). Acesso em: 04 jun. 2021.

MACIEL, Márcia Nunes. **Tecendo tradições indígenas**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Lillian. **A Pedagogia Griô**: educação, tradição oral e política da diversidade. Diversitas, São Paulo, a. 2, n. 3, set. 2014/mar. 2015a.

PACHECO, Lillian. **O mito do diamante**: história *Mãe Rosa* e Lillian Pacheco, cordel Márcio Caires, ilustração Delvan Quilombola. Lençóis: Grãos de luz, 2015b. Disponível em: <http://pedagogiagri.com/files/2021/01/LIVRO-O-MITO-DO-DIAMANTE-.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô**. Lençóis: Escola de Formação Pedagogia Griô, 2021. No prelo. Não paginado.

PACHECO, Lillian; CAIRES, Márcio. **Nação griô**: o parto mítico da identidade do povo brasileiro. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2009.

PEDAGOGIA GRIÔ. **A Escola**. Pedagogia Griô. Lençóis: Escola de Formação na Pedagogia Griô, 2015. Disponível em: <http://pedagogiagri.com/escola/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

REIS DA CURA. Lençóis: Tivi Griô, 2017. 1 vídeo (6:37). Publicado pelo canal Tivi Griô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=78EjgbbhTVE&t=9s>. Acesso em: 04 jun. 2021.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. 2. ed. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. Participação na sociedade civil global. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 46, 1999.

TIÃO MOTORISTA. Samba e talento [LP]. Rio de Janeiro: Gravadora Copacabana: CLP11628, 1970.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002. 158 p.

TRILHAS GRIÔ. Reisado de *Seu Isidoro*. Terno de Reis de *Seu Isidoro*. Lençóis: Trilhas Griô Chapada Diamantina, 2008. Disponível em: <http://trilhagriochapada.org.br/reizado-de-seu-Isidoro/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

## LISTA DE REFERÊNCIAS

1. Mãe Rosa. Comunidade Quilombola do Remanso, Lençóis-BA.
2. Nádia Akawã Tupinambá. Aldeia Tucum, Território Indígena Tupinambá de Olivença-BA.
3. Cacique Ramon Ytagibá Tupinambá. Aldeia Tucum, Território Indígena Tupinambá de Olivença-BA.
4. Vêi Dunga, curador. Comunidade da Ponte do Rio Utinga, Lençóis-BA.
5. Dona Tila, cantadora. Comunidade da Ponte do Rio Utinga, Lençóis-BA.
6. Antônio Violeiro. Comunidade de Lajedinho, Lençóis-BA.
7. João Picopeu, sambador. Comunidade do Tanquinho, Lençóis-BA.
8. Tia Arlinda. (bisavó materna)
9. Djeli Mory Diabaté. Mali, África. Griot
10. Mah Kouyatê. Mali, África. Griot
11. Djbril Diabaté. Mali., África. Griot
12. Yaya Konatê. Mali, África.
13. Anna Terra Yawalapiti. Território do Xingú.
14. Dona Julinda Caires (tia-avó). Dom Basílio-BA
15. Dinha (avó paterna). Dom Basílio-BA
16. Supinha (avô paterno). Dom Basílio-BA
17. Dedé de Niní. Dom Basílio-BA
18. Evandro. (irmão). Dom Basílio-BA
19. Ti Gonçalo (tio-avô). Dom Basílio-BA
20. Teobaldo (bisavô). Dom Basílio-BA
21. Lia, Dona Maria das Dores Caires Chaves (mãe). Dom Basílio-BA
22. Dona Maria Lopes. (bisavó materna). Dom Basílio-BA.
23. Dona Joana de Camila (parteira). Dom Basílio-BA.
24. Pedrina Pereira Conceição (rezadeira). Lençóis.
25. Guitinho da Xambá, Griô aprendiz, Liderança do Quilombo Nação Xambá, Olinda-PE. (p.46)
26. Duinha, João Caires Chaves (pai).
27. Dona Maria. Comunidade Quilombola do Bananal.
28. Titõe de Dulce (tio avô materno). Dom Basílio-BA.
29. Seu Zé Martiniano (alfaiate). Dom Basílio-BA.
30. Seu Neca da Venda. Dom Basílio-BA.
31. Rosa dos Santos (professora). Dom Basílio-BA
32. Mestra Janja, mestra de capoeira, Grupo Nzinga
33. Seu Cosme Teixeira. Primeiro prefeito de Dom Basílio-BA
34. Seu Osório da Poça, presidente do MDB. Segundo prefeito de Dom Basílio-BA
35. Mestre Alcides de Lima. Estrela do Sul-MG e São Paulo.
36. Chico Mané, Francisco Valentim (tio do mestre Alcides de Lima). Estrela do Sul-MG
37. Seu Aurino Pereira, Comunidade Quilombola do Remanso, Lençóis-BA.
38. Martinha do Côco, Brasília-DF
39. Manrosa (avó de Rosa dos Santos). Comunidade Jurema, Dom Basílio-BA.
40. Dona Chica. Aracaju-SE

41. Mestre Dirceu. Justinópolis-MG
42. Mestra Doci dos Anjos. Vale do Gramame, João Pessoa-PB.
43. Coxini Karajá, do povo Karajá
44. Dona Nilza de Zebertulino. Lençóis-BA
45. Dona Ivanilda parteira. Lençóis-BA
46. Vane. Lençóis-BA
47. Bau Ferreiro. Lençóis-BA
48. Seu Cori. Lençóis-BA
49. Dona Vane, rezadeira do Lavrado. Lençóis-BA
50. Pedro de Laura, pai de santo. Lençóis-BA
51. Seu Zeca. Lençóis-BA
52. Dona Antônia do Barro Branco. Lençóis-BA
53. Dona Derina, liderança terno de reis. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
54. Dona Ana, liderança terno de reis. Lagedinho-BA
55. Dona Dominga, liderança terno de reis. Lençóis-BA
56. Seu Antônio, liderança terno de reis. Lençóis-BA
57. Seu Isidoro, liderança terno de reis. Comunidade Ingazeira. Lençóis-BA
58. Seu Zé Herculano, liderança terno de reis. Comunidade Água Boa. Lençóis-BA
59. Seu Zé de Filício, liderança terno de reis. Tanquinho. Lençóis-BA
60. Seu Fidele, liderança terno de reis. Tanquinho. Lençóis-BA
61. Seu Francisquinho, liderança terno de reis. Lençóis-BA
62. Martim, sambador. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
63. Emídio, sambador. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
64. Pedro, sambador. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
65. Joaquim, sambador. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
66. Adalzira, (filha de Vói Dunga). Ponte do Rio Utinga. Lençóis-BA
67. Antoniel, (filho de Vói Dunga). Lagedinho-BA
68. Lina, Comunidade de Pau de Colher. Lençóis-BA
69. Manezim, curador e cantador. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
70. Salvador, tocador e cantador. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
71. Dona Judite, erveira. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
72. Dona Agmar agricultora familiar. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
73. Robertinho, tocador de zabumba cantador e pescador. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
74. Seu Inocêncio. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
75. Dona Tonha. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
76. Caburé, tocador de pandeiro e viola. Comunidade Quilombola do Remanso, Lençóis-BA.
77. Maria, agricultora familiar. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
78. Seu Rosalvo, curador, Comunidade Quilombola da Iuna. Lençóis-BA
79. Dona Jovita, parteira. Comunidade Quilombola do Iuna. Lençóis-BA
80. Valdemar, curador. Comunidade do Tanquinho. Lençóis-BA
81. Egídio Xocó. Povo Kariri Xocó-Al, Baixo São Francisco.
82. Binô (pai de seu Aurino). Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
83. Dona Bela, parteira e costureira. Lençóis-BA

84. Dona Leonor. Comunidade Quilombola do Remanso. Lençóis-BA
85. Biu do Côco. Aliança-PE.
86. Seu Antônio Professor. Comunidade rural de Água Boa, Lençóis-BA.
87. Dona Nice. Comunidade do Baixão, Ibicoara-BA.
88. Seu Geraldo Tartaruga, artesão e cantador. São Luiz do Paraitinga, Campinas.
89. Hamadoun Tadina, griô e artista. Mali, África.
90. Professor Elenaldo Teixeira. Salvador-BA
91. Makota Valdina Pinto. Salvador-BA.
92. Dona Cici, Ebomi Nancy de Souza, contadora de histórias, curadora do acervo de Pierre Verger. Fundação Pierre Verger, Salvador-BA.
93. Dona Dodôra Barbosa, contadora de histórias. Pendências-RN.
94. Eliza Pankararu. Pernambuco
95. Yuran Pankararu. Aldeia Logradouros, Paulo Afonso, divisa entre Bahia e Pernambuco.